HISTORIA

E SENTIMENTALISMO

CAMILLO CASTELLO BRANCO

HISTORIA E SENTIMENTALISMO

I

POETAS E RAÇAS FINAS

II

EUSEBIO MACARIO

CONTINUAÇÃO

II

Livraria Internacional
DE
Ernesto Chardron — Editor
Porto e Braga
—
1880

HISTORIA

Gil Vicente

EMBARGOS Á PHANTASIA DO SNR. THEOPHILO BRAGA

ADVERTENCIA

o periodico ARTES E LETRAS de 1873, publicou o snr. doutor Theophilo Braga dous artigos que pretenderam demonstrar, a toda a luz das demonstrações incontestaveis, que o poeta Gil Vicente era o esculptor da celebrada custodia que foi dos frades Jeronymos, e hoje pertence ao rei. Como nos artigos havia tal qual contextura de probabilidades fundamentadas n'um trecho genealogico evidentemente falso, mas, para muita gente, irrefutavel — a opinião do snr. Braga, applaudida por uma claque de ignorantes ou preguiçosos em averiguações enfadonhas, fez proselytos, e passou em julgado na pequena roda de pessoas que sabem da existencia e das obras do fundador do theatro portuguez. Sujeitos de regu-

lar estudo e bem conceituados em litteratura mostraram-se convencidos de que Gil Vicente lavrava custodias e corrigia cruzes por officio na côrte de D. Manoel e D. João III; e, por curiosidade, nas horas vagas, fazia comedias, e prégava sermões aos frades de Santarem. Alguem, na piugada exploradora do snr. doutor Braga, descobrira que Gil Vicente fôra mestre de carpinteria em Santarem, porteiro dos coutos da comarca de Beja, ourives da rainha D. Leonor — uma serie de anachronismos, de ligeirices, de inepcias que denotam grandes rivalidades de competencia entre a ignorancia e a ousadia. Isto n'um tempo em que a joeira do historiador, do biographo, dos obreiros da reconstrucção, deve ter os orificios do crivo estreitissimos para que um bago de farello não passe com a fina flôr da farinha. Enfarinhados como sabios de carnaval é que elles por ahi se estadeiam, os refundidores dos velhos elementos; e, abusando do desleixo e da calaceirice dos seus contemporaneos, mettem afoutamente mãos e pés nas trevas do passado, e tiram de lá historia como na Grecia os Hesiodos e Homeros tiravam theogonias do cahos primitivo. São uns Bernardos de Brito mais destemidos e menos vernaculos. O de Alcobaça escorava-se em authoridades imaginarias; estes, da tempera positiva, esteiam-se em si proprios.

Desconfiei sempre de que o snr. Theophilo Braga sabia tanto do pai de Gil Vicente, como do pai de Luiz de Camões, como da mãi de Sá de Miranda. Faltavam-me provas plausiveis para contradictar-lhe

a sua biographia de Gil Vicente; mas sobejava-me aquelle simples senso commum que só pelo tino palpa os aleijões historicos. Depois deliberei-me a trabalhar pela verdade quanto o incansavel professor labutára de phantasia, e pude averiguar bastantes informações para de todo me convencer que um Gil Vicente fazia os autos, e outro Gil Vicente as custodias do reinado de D. Manoel e D. João III. Não inculco a valia do meu escripto como inquestionavel, porque ha ahi inducções de mera intuição, propriamente minhas; mas submetto ao exame de quem quer que seja os testemunhos escriptos que me encaminharam.

GIL VICENTE

A respeito de Gil Vicente, apenas subsistem opiniões fundamentadas nos fracos alicerces das biographias que precedem as suas obras. Dão-lhe como patria Lisboa, Guimarães, Barcellos, e já o abbade de Castro e Rivara lhe assignaram a villa da Pederneira. Esta ultima opinião está abaixo da analyse: é uma puerilidade fundada n'uma passagem do Auto da Lusitania, em que o Licenceado relator vem dizer á scena:

Gil Vicente, o autor
Me fez seu embaixador,
Mas eu tenho na memoria
Que para tão alta historia
Nasceu mui baixo doutor.
Creio que é da Pederneira,
Neto de um tamborileiro;
Sua mãi era parteira,
E seu pai era albardeiro, etc.

Se Gil Vicente fosse filho do albardeiro, não o mandaria apregoar na sala da comedia a um auditorio fidalgo. A graça d'essa passagem estava em que o auditorio sabia perfeitamente que o poeta não era isso; ou bem póde ser que elle, envilecendo-se, quizesse ironicamente amordaçar a maledicencia invejosa que o detrahia. Fosse o que fosse, a descoberta dos dous litteratos é pouco menos de insensata.

Os que fazem Gil Vicente nascido em Lisboa apegam-se á tradição, e nada offerecem para a sustentar. Costa e Silva dava como prova uns versos allusivos a D. João II, argumentando que o poeta ainda vira aquelle monarcha, e por conseguinte nascera em Lisboa. Isto não vale nada. Podia vêl-o aos vinte e cinco annos, se nasceu, como se presume, á volta de 1470, porque aquelle rei morreu em 1495. Os que á imitação do snr. Theophilo Braga, antes das suas ultimas reconsiderações a favor de Guimarães, lhe dão Lisboa como sua terra porque elle em um auto diz a «*nossa* Julia», nada justificam, porque o dito d'um personagem não nacionalisa o author, nem um minhoto que diga a «nossa Lisboa» deixa presumir que lá nascesse. Diogo Bernardes era inquestionavelmente do Alto Minho; e, fallando do Tejo, escrevia:

O triste caso que chorando cantas
. . . .
Ainda espero que farei ouvil-o
Com grande espanto, com inveja grande,
D'um polo a outro, do nosso *Tejo ao Nilo.*

Seria Bernardes de Lisboa e não de Ponte do Lima, se o possessivo *nosso* significasse naturalidade.

Quanto á honra que Barcellos reclama — se é que Barcellos pensa em tal cousa — essa tradição começou a ter uma certa força quando frei Pedro de Poyares n'um livro publicado em 1672 com o titulo de Tractado panegyrico em louvor da villa de Barcellos, etc., disse, no artigo *Homens de Barcellos que escreveram,* pag. 28: «*Gil Vicente,* em tempo de D. João o III, poeta celebre, foi natural de Barcellos; e andam algumas cousas suas impressas. Seu modo de dizer era engraçado, e era na qualidade nobilissimo; Belchior de Goes Rego, homem principal da villa de Barcellos e do habito de Christo, commendador da casa de Bragança, era seu neto ou bisneto». Logo direi a causa d'esta errada supposição.

Pelo que respeita a Guimarães, a tradição mais corrente concorda com os poucos nobiliarios em que apparecem Gil Vicente e os seus descendentes; e, se uma somma de probabilidades colhidas fóra da tradição podem aproximar-nos da apparente verdade, assim mesmo, eu não ousarei affirmar que elle nascesse em Guimarães, pois que não juro cegamente nas affirmativas dos linhagistas.

Não se deve dar algum valor ao que escrevi em uma das Novellas do Minho a respeito de Gil Vicente. Fiei-me na Sedatura de Christovão Alão de Moraes, a quem retirei as minhas crenças quando, com um pouco mais de estudo, conheci que este genealogista era ás vezes ignorante e outras vezes mal

intencionado nas suas fraudulentas origens das familias. Depois darei a razão da minha descrença.

Eram concordes as noticias, posto que vagas e não assentes, em dar nascimento nobre a Gil Vicente, quer elle houvesse nascido em Guimarães, Barcellos ou Lisboa. Quem primeiro o fez filho d'um ourives de prata foi Alão de Moraes. E o snr. Theophilo Braga que o dera fidalgo na HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA, fêl-o depois plebeu, á conta do citado Alão, quando a procedencia popular lhe conveio á profissão mecanica do esculptor e poeta. Tal foi o assumpto dos seus dous, aliás menos desordenados artigos nas ARTES E LETRAS; e tal é o motivo d'esta aborrecida nota com que pretendo desfazer a preoccupação talvez contagiosa do professor do Curso superior de letras.

O nome *Gil* inçava Portugal no seculo XV, e os *Gis* e os *Vicentes* em Guimarães eram nomes communs da alta, da média e da infima classe. Possuo um codice de 1455 em que os foreiros de casaes dados á igreja de Santa Maria por D. Affonso V são pela maior parte *Gis* e *Vicentes*.

Entre estes está o avô, segundo a filiação arbitraria de Alão de Moraes, d'um certo Gil Vicente, que poderia ser o esculptor, mas com certeza não era o poeta.

Por esse tempo existia em Guimarães a familia Cantos, procedente da Galliza. D. Maria Annes do Canto foi dama da rainha D. Filippa, mulher de D. João I. Em 1402, João Gonçalves do Canto, feito

cavalleiro por aquelle rei, vivia em Guimarães. Esta familia sahiu do Minho no reinado de D. Manoel, e passou ás ilhas em tempo de D. João III onde adquiriu grandes casas que subsistem. Em Lisboa, ficou uma vergontea menos favorecida d'esse tronco illustre, quer por bastardia, quer por capricho da fortuna bastarda. O desembargador Pedro da Silva do Canto, casando em Leiria na nobilissima casa de Athaides, continuou na metropole a estirpe illustre.

A essa familia, em que tambem se vulgarisára o nome *Gil,* pertencia o poeta, bem como outro Gil Fernandes do Canto e seu filho Marcos Gil, moradores da casa d'el-rei D. João III. (PROVAS DA HISTORIA GENEALOGICA, tom. VI, pag. 585). Pedro Annes do Canto que instituiu um dos morgadios da ilha Terceira era filho de Maria *Gil.* Jacome Carvalho do Canto, natural de Guimarães e author de muitos livros mysticos, era sobrinho de Gil Vicente, poeta comico, diz Diogo Barbosa Machado, na BIBLIOTHECA LUSITANA. Morreu em Lisboa em idade avançadissima. Creio que fosse parente; mas, tendo morrido em 1623, não poderia ser sobrinho em primeiro grau do poeta fallecido oitenta e tantos annos antes proximamente. Gil Vicente não se appellidava *do Canto,* é isso verdade; mas nenhum outro appellido usára; identica omissão guardou o seu parente Marcos Gil, filho de Gil do Canto.

A universidade estava então em Lisboa. Gil Vicente seguiu o curso de jurisprudencia; não se sabe

porém se o concluiu, se o interrompeu. Nada ha persuasivo de que o affecto ás trovas implicasse a frequencia do direito. Não conheceu interiormente a côrte de D. João II, como se tem dito, nem grangeou a estima da rainha, antes de viuva, com as suas composições.

Como tenho de escrever especies ignoradas ou pelo menos ainda não impressas ácerca de Gil Vicente, considero-me no dever de expôr as velhas fontes d'onde derivam novidades um tanto estranhas.

Possuo um corpo de nobiliarchia manuscripta em dez tomos in-folio. No primeiro tomo, a modo de prefacio, lê-se o seguinte: *A quem lêr. Breve satisfação apologetica da ordinaria censura com que muitos costumam calumniar a quem, meramente curioso, gasta o seu tempo no emprego de semelhante trabalho. Com o leitor candido fallo; que o malevolo é indigno da minima satisfação. Nos penultimos annos da minha vida toda cheia de continuos achaques, chegaram á minha mão uns livros genealogicos, escriptos por Joseph de Cabedo de Vasconcellos, natural e morador na villa de Setubal, e juntamente uns outros papeis que Manoel Moniz Castello Branco natural da villa de Fronteira deixou escriptos d'essa mesma materia. De ambos estes, por saber que foram sujeitos de prendas e dignos de credito, e por me constar fizeram particular estudo e exame para escrever com acêrto e verdade, n'esta mesma materia, mandei copiar e transcrever fielmente o que n'elles achei, nem me cancei nun-*

ca na averiguação de antiguidades. O principal fim que moveu a minha curiosidade a emprender este trabalho foi o achar n'elle curioso divertimento em tempo que não podia lograr outros, entendendo tambem não ser este tão ocioso e inutil que se não podessem seguir d'elle algumas conveniencias, não sendo a menor deixar estas memorias á minha posteridade, advertindo-lhe a cada qual em particular que faça o conceito d'ellas que mais verosimil lhe parecer, porque em toda a lição que consta de variedade de opiniões, difficultosamente se póde achar infallivel certeza; maiormente no apuramento de tradições antigas. O segundo motivo que despertou a minha curiosidade foi ter-me ensinado a minha experiencia que em muitas occasiões se andam mendigando estas noticias frustradas muitas vezes (pela falta d'estes escriptos) e com damno de muitos negocios importantes a quem as procura, como succede nas opposições d'algumas heranças, e nas dispensações para casamentos. Nem obsta uma razão que escrupulosamente me podia divertir d'este trabalho, que é o poder-me alguem objectar que d'estas noticias escriptas póde casualmente resultar algum desdouro de familia particular. Esta objecção facilmente se desvanece com duas razões mais nervosas e efficazes, sendo a primeira que se não lerá n'estes escriptos cousa alguma que possa macular o lustre d'alguma geração, porque n'isso puz grande cuidado; a segunda razão, porque é

*

maior sem duvida o credito e abono que resulta a muitas familias, pela injuria e mudança dos tempos, escurecidas do seu primeiro esplendor, fazendo-se lembrado este com a lição d'estas memorias. Se, ultimamente, n'este trabalho achar quem o lêr que mereço algum louvor, dê-o todo a Deus; e, se reprehensão, benignamente lhe peço dissimule as minhas faltas. Elvas 7 de julho de 1706. Affonso da Gama Palha.

Vejamos o credito que merece Affonso da Gama Palha na opinião de D. Antonio Caetano de Sousa, e bem assim Joseph de Cabedo e Vasconcellos e Manoel Moniz de Castello Branco: *O bacharel Moniz de Castello Branco escreveu das familias d'este reino e especialmente das de Fronteira e Monforte. Os seus escriptos copiou Affonso da Gama Palha, e estão em poder de seu genro D. João de Aguilar Mexia, morador em Elvas.* (Apparato á Historia genealogica, tom. i, pag. cxxvii). Estes manuscriptos são os que possuo. Quanto a Joseph de Cabedo, diz D. Antonio Caetano de Sousa: *Joseph de Cabedo de Vasconcellos, filho de Jorge Cabedo de Vasconcellos e de D. Anna de Castello Branco, natural de Setubal, ao qual em 17 de março de 1645 se lhe passou alvará de moço fidalgo, foi juiz da Tabola d'aquella villa, da familia de seu appellido. Escreveu um nobiliario em cinco volumes que ficou a seu filho Jorge de Cabedo; teve grande trato com Joseph de Faria e Diogo Gomes de Figueiredo, e assim os*

seus livros são estimaveis, e entram no numero dos exactos, e de reputação os quaes eu vi. (Idem, pag. cxxx).

Indicada tanto quanto é possivel a exactidão dos meus expositores, n'elles declino a responsabilidade que possa advir-me pela estranheza das noticias que vou transcrever a respeito de Gil Vicente.

Quer interrompesse, quer concluisse a carreira juridica, Gil Vicente foi honrado com a missão de ensinar rhetorica ao duque de Beja D. Manoel, que succedeu no throno por morte de D. João II. D. Manoel era instruido, conversava muito jovialmente, tinha agudezas e era epigrammatico: denunciava a convivencia do mestre que devia exercitar, nas prelecções, mais facecias de Plauto que sentenças de Quintiliano. O educando ficou muito affeiçoado á historia, que lia assiduamente, e ás palestras agradaveis *inter pocula,* posto que não bebesse vinho. Apraziam-lhe mais os bons conversadores á mesa de que os bons cozinheiros. (De rebus Emanuelis, de J. Osorio, *in fine*). Os eruditos e os viajantes eram-lhe predilectos. Conhecia a preceito a lingua latina; e n'esta prenda, rara em monarchas, ser-lhe-hia grande auxiliar o latinista Gil Vicente. Em fim, tinha sido educado, no dizer do bispo de Silves, *como quem não fôra creado na esperança de subir ao throno.* Aprendêra humanidades com D. Francisco Fernandes, bispo d'annel em Evora; e não era hospede na astronomia em que o leccionára o seu astronomo Diogo Mendes.

A eloquencia foi muito estimada em Portugal desde o reinado d'Affonso v. A rhetorica entre nós tem uma antiguidade que as outras nações devem invejar-nos. Ensinaram-na em Lisboa Cataldo Siculo e Diogo Sigêo. D. João ii admirava tanto o primeiro que, n'uma explosão de prodigalidade, lhe mandou dar *um mantão, pelote, calças de menim, jubão de setim e um barrete.* N'esse mesmo dia, mandava dar a André Fernandes, moço da cavallariça, *um capuz, pelote, calças e carapuça de antona, jubão de fustão com mangas e collar de veludo preto* [1]. A andaina de roupa do egoariço era melhor. Não se admire a gente da sovina remuneração que D. Manoel deu ao seu mestre de rhetorica. Todos os reis portuguezes reunidos e espremidos não deram aos seus poetas tanto como el-rei actual a um que lhe poz na rampa e á sua vista a bruta ferocidade de seu avô que matou a sua avó a punhaladas e fez matar o suspeito adultero com a faca da cozinha — a das almondegas. Espostejava-se um Alcoforado como quem retalhava um veado de Villa Viçosa! E, n'este caso, se alguem dava ares de veado, não era elle.

O certo é que D. Manoel teve uma educação litteraria não commum para o tempo, e quiz que seu filho e os fidalgos a tivessem. A sua côrte era um al-

[1] J. Pedro Ribeiro, Dissertação chronologica, tom. v, pag. 308.

fôbre de erudição, cujas tradições a infanta D. Maria sustentou com as suas Sigêas e Hortensias.

Acclamado D. Manoel, Gil Vicente seguiu a côrte, sem todavia ter n'ella a nobilitação dos matriculados nas moradias da casa real. Deixou de professar a rhetorica, visto que o real discipulo o dispensava, e abriu carreira nova creando o theatro. O officio de fazer rir a côrte não se distanceava muito da profissão dos truões, até mesmo na liberdade com que o faziam a despeito da decencia e das cousas respeitaveis. — Eram *pasquins,* como dizia Sá de Miranda grandemente satyrisado por Gil Vicente, como demonstrarei no estudo seguinte a este. Se D. João II, uma vez, déra o habito de S. Thiago a um negrinho que o fazia rir, D. Manoel houve-se briosamente não dando isso, nem o fôro de escudeiro ao seu artifice de comedias. Dava-lhe, ao que parece, o urgente para a vida.

Gil Vicente casou cedo com Branca Bezerra. Costa e Silva, com a sua usual superficialidade critica, diz que o appellido da mulher indica pessoa ordinaria. É certo que esta familia decahira por motivos de perfidias a D. Sancho II, accusadas pelo conde de Barcellos, no Nobiliario; mas no Alto Minho havia *Bezerras* fidalgos; e os de Branca, domiciliados em Lisboa, tambem eram illustres. O chantre da Sé, Paulo Bezerra, conhecido de Miguel Leitão de Andrade, era d'essa familia, talvez sobrinho de Branca.

Esta senhora falleceu e foi enterrada em Evora, com o epitaphio conhecido, que o viuvo lhe fizera:

Aqui jaz a mui prudente
Senhora Branca Becerra
Mulher de Gil Vicente
Feita terra.

Não se sabe o anno da sua morte; mas eu, quando leio o tom magoado com que o poeta faz carpir-se um seu personagem na Comedia do Viuvo, representada em 1514, imagino que Gil Vicente desafogava a sua dôr nos dizeres do viuvo que, sem essa personalidade, seriam descabidos na comedia.

Esta desastrada vida
Que perdiera yo en perdella
Quando al mundo fue venida?
. . . .
Que perdi muger tan bella
Como estrella.
Y pues triste me dejó,
Muriera mezquiño yo,
Y no ella.
Pluguiera á Dios que cupiera
La suerte suya por mia;
Pues quedé, que no debiera,
Robada mi compañera,
Consumida mi alegria.
. . . .
Alegre com mi alegria;
Com mi tristeza lloraba;
Pronta á cuanto yo decia;
Queria lo que yo queria;
Amaba lo que yo amaba.

A mesma phrase do epitaphio:

No fue muger mas prudente
En las prudentes.
....

Uma das filhas do viuvo da comedia é *Paula*. Paula era tambem uma filha de Gil Vicente.

O fallecimento de Branca seria repentino, porque Paula, deplorando-a:

Ahora que mi madre estaba
Mas alegre e descançada,
Cuando mucho sana andaba,
Y mas recia se hallaba,
Cuan presto fue salteada!

Quem lêr as primeiras scenas da comedia, sem lhes ligar a intenção dolorosa e pessoal do author, não comprehenderá as demasias sentimentaes do viuvo e dos filhos que choram a boa esposa e mãi, não havendo, na estructura da composição, scena alguma enlaçada com esse facto. Gil Vicente e sua filha Paula, sem mudança de nome, vinham a publico carpir-se em sua orphandade e viuvez. Quanto amarga seria ao poeta a obrigação de fazer rir nas scenas subsequentes!

A este tempo, Gil Vicente tinha tres filhos: Paula Vicente, Gil Vicente, e Luiz Vicente. Gil deveria orçar pelos vinte e cinco annos; e ou estava na India, por onde tinha andado com Affonso d'Albuquerque, ou regressára á patria depois da morte do capitão general, fallecido em 1515. Nos COMMENTARIOS DO GRANDE AFFONSO D'ALBUQUERQUE encontramos a

pag. 442, edição de 1576, noticias d'este filho de Gil Vicente, na qualidade de escrivão de embaixada: «...Despachado este embaixador, mandou Afonso Dalboq̃rq̃ em sua cõpanhia, pera assentar paz, Diogo Fernandez adail de Goa, e o filho de Gil Vicente por seu escrivão e João Nauarro por lingua...» Braz d'Albuquerque, o historiador, quiz resalvar o equivoco que se daria, pondo o nome do pai que era o mesmo do filho; ou teria de repetir nomes contra a belleza da redacção em que primou. Gil Vicente devia ser um dos seis ou sete escrivães que Affonso de Albuquerque usava trazer comsigo, um dos quaes foi Gaspar Corrêa, o das LENDAS, que explica o seu officio a pag. 46 da parte I do tomo II das LENDAS DA INDIA.

Gil Vicente, voltando da India, casou com uma senhora da familia de Almadas e Menezes, ramo illegitimo do tronco de Cantanhede, e escasso de bens da fortuna.

Paula Vicente foi recebida como moça da camara de D. Maria, e mais tarde na côrte de D. Catharina, como *tangedora* (musica) e não «mestra de donzellas» segundo inculca o snr. Theophilo Braga na HISTORIA DO THEATRO PORTUGUEZ, não sendo curial que as donzellas precisassem de ser *tangidas*.

Luiz Vicente, em 1562, já muito na velhice, nos dá signaes de existir ainda, escrevendo o prologo da edição das obras de seu pai.

Enviuvára Gil Vicente, ao que parece, á volta dos quarenta e poucos mais annos.

Tinha enviuvado por esse tempo, em Lisboa, do commendador de Christo Gaspar de Goes Rego, D. Maria Tavares. Era natural de Barcellos o commendador, e ella de Ponte do Lima, Tavares por seu pai, e Borges por sua mãi. Gil Vicente contrahiu segundas nupcias com esta senhora, e teve d'ella uma filha que se chamou Valeria Borges. E aqui se vê como teve origem a tradição da naturalidade de Gil Vicente em Barcellos. Fr. Pedro de Poyares, que escrevia o seu livro, o TRATADO PANEGYRICO, seculo e meio distante do facto, disse que Belchior de Goes Rego era neto ou bisneto de Gil Vicente, sendo certo que o referido Belchior era apenas um dos enteados de Gil Vicente, porque D. Maria Tavares teve de seu primeiro marido quatro filhos, cujas descendencias não vem aqui a ponto.

D. Valeria Borges casou na mesma familia (onde casára seu meio-irmão Gil Vicente) com D. Antonio de Almada e Menezes, quarto neto por bastardia do senhor de Cantanhede, e tiveram os seguintes filhos: D. Luiz, D. Pedro, D. João, D. Constantino que governou Chaul, e tres filhas religiosas, Brites, Helena e Maria.

O mais velho, D. Luiz, que vencêra o litigio do morgadio da Tamugem, casou com D. Antonia de Almada, filha de seu primo co-irmão Gil Vicente. D'esta homonymia, infere-se que Gil Vicente dera o nome de seu pai a um filho que se casou com uma bisneta do poeta. Esta senhora, enviuvando, *se casou com um homem baixo,* diz Joseph de Cabedo. A descendencia de

Valeria Borges some-se nos seus bisnetos D. Antonio de Menezes, morgado da Tamugem que casou em Setubal, D. João que não casou, D. Juliana mulher de Manoel de Andrade, D. Maria, de Antonio Garcez, e D. Helena, do corregedor Manoel de Brito de Menezes.

Tenho dito o que pude averiguar; não se cuide todavia que os genealogicos deram alguma importancia á pessoa de Gil Vicente. Elle entra nas paginas obscuras da costaneira porque teve um filho e uma filha ligados a Almadas e Menezes. Pelo que respeita ao grande vulto litterario do seu seculo, chamam-lhe «bom poeta, e mestre de rhetorica de D. Manoel».

O que nenhum d'elles lhe chama é lavrante da rainha D. Leonor, nem artifice da custodia de Belem.

Quem induziu o snr. Theophilo Braga á hypothese, se não á certeza, de que o Gil Vicente poeta era o Gil Vicente lavrante, foi a SEDATURA de Christovam Alão de Moraes que diz isto: *Martim Vicente foi um homem natural de Guimarães; dizem que era ourives de prata; não podemos saber com quem casou; só se sabe de certo que teve a* GIL VICENTE, *filho unico d'este Martim Vicente, foi homem muito discreto e galante, e por tal foi sempre muito estimado dos principes e senhores do seu tempo. Foi o que fez os Autos que em seu nome se imprimiram, e por sua muita graça foram sempre celebrados pelos melhores que se fizeram n'aquelle genero. Está sepultado em Evora.*

Não duvído que Christovam Alão de Moraes se equivocasse com a origem dos homonymos Gis Vicen-

tes, de Guimarães; porque, de feito, houve dous contemporaneos, um que fazia os Autos e outro as esculpturas. No equivoco de Alão tem grande parte a superficialidade das investigações. Como linhagista, os seus dictames raro mereceram credito, e a opinião commum dos doutos a seu respeito era esta de D. Antonio Caetano de Sousa, que reproduzo com todos os aleijões grammaticaes: *Christovão Alão de Moraes, desembargador do Porto, onde viveu e morreu, homem letrado na sua profissão e erudito, e mui dado ás genealogias, de que escreveu seis volumes. Não se lhe póde negar que soube muito, mas não tinha intenção mui recta, e que no que toca á genealogia, não merecem os seus livros estimação porque escreveu sem escolha, de pessoas desconhecidas, e que não deviam entrar em Nobiliario, e ainda que sómente para deslustrar umas e outras as metteu entre as familias illustres e nobres. Estes livros vi n'esta côrte em poder de um religioso de S. Francisco que os tinha para os vender, e querendo um grande senhor compral-os, m'o communicou, a que lhe respondi que só para os queimar o podia fazer, porque no mais não serviam para nada.* (App. geneal., pag. cxxii).

O *grande senhor* — diga-se de passagem — que queria comprar a Sedatura não escapou á sagacidade de D. Fr. João de S. José Queiroz, bispo do Pará, que o beliscou assim e injustamente nas suas Memorias, pag. 160: *O duque de Cadaval D. Nuno Alva-*

res Pereira não quiz comprar as MEMORIAS GENEALOGICAS *de Christovão Alão de Moraes dizem que pela liberdade com que o author qualificava as pessoas de quem escrevia. Creio que foi por não dar os 600$000 reis que se pediam. Certo é que o tal duque fazia diario das indecencias e miserias de muitas pessoas illustres, vendo o mundo o castigo em sua casa sem passar a terceira geração. Aprendamos e tenhamos compaixão das miserias do mundo e até das do duque e sua casa.*

O que ha melhor na critica do bispo é o *aprendamos;* e, na observancia do preceito prelaticio, examinemos os artigos do snr. Theophilo Braga, que, se bem me recordo, fizeram ha seis annos certo abalo que ainda dura nos animos — nos raros animos impressionaveis por sensações de letras ou artes.

Concedo a Christovão Alão e ao snr. Theophilo Braga que houve um Gil Vicente, de Guimarães, lavrante da rainha e esculptor da custodia de Belem. Esse artifice Gil Vicente teve um filho, moço da capella d'el-rei D. João III. A pag. 789 do tom. II das PROVAS DA HIST. GENEAL. lá se encontra BELCHIOR VICENTE, *filho de* GIL VICENTE. Este é que é o lavrante, o vedor das obras de ouro e prata, o primoroso artista da custodia de Belem, o qual teve bastante importancia na côrte para elevar o filho até *ás honras* de moço da capella, galardão que elle compartia com Lourenço Dias, da *mantearia,* e com Tristão Ferreira, *filho do sapateiro da rainha.*

Só o preconceito e o enthusiasmo de innovador

desculpam o snr. Theophilo Braga de admittir que o douto, o philosopho, o grammatico Gil Vicente redigisse e abrisse com o seu buril a tôsca inscripção da custodia. Quem acredita que o author dos Autos escrevesse AQVABOV por *acabou*, e *sehor* por *senhor?* Esta orthographia denota, ainda em relação ao tempo, uma supina ignorancia, injuriosa para o poeta.

Outros reparos aos artigos do snr. Theophilo Braga.

Não é exacto, em quanto se não provar com aceitaveis authoridades, que Luiz Vicente casasse com uma filha de Luiz de Pina, fidalgo. Não descobri semelhante alliança depois de enfadonhas averiguações, nem em Torres Vedras jámais existiram fidalgos com appellido de *Pinas* e *Godinhos,* como se deprehende da DESCRIPÇÃO HISTORICA de Torres Vedras por Manoel Agostinho Madureira Torres. Por esse tempo, existiu em Lisboa um Luiz de Pina que era mentecapto. Se o esclarecimento é de Alão de Moraes, não merece credito.

Paula Vicente nunca foi camareira da rainha D. Catharina, como quer o snr. Theophilo. Camareira era a maxima jerarchia nas empregadas do paço. Desde 1542 até 1564 a camareira-mór (não havia camareiras menores) da rainha D. Catharina, foi D. Cecilia Bocca-negra; desde 1564 até que a rainha morreu foi D. Joanna d'Eça — uma e outra das principaes familias do reino —, e antes d'estas, haviam exercido essas altas funcções D. Maria de Velasco e D. Filippa d'Athaide. Paula Vicente, excluida de todos os empregos do paço de alguma importancia, era apenas

tangedora, conforme o documento descoberto pelo snr. visconde de Juromenha.

O snr. Theophilo Braga observa, em confirmação da sua hypothese, que, no CANCIONEIRO DE REZENDE, a rainha manda versejar Gil Vicente no feito de Vasco Abul, e o poeta é ahi chamado *Mestre Gyl Viçente.* Do *mestre* deprehende o illustre professor o *lavrante.* Mas a citação não é exacta, desculpe-me s. exc.ª O texto diz: *O pareçer de Gil Vyçente neste proçesso,* etc. N'esse mesmo processo apparece uma *Ajuda de mestre Gil;* mas este mestre Gil não era o poeta dos Autos: era o cirurgião-mór Gil da Costa; e o facto da *ajuda* demonstra que elle exercia o seu officio, como cirurgião. É um gracejo do collector Rezende ou de quem quer que fosse. Gil Vicente, na FARÇA DOS ALMOCREVES, faz o commento da palavra:

« Porque ás vezes estas *ajudas*
« São melhores que os cristeis ».

Este mestre Gil é o mesmo a quem o comico no uso singular de nomear em suas composições pessoas conhecidas, allude na FARÇA DOS FISICOS. É o medico *Torres* que falla:

Topei alli com Mestre Gil
E com Luiz Mendes, assi
Que praticamos alli
O Leste e o Oeste e o Brazil.

Satyra aos medicos que, nas juntas, em vez de fallarem do doente, fallam do léste.

Os esculptores tambem eram mestres. Mestres eram os cirurgiões, os medicos, os boticarios. (Provas da Hist. geneal., tom. vi, pag. 620). Tambem se chamava *Mestre* o chefe dos tamborileiros. (Idem, tom. v, pag. 612). Mas os poetas, os farcistas, os collaboradores do Cancioneiro só eram *Mestres* quando eram physicos, como Gil da Costa, o da *ajuda* a Vasco Abul.

E a proposito d'outro *Mestre*:

Em uma chronica fradesca mostrou alguem ao snr. Theophilo Braga que a rainha D. Leonor testára ao mosteiro da Madre de Deus o relicario que fez Mestre João. Visto isto, o professor escreveu: «O mestre João, author do Relicario... é, *sem duvida,* o mestre João Gonçalves, natural de Guimarães, patricio de Gil Vicente, e sobrenominado o *Engenhoso,* pela sua extraordinaria vocação artistica; a época em que se fixa a sua actividade (1521-1563) coincide com o tempo em que a rainha Leonor escreveu o seu testamento», etc.

Ora, este João Gonçalves, de Guimarães, que se fez conhecer em uma moeda cunhada em 1563 (aliás 1562), segundo o snr. Theophilo Braga leu no estimavel livro do snr. Teixeira d'Aragão, Description des monnaies, médailles, etc., Paris, 1867, não era o Mestre João que fez o relicario. Interpõe-se meio seculo d'um ao outro. Mestre João é um ourives que floreceu no reinado de D. João ii e ainda trabalhou

no reinado de D. Manoel, até 1511. Não era Gonçalves nem era de Guimarães: era simplesmente *Mestre João* nos documentos, um dos quaes notou João Pedro Ribeiro nas DISSERTAÇÕES CHRONOLOGICAS E CRITICAS, tom. I, pag. 332. Diz assim: *Alvará para se pagar em pimenta a razão de 22 cruzados ao quintal 131$430 reis a mestre João ourives do Feitio da Custodia que mandára fazer* (D. Manoel) *para o mosteiro da Conceição de Beja. A* 25 *de Junho de 1511.*

O snr. Theophilo Braga, antes de formular as suas *indubitaveis* asseverações, devia attemperar-se aos rançosos processos de estudar muito para affirmar pouco. As suas precipitadas inferencias poderiam damnificar-lhe a authoridade, se tivesse alguma.

Quem o authorisou a dizer que João Gonçalves, o *Engenhoso,* trabalhou activamente entre 1521 e 1563, se o snr. Aragão simplesmente lhe ensina que João Gonçalves, de Guimarães, gravou em uma moeda do reinado de D. Sebastião a data 1563? Ninguem o authorisou. Logo: a primeira data 1521 é phantasia do snr. Theophilo Braga, é uma fraude innocente e irrisoria; mas não deixa de ser uma falsificação que o exautora do minimo credito em algarismos biographicos. Os precalços d'estas mistificações são nullos em um paiz de preguiçosa incuria; mas os menos lidos, como eu, abrem ao acaso um livro de João Pedro Ribeiro e encontram a obra notavel de Mestre João Ourives fabricada antes de 1511; depois, de documentos inductivos e consentaneos infere-se que as af-

firmações menos aceitaveis como exactas são aquellas que o snr. Theophilo nos encampa com esta nota charlatã: *sem duvida.* Quando lhe fallo em documentos inductivos não pretendo imital-o no fabrico de desastrados testemunhos mentaes. Quero dizer-lhe que, depois de lêr João Pedro Ribeiro, fui consultar o Bispo-Conde na LISTA DE ALGUNS ARTISTAS PORTUGUEZES, pag. 17, e Viterbo no ELUCIDARIO, tom. I, pag. 403, 1.ª ediç., na palavra *Engenhoso,* D. Antonio Caetano de Sousa, na HISTORIA GENEALOGICA, tom. IV, cap. III, palavra *Moeda do Engenhoso,* e frei Joaquim de Santo Agostinho, na *Memoria sobre as moedas do reino e conquistas,* no tom. I das MEMORIAS DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS, pag. 364.

Não destôa d'este assumpto, e a proposito do *Engenhoso* vimaranense, recordar que Guimarães já era no reinado de D. Diniz um manancial de artifices celebres. O melhor serralheiro d'aquelle tempo em Portugal vivia em Guimarães: chamava-se Mem Annes. A pedido da rainha D. Isabel, quando fundava o convento em Coimbra, mandou D. Diniz fabricar uma grade para o côro das freiras, por ser aquelle serralheiro o melhor mestre. Consta d'uma carta autographa, que ainda viu Francisco Leitão Ferreira, escripta de Coimbra por D. Isabel ao monarcha. Pedelhe urgencia na obra d'um *ralete do reso do mosteiro de Sãta Crara,* que o rei mandára fazer a *Vimarais, por la jaser o mestre mais boõ q̃ o fageria cõ a feisõ que se requer.* O rei respondia-lhe: *Sõ serto que será*

*

de feiçõ o ralete que nõ aja otro tal qual ele [1].

Por ultimo, e como allivio ás almas commiseradas pela indigencia de que tão lastimado tem sido Gil Vicente, parece-me não ha razão para se phantasiarem miserias derivadas d'uns versos jocosos do AUTO PASTORIL PORTUGUEZ. Essas lastimas eram o achaque de todos os seus coevos da enfermaria d'Apollo ou do hospital das letras. Balthasar Dias, Affonso Alvares, Chiado, Antonio Prestes, Camões e Bernardes todos se prantearam. Era uma abjecção epidemica nos poetas portuguezes, e de mais a mais não desculpavel pela inexoravel penuria. A corrente mendiga partiu-se sómente depois que a irrisão publica respondeu ás choradeiras ignobeis de Nicolau Tolentino, que tinha sege, e

Que sege, senhor conde!...

Devo confessar que o snr. Theophilo Braga urdiu com algum, porém funesto ardil engenhoso a sua novidade, e é por isso mesmo que eu, com menos artificio e mais naturalidade, intento desfiar-lhe o tecido

[1] COLLECÇÃO DOS DOCUMENTOS E MEMORIAS DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS, tom. IX, pag. 151. Francisco Leitão Ferreira presume que *ralete de reso* seja *grade de côro*. Pendo a crêr que fosse a grade que separava o alpendre exterior da quadra interior que fr. Luiz de Sousa na HISTORIA DE S. DOMINGOS chama *recebimento* (*reso*).

para desfazer preoccupações que atrazam, em vez de adiantarem as inquirições uteis para a nossa historia litteraria.

Em um livro intitulado SUMMARIO DE VARIA HISTORIA, publicado em 1873, lê-se o seguinte periodo d'uma vacuidade deploravel: *Hoje já pouca duvida póde haver sobre Gil Vicente, lavrante, ser o mesmo Gil Vicente, author dramatico, em face das profundas e eruditas investigações a que procedeu o snr. doutor Theophilo Braga... O estudioso professor chegou a inducções, pelo exame da sua genealogia e das suas obras que são bem fundadas; e ainda quando não haja um documento authentico pelo qual se prove que Gil Vicente, lavrante da rainha D. Leonor, é o mesmo Gil Vicente, author dramatico... os factos deduzidos pelo snr. doutor Theophilo Braga levam a crêr que o author e o lavrante são o mesmo homem*. Eis a conclusão.

Lido isto, lembra-se a gente de uns dizeres de Balzac a Leon Gozlan: *Si vous saviez combien l'on ne sait rien!*

O snr. doutor Theophilo Braga é homem de muitas letras no rigor da palavra; mas juizo litterario ainda não vi quem professasse menos. O snr. Ramalho Ortigão, escrevendo-lhe ha pouco a biographia intellectual, disse botanicamente que elle era um escalracho. Eu tambem digo isso. Estende-se, enraiza-se, agarra-se, enreda-se, estraga tudo que toca. Um escalracho tal e qual.

Sá de Miranda

SÁ DE MIRANDA

LEXANDRE Herculano dava pouco valor ao estudo das linhagens como documentos historicos, posto que empregasse esmerado zelo na edição do NOBILIARIO do conde de Barcellos, cuja authenticidade exclusiva invalidou com razões ha muito conhecidas pelas notas de Manoel de Faria e Sousa ao mesmo NOBILIARIO.

Se o grande historiador não desdenhasse as genealogias, escusava de confessar-se menos sabedor d'um escandalo clerical que fez estrondo no fim do seculo XV. No vigoroso opusculo de polemica, intitulado SOLEMNIA VERBA, vem de molde contar o refutador da lenda de Ourique como o arcebispo de Braga D. João Galvão, antes de obter a confirmação, que

nunca obteve, ia comendo as rendas da mitra; e *não sabe dizer até que ponto eram graves as culpas do arcebispo que assim se arriscava a perder a dignidade archiepiscopal* [1]. O caso passou-se assim:

D. João Galvão, bispo de Coimbra e primeiro conde de Arganil, amou D. Guiomar de Sá, irmã do conego Gonçalo Mendes de Sá. Dizem memorias que ella era muito formosa, e de nenhum modo esteril. O seu amor desabotoou-se em duas flôres — dous filhinhos, um menino que veio a ser arcediago de Lavra e uma menina que professou em Lorvão. Elles, o bispo e D. Guiomar, reproduziam-se um pouco em peccado; mas resgatavam-se da culpa fazendo filhos para serviço da Igreja. Feliz culpa que produziu uma freira e um arcediago.

Os Sás de Coimbra, gente de ruins entranhas, timbravam de muito fidalgos. A fragilidade da irmã era-lhes injuriosa. Tinham má vontade ao bispo; mas o prelado, da intimidade e da escóla violenta de D. João II, era temivel, por si e pelos seus homens d'armas. Em Coimbra havia dous arsenaes de espadas e montantes, de alabardas e partazanas: um era no mosteiro dos conegos regrantes, o outro no paço episcopal. Os Sás aguardaram ensejo pacifico de remediarem o escandalo sem se arriscarem. Ageitou-se-lhes a occasião.

Como o bispo-conde fosse nomeado arcebispo de

[1] Opusculos, III, pag. 169.

Braga em 1480, e para lá partisse a cobrar as rendas, como diz Alexandre Herculano, os Sás, na sua ausencia, induziram ou violentaram a irmã a casar com um Affonso de Barros, sujeito, a meu vêr, de medianos escrupulos em cousas de honra. As genealogias d'aquelle tempo são ricas d'estes maridos, com tanto que as esposas houvessem sido amázias de reis e de bispos. Logo darei noticia d'outro marido da mesma laia.

O arcebispo, assim que teve noticia do casamento em Braga, fez tanger as trombetas bastardas, mandou armar algumas centenas de vassallos, bravos minhotos, e em trem de guerra marchou sobre Coimbra, disposto a levar os Sás, a perfida e o noivo a ferro e fogo. Sahiu-lhe ao encontro com bandeira de paz João de Sá, irmão de Guiomar, e com supplicas e razões o desceu da sua ira, movendo-o a desandar no caminho de Braga. Este João de Sá, que tinha sido o alcaiote dilecto do prelado, soube manter-se na sua estima, e ganhou com bem calculada abjecção apanhar-lhe o prazo do Carval. Os actuaes condes de Anadia descendem d'aquelle João.

Quem nunca transigiu com o prelado, fallecido em grande pobreza cinco annos depois, foi o conego. Não se cuide, porém, que este padre Gonçalo Mendes de Sá, tão cioso da honra da mana, désse exemplos de castidade á familia. Elle estava abarregado com uma manceba de quem teve seis filhos, um dos quaes se chamava Francisco de Sá de Miran-

da, grande poeta, do qual algumas pessoas extremamente curiosas tem lido tres até quatro paginas; mas muitissima gente o conhece das antigas charadas:

Sou poeta portuguez — 1.

Poeta portuguez? uma? É *Sá*.

Assim é que se generalisou nas familias o nome do poeta [1].

As pessoas lidas estão afeitas a ouvir dizer a Costa e Silva, a Varnhagen, ao snr. conego Fernandes Pinheiro e ao snr. doutor Theophilo Braga que Sá de Miranda era filho de Gonçalo Mendes de Sá e de Filippa de Sá. Aquelles biographos interpretaram erradamente a filiação que lhe deu Gonçalo Coutinho na segunda edição das suas obras em 1614.

Gonçalo Coutinho escreve:

Nasceu Francisco de Sá de Miranda na cidade de Coimbra, no anno do Senhor de 1495... foi filho de Gonçalo Mendes de Sá, e neto de João Gonçalves de Miranda, e de D. Filippa de Sá, sua mulher, que era filha de Rodriguenes de Sá, etc. Aqui não se nomeia a mãi, é a avó, mulher de João Gon-

---

[1] Os outros filhos do conego eram:

Mem de Sá, desembargador dos aggravos e governador do Brazil; Henrique de Sá, conego em Coimbra, que deixou geração; Gaspar de Sá, que morreu na India; Fernão de Sá, manposteiro dos captivos, emprego rendoso; e finalmente Manoel de Sá de Miranda, prior de Nogueira.

çalves, avô de Sá de Miranda. Vê-se que o biographo acintemente deslisou do pai aos avós, como se n'aquelle tempo ou hoje em dia os netos de Sá de Miranda se envergonhassem de ser netos d'um conego fidalgo. Quem quizer illustrar-se consulte as genealogias manuscriptas dos *Sás de Coimbra.*

Francisco de Sá de Miranda doutorou-se na universidade de Lisboa e foi viajar, quando orçava pelos vinte e seis annos. Andou ausente cinco annos, e, regressando, viveu ora em Lisboa, ora em Coimbra, muito na intimidade da côrte, e na gloria de poeta renovador. Como era pobre, solicitou a commenda das Duas Igrejas no Alto Minho, obteve-a, e retirou-se, á volta dos quarenta annos de idade, dizendo mal da côrte, aonde nunca mais tornou.

É de suspeitar que Sá de Miranda, o classico iniciador da escóla italiana, menosprezasse a reputação mais genial e menos culta de Gil Vicente; e naturalmente o author das FARÇAS DE FOLGÁR metteria a riso na scena o detractor, como usava com personagens de maior respeito. Na farça do CLERIGO DA BEIRA, a satyra a Sá de Miranda é pessoal de mais para a considerarmos mera casualidade. Já sabem que Francisco de Sá era filho d'um clerigo. O clerigo da farça tem um filho que tambem se chama *Francisco.* O proprio pai lhe diz com conhecimento de causa:

Filho de clerigo és,
Nunca bom feito farás.

A comedia foi representada em 1526 em Almei-

rim. Florecia então na côrte Sá de Miranda com grande voga de poeta. A essa invejada prosperidade alludiria ironicamente Gil Vicente, quando o clerigo, menoscabando as qualidades do filho, diz:

Medraria este rapaz
Na côrte mais que ninguem,
Porque lá não fazem bem
Senão a quem menos faz.
Outras manhas tem assaz,
Cada uma muito boa:
Nunca diz bem de pessoa,
Nem verdade nunca a traz.
Mexerica que por nada
Revolverá San Francisco,
Que para a côrte é um visco,
Que caça toda a manada.

Pouco antes, vem á baila os filhos de frei *Mendo*. Haveria intenção de fazer bem transparente a satyra, porque o pai de Sá de Miranda era o padre Gonçalo *Mendes*. Outra allusão clara: Os Sás eram tambem *Menezes*, e d'essa alliança lhes vinha o maior realce da sua prosapia. Gil Vicente, na mesma farça do Clerigo da Beira, zombeteia d'essas pretensões em cortezãos que tem costella de lavrador. Seria de baixa esphera a mãi de Francisco de Sá. O satyrico diz:

Vejo eu portuguezes
Da côrte muito alterados,
Mais propinquos dos arados
Que parentes dos Menezes.

Se Francisco de Sá de Miranda taxou indirectamente de *pasquinadas* as farças do seu coevo, não lhe faltaria direito a mais sensivel desforra; mas não a tirou, o reportado philosopho. Quando se refugiou para sempre na Tapada, iria tambem desgostoso das chufas theatraes do irresponsavel *Pasquino;* mas, em compensação, o poeta sério lograva a commenda das Duas Igrejas, e o poeta comico não tinha *um ceitil,* como elle mesmo confessa.

Sahira talvez da côrte desgostoso e ferido tambem na sua consciencia de legista e na sua sensibilidade de parente de dous homens iniquamente esbulhados dos seus haveres.

Seu tio em segundo grau Antonio Borges de Miranda, senhor de Carvalhaes, Ilhavo e Verdemilho, casára com D. Margarida filha, de D. Affonso Henriques, senhor de Barbacena, de quem houve dous filhos, Simão de Miranda Henriques e Gonçalo de Miranda da Silva, ambos seus companheiros de infancia, e o segundo, futuro abbade de Avelans, seu contemporaneo na universidade, onde se doutorou em direito canonico.

Antonio Borges de Miranda, já avançado na idade, viuvou; mas, ainda verde nas fragilidades, engraçou com D. Antonia de Berredo, fidalga ainda fresca e formosa, que tinha dado á luz um filho de D. João III, um D. Manoel que morreu criança. Os chronistas, e nomeadamente D. Antonio Caetano de Sousa, lembram-se do nome do filho, mas occultam o nome da mãi. Não usaram igual delicadeza com

D. Isabel Moniz, mãi do outro filho illegitimo de D. João III, o mallogrado D. Duarte, arcebispo de Braga, que morreu de bexigas aos vinte e dous annos de idade.

D. Antonia de Berredo, segunda mulher de Antonio Borges de Miranda, gerou Ruy Pereira de Miranda. Este filho do segundo matrimonio estava legalmente fóra da successão dos vinculos de seu pai que pertenciam a Simão de Miranda Henriques, o primogenito em primeiras nupcias. Por sua mãi pouco tinha que herdar.

Falleceu o pai. O successor da casa, Simão Henriques, habilitava-se naturalmente, quando o irmão uterino e a viuva lhe sahiram com embargos á posse. Divulgou-se a pretensão absurda do filho da Berredo. Os jurisconsultos, tanto os estranhos como os interessados na justiça de Simão, indignaram-se contra os embargos. No entanto, D. Antonia recorreu ao seu real antigo amante, e os desembargadores, obrigados por D. João III, sentenciaram a favor do filho do segundo matrimonio, que se apossou de todos os haveres vinculados e commendas de seu pai [1].

[1] Manoel de Sousa da Sylva, NOBILIARIO DAS GERAÇÕES DE ENTRE DOURO E MINHO. A phrase do genealogista é esta: *Ruy Pereira de Miranda succedeu na casa de seu pai por assim o querer D. João* III. O credito d'este nobiliarista está assim consignado a pag. 163 do tom. I da HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL: Manoel de Sousa da Sylva, filho de Antonio de Sousa Alcoforado e de sua mulher D.

O doutor Francisco de Sá de Miranda, primo e amigo dos dous sacrificados, não ousaria expressar o seu agastamento contra o rei, porque lhe era mister a commenda; mas, como jurisconsulto, improperou talvez a iniquidade dos juizes; e assim offenderia indirectamente os ministros Alcaçova Carneiro e Pedro de Carvalho, medianeiros na escandalosa sentença imposta pelo monarcha; — e como poeta resfolegaria o seu azedume nos versos:

Los ayres andam corrutos,
Los hombres cada vez más.

Alludia á peste e ao desavergonhamento.

Bem póde ser que a sufficiente commenda das Duas Igrejas lhe fosse dada como preço do silencio. Elle aceitou-a, e retirou-se da côrte em 1534, cheio de enôjo das infamias que presenciára e talvez receoso da vingança dos poderosos protectores de D. Antonia de Berredo. Isto é uma hypothese para obtempe-

Isabel da Sylva, filha de Duarte Carneiro Rangel. Foi capitão-mór do concelho de Santa Cruz de Riba Tamega; escreveu Notas ao conde D. Pedro em um grande volume in-folio que se conserva original da sua mesma letra na livraria de Luiz Carlos Machado, senhor de Entre Homem e Cavado. Escreveu em quintilhas os solares de todas as familias do reino, manuscriptas, *e um grande numero de titulos de familias com muita exacção, porque viu os cartorios dos mosteiros antigos do Minho de que tirou muitas antiguidades para as familias de que tratou.*

rar a certa opinião perfilhada pelos biographos, quanto aos dissabores do poeta explicativos da sua vida eremitica na Tapada. Querem que esse tedio do mundo procedesse de haver sido parcial do marquez de Torres-Novas quando o infante lhe disputou e tirou a noiva clandestina D. Guiomar Coutinho. Isto não tem geito. Se Sá de Miranda alludisse na Ecloga ANDRES ao infante D. Fernando, João III, e o principe, e o cardeal não lhe dariam a commenda nem o honrariam com as suas cartas.

Não é facil rastejar a causa do seu desaffecto á vida da côrte, a refugar-se a tristeza com que viu seus primos esbulhados da herança do pai; mas este desgosto póde ser que não explique o afastamento que mais depressa se deduz do temperamento melancolico e agreste que reçuma das suas elegias á morte da sua amada em Coimbra, a Delia, que tão chorada ficou nos seus poemas e nos dos poetas seus amigos — saudades que frequentemente o salteavam a termos de que *se suspendia algumas vezes e mui de ordinario derramava lagrimas sem o sentir* [1].

Antes de retirar-se á Tapada — quinta da sua commenda e não da casa de Castro como assevera o snr. Theophilo Braga — pediu Sá de Miranda a D. João III que fosse medianeiro no seu casamento com a irmã de Manoel Machado, opulentissimo senhor de Entre

[1] VIDA DO DOUTOR FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA, por D. Gonçalo Coutinho, na edição de 1614.

Homem e Cavado no Alto Minho. O rei interveio e de prompto foi cedida ao poeta D. Briolanja d'Azevedo, senhora que elle nunca vira [1]. O irmão observou-lhe que ella tinha pouca formosura, menor dote, e já bastantes annos. Não se demoveu Francisco de Sá. Viu-a, quando já estava residindo na Tapada; e, um anno depois, casou. Diz-se que ella era tão velha que já se abordoava a um pau. Creio que lhe attribuem a velhice á conta do cajado, e não reparam que ella teve dous filhos e foi dezoito annos casada. Esta lenda do pau formou-se d'um erro de imprensa na VIDA DE SÁ DE MIRANDA, contada por Gonçalo Coutinho. Ahi se lê que Francisco de Sá dissera á noiva: «*Castigai-me, senhora, com esse bordão porque vim tão tarde*». Seria exquisito, porém, e improprio da irmã de tão graduado fidalgo receber de pau nas unhas o noivo em sua casa. Quem levava o bordão era o poeta. Aquelle adjectivo articular *esse* é um erro typographico. Francisco de Sá diria: «Castigai-me, senhora, com *este* bordão porque vim tão tarde». Significava assim que já ia no declinar dos annos, pois excedia os quarenta [2] ».

Sá de Miranda foi marido exemplar. Reprehendia as sensualidades do cunhado que tambem era poeta, mais femeeiro que apollineo. Amava elle, á minhô-

[1] VIDA DE MANOEL MACHADO D'AZEVEDO, pag. 84.

[2] Extracto d'uma carta minha para um almanach.

*

ta, uma Maria Colassa, não obstante ser casado com a formosa Joanna da Silva — *Nossa Senhora da Silva,* como elle disse ao rei quando o surprendeu pintando-a de memoria. Sá de Miranda queria que elle deixasse a manceba, e Manoel Machado respondia-lhe cynicamente:

De medicos, nem sangrias
Nesta idade, não curemos.
Boas são as Romarias,
De mais longe, e sem Marias,
Por que não nos mariemos [1].

Este frascario fidalgo a final, quando passava dos oitenta annos, morreu tão ajuizado, tão contrito, tão santamente que, á hora da sua morte, viram-se dous meninos impalpaveis no seu quarto, um com uma hostia e outro com um calix [2]. Uma grande figa feita ao diabo.

Não se deprehenda que Sá de Miranda fosse descaroavel com as senhoras *extra-matrimonium,* como diria o snr. conselheiro Viale. Pelo contrario, não comprehendia a vida sem ellas, e francamente o disse na Ecloga Basto:

Mas onde hi não ha mulheres
Vida nem gosto não ha.

---

[1] Vida de Manoel Machado, pag. 87 e 115.
[2] Idem, pag. 136.

Todavia, como homem bem morigerado pelos annos, dera á esposa o coração estreme, excluindo d'essa entranha arisca todas as mulheres a quem apenas concedia licença — uma concessão assás agradavel, qualquer que fosse. Elle o declara magnanimamente em uma das Cartas:

Era em grande differença
Se casaria, se não;
Houve de sahir sentença
Que a só uma o coração
Désse, e désse ás mais licença.

Ha sujeitos corruptos que pedem licença ás mais, e a concedem á sua. Por isso é que ao nosso poeta philosopho se chama o *Seneca* portuguez.

Sá de Miranda tambem era devoto; fez varias poesias á Virgem, o santissimo symbolo do ideal do amor, a quem as melhores lyras portuguezas, a de Garrett por exemplo, prestaram homenagem. É a idolatria das mulheres purificada em adoração, é um refugio das almas saciadas e sempre sedentas.

Quando não lia o seu Homero, jogava o taboleiro, tangia rebeca, era muito musico, e tambem ia á caça dos lobos, foteado e á gineta. Gostava de hospedes que banqueteava lautamente. Carteava-se com os poetas visinhos, e fazia as melhores quintilhas do seu seculo.

Morreu-lhe um filho ás mãos da mourisma em Ceuta; o outro ficou em casa a tocar varios instrumentos com grande pericia, e a levedar no coração

infamias que poderiam ennegrecer a memoria do pai que o gerou. Logo fallarei d'elle.

Quando tinha sessenta annos enviuvou. Ainda fez um soneto de lagrimas á morte da esposa, e nunca mais versejou, *nem aparou a barba, nem cortou as unhas, nem respondeu a carta que alguem lhe escrevesse*. A historia das unhas é singular e não é limpa [1]. Em 1558, aos sessenta e tres annos de idade, acabou [2]. A electricidade poetica de Sá de Mi-

[1] VIDA DO DOUTOR FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA, por D. Gonçalo Coutinho.

[2] Ha um soneto de reputação europêa, entre os trinta e um de Sá de Miranda. Bouterweck, Sismondi e Ferdinand Diniz não o perceberam; mas acclamaram-no admiravel. Não espanta que o não entendessem do modo como elle está pontuado na 1.ª edição e deturpado na 2.ª Além d'isso, Sá de Miranda, como diz D. Francisco Manoel de Mello, é tão vernaculo em seu estylo, tão serrado portuguez, que nenhum estrangeiro póde entendel-o. (HOSP. DAS LETTRAS, pag. 313). É este o soneto que eu pontuei, discrepando da opinião, que vou expôr, d'um eminente litterato:

O sol é grande; caem co'a calma as aves,
Do tempo em tal sazão que soe ser fria.
Esta agua, que d'alto cae, acordar-me-hia
Do somno não, mas de cuidados graves.

Ó cousas todas vãs, todas mudaves!
Qual é o coração que em vós confia?
Passando um dia vai, passa outro dia,
Incertos todos, mais que ao vento as naves.

Eu vi já por aqui sombras e flores,
Vi aguas e vi fontes, vi verduras,
As aves vi cantar todas d'amores.

Mudo e secco é já tudo, e de mistura
Tambem fazendo-me eu fui d'outras cores:
Se tudo o mais renova, isto é sem cura [1].

José Gomes Monteiro, o homem de mais variada litteratura e erudição que ainda conheci, estudou muito a vida intima de Sá de Miranda, inferindo-lh'a dos seus versos conferidos com os successos contemporaneos, e folgava de communicar em conversação despretenciosa as suas inducções d'uma rara perspicacia. O snr. Theophilo Braga, menino e moço n'aquelle tempo — muito devotado a Gomes Monteiro que o iniciára na carreira da litteratura negociavel — ouvia-o, hauria-lhe as idéas com a sêde ardente de quem gosta de as beber já filtradas pelo estudo alheio, e reproduziu as melhores e menos obvias, posto que desconcertadamente na VIDA DE SÁ DE MIRANDA, sem todavia citar o nome do sabio que lh'as insinuou. Gomes Monteiro, com o seu fino sorriso indulgente dizia-me, ao proposito, que lhe era sobremodo agradavel o aproveitarem-se das suas conjecturas; e que muito folgava que não fossem erradas; mas, se o eram, ainda bem que o não citavam os plagiarios, porque a responsabilidade lá ficava ás costas d'elles.

Ácerca do soneto transcripto, conservo o seguinte estudo que José Gomes Monteiro me communicou:

« Este soneto tão admirado por Bouterweck e depois d'elle por Sismondi e por Ferdinand Diniz que ambos o traduziram em todo ou em parte, não foi entendido por nenhum d'estes criticos. Bouterwech cita o original sem o traduzir limitando-se a esta curta observação: « Que bello quadro elegiaco nos dá Sá de Miranda no seguinte soneto AO PÔR DO SOL! » Sismondi, seguindo esta indicação, traduziu:

« Le soleil *grandit sur l'horison*, l'air se rafraichit », etc. Ferdinand Diniz que sabia um pouco mais o portuguez que

[1] Em todas as edições: *E tudo o mais renova, isto é sem cura.*

seus predecessores teve a prudencia de não tentar a traducção do primeiro quarteto que é realmente inintelligivel lendo-se como se acha pontuado nas edições. Eis-aqui a lição da primeira :

O sol é grande, caem co'a calma as aves,
Do tempo em tal sazão, que soe ser fria :
Esta agua que d'alto cae acordar-m'hia?
Do sono não, mas de cuidados graves.

« Se o segundo verso é complemento do primeiro, estamos na estação invernosa, mas por um phenomeno extraordinario, na occasião em que o poeta se entregava áquellas melancolicas cogitações o sol era ardentissimo e tão intenso o calor que as aves cahiam asphyxiadas. Mas não é isso o que o poeta diz nos dous bellos tercetos. No primeiro descreve-se o verão com todas as suas galas em opposição á estação *actual* descripta no segundo terceto. Ás sombras que faziam as arvores frondosas, ás flôres, ás aguas ainda abundantes, aos prados vicejantes, ao gorgear dos passaros, succedera a seccura e a mudez da natureza. É d'este contraste que o poeta fórma o bellissimo conceito com que fecha o soneto. A natureza com o eterno volver das estações cobrir-se-ha de novo de todas as suas pompas juvenis; só para elle não haverá renovação : suas faces floridas d'outr'ora nunca mais voltarão.

« O soneto ficará portanto claro se o primeiro verso formar por si só um periodo, lendo-se :

O sol é grande, caem co'a calma as aves!

e combinado este verso com o segundo terceto se vê que o excessivo calor é com effeito fóra de sazão, mas por um dia d'outono quando as arvores já estão despidas e as aguas seccam. Os tres restantes versos do primeiro quarteto formam um só periodo cujo sentido é : Na estação do inverno em que esta queda d'agua deverá engrossar, conseguiria o

seu estrondo despertar-me dos tristes pensamentos que a mudez da natureza concorre para alimentar? A interrogação que se acha no terceiro verso deve passar para o quarto sem o que se entenderia que o poeta respondendo á sua pergunta diria que o estrondo da cascata conseguiria despertal-o de seus tristes pensamentos, mas não do somno, o que é absurdo.

«Este soneto foi talvez composto no outono de 1535 que foi extraordinariamente secco e quente como se vê d'esta passagem de Acenheiro: «Em setembro de 1535 e outubro e novembro e dezembro foi todo estio e nem choveu, só dous dias d'outubro alguma trovoada com que fizeram algumas sementeiras mal e seccas esperando o janeiro que foi quente e peor que todos. (*Extracto dos meus estudos sobre Sá de Miranda*».

Discordo em parte da interpretação do eminente litterato. A interrogação tanto no terceiro como no quarto verso do primeiro quarteto acho-a desnecessaria. Não me pareceu absurdo que o poeta dissesse:

> Esta agua, que d'alto cae, *acordar-me-hia*
> *Do somno não,* mas de cuidados graves.

Em prosa, póde entender-se d'este modo: *Se esta agua estrondeasse na queda, acordar-me-hia, não digo do somno, mas dos cuidados graves que me trazem absorto.* Depois do verbo *acordar*, exprime que não se trata do repouso dos sentidos, — o *somno,* o dormir, mas do espertar da alma retrahida em sua dôr.

O ultimo verso do soneto parece-me que se lê errado em todas as edições. Sá de Miranda talvez escrevesse:

> *Mudo e secco é já tudo, e de mistura*
> *Tambem fazendo-me eu fui d'outras cores:*
> Se *tudo o mais renova, isto é sem cura.*

Com a condicional *se*, não temos a desculpar ás exi-

randa relampagueou em tres dos seus descendentes: Theodoro de Sá Coutinho [1], D. João d'Azevedo Sá Coutinho, fallecido aos 18 de dezembro de 1854 em Lisboa, com fortes transtornos cerebraes motivados por violentas paixões politicas. Ao envés do seu decimo avô, o cenobita da Tapada, que para viver fugiu da côrte, D. João d'Azevedo fugiu da Tapada para a côrte que o matou. A exc.^{ma} snr.^{a} D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, a mais vigorosa escriptora que ainda teve este paiz, é undecima neta de Sá de Miranda [2].

---

gencias do metro a conjuncção *e*, tão descabida. Desculpe-se-me a ousadia de trocar a *condicional* pela *conjuncção*.

As escuridades d'este poeta alhearam-lhe as sympathias dos seus naturaes. Algum d'elles, como Diogo de Sousa, na Viagem ao Parnaso, considerava Sá de Miranda

Poeta até ao umbigo, e os baixos prosa.

[1] Cancioneiro Alegre, pag. 163.

[2] Jeronymo de Sá, filho de Francisco de Sá de Miranda, casou em segundas nupcias com D. Joanna de Menezes. O filho d'estes, Francisco de Sá e Menezes, casou com D. Antonia de Montarroyo, de quem houve dous filhos, Jeronymo e D. Brites, a qual entrou na casa de S. João de Rey casando com Diogo d'Azevedo. D. Maria de Athaide e Azevedo, setima neta de Sá de Miranda, casou com José Vaz de Carvalho, filho de Gonçalo José da Silveira Preto, hoje representado pelo snr. Manoel Vaz Preto Geraldes, par do reino. José Vaz de Carvalho e D. Maria d'Athaide foram paes de Gonçalo José Vaz de Carvalho, alcaide-mór e visconde de Monção. O visconde teve um ir-

Jeronymo, filho segundo e herdeiro de Francisco de Sá, foi um perverso de marca maior. A má natureza dos Sás de Coimbra interrompera-se meio seculo na existencia do poeta; depois, com a pujança da corrente represada que rompe o dique, rebentou na infamissima indole de Jeronymo. Este homem, primo co-irmão de Francisco Machado, insinuára-lhe no espirito a suspeita de que sua mulher D. Maria da Silva o atraiçoava com o commendador de Rendufe Henrique de Sousa, porque este renunciára a commenda em um irmão de D. Maria da Silva, quando Jeronymo de Sá lhe pedia a renuncia a favor d'um seu amigo. Um dia, andava Francisco Machado caçando, uma legua distante da sua casa de Castro, com intenção de pernoitar fóra. Disseram-lhe Martim Coelho e Jeronymo de Sá que, se elle n'aquella noite entrasse com uma chave-mestra até ao quarto de sua mulher, a encontraria com o commendador, e poderia legalmente matal-os ambos. Bandeára-se na intriga um criado do commendador que em hora e sitio determinados, na visinhança de Castro, devia estar com a mula em que Henrique de Sousa costumava cavalgar. Partiram os tres alta noite, e viram a mula presa de redeas a uma oliveira. Francisco

mão, chamado Rodrigo Vaz de Carvalho que casou com sua prima co-irmã D. Maria Amalia d'Azevedo, mãi de José Vaz de Carvalho, fallecido em 1878, pai da snr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Machado, que ainda duvidava, convenceu-se. Entrou em casa despercebido, penetrou na alcova da mulher, e encontrou-a dormindo serenamente, cingida de cilicios. Retrocedeu em busca dos amigos que lhe disseram terem visto o commendador cavalgar a mula, pouco depois que elle entrára em casa. Francisco Machado concentrou-se, n'um silencio torvo, esperando certificar-se. No entanto, a mulher de Jeronymo, que se chamava D. Maria da Silva e Menezes, avisou sua prima da conjuração tramada contra ella — que se acautelasse, que fugisse para casa de seu pai, Manoel de Magalhães, senhor da Ponte da Barca. A innocente respondeu que «antes morrer sem culpa em casa, que fugir com infamia para casas alheias», e a Jeronymo de Sá disse: «Veja o que faz, Jeronymo, que em mulheres como eu não pegam as nodoas». Jeronymo, entendendo que a denuncia partira de sua mulher, deu-lhe uma punhalada n'um dos seios, e assistiu na Tapada àquella agonia de tres dias. Enterrada a mulher, proseguiu na traça de fazer morrer a outra. O commendador recebeu aviso que não fosse ao Castro, que o matariam. Desprezou o aviso; não comprehendia que o matassem innocente. Foi. Sentou-se a uma banca jogando. Veio por detraz um negro com uma barra de ferro que o matou d'uma pancada. Jeronymo de Sá estava presente. D. Maria da Silva acudiu ao ruido da queda. O marido vibrou-lhe um golpe de espada; mas a lamina, sem a ferir, saltou dos copos. Este incidente extraordinario conteve-o. Sahiu a uma sala

para onde o primo se afastára, e contou-lhe o caso. Jeronymo disse-lhe: «Se não matares tua mulher, a morte d'este homem custa-nos as vidas»; e deu-lhe a sua espada. Francisco Machado com a espada do primo voltou dentro e matou a mulher. Depois chamaram um escravo para que cortasse no cadaver do commendador o instrumento do crime: era um complemento de vingança tradicional nos velhos nobiliarios. Quando o escravo ia executar a ordem, viram que esse instrumento não existia, e lhe acharam um tubo de prata por onde o infeliz expellia as secreções. Francisco Machado, desvairado de terror e remorso, quiz matar com uma adaga o primo; mas Jeronymo de Sá, mais destro e possante, por um triz que o não matava a elle. O commendador foi enterrado secretamente no mosteiro de Rendufe, e D. Maria foi levada ao jazigo de seus avós á Ponte da Barca. O povo orava-lhe como a santa, e acreditava que a terra da sua sepultura curava sezões.

Jeronymo de Sá morreu, volvidos annos, devorado por piolhos, chagado até ás entranhas, onde se lhe viam cardumes de vermes revolvendo-se na podridão das ulceras, *como és publico y notorio,* diz a chronica (NOTAS DO MARQUEZ DE MONTEBELLO AL NOBILIARIO DEL CONDE D. PEDRO, IMPRESSAS NA VERSÃO DE MANOEL DE FARIA E SOUSA, pag. 553-555). Eis-aqui um avoengo que eu desejava expungir da linhagem da snr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, e dos senhores da Tapada. A descendencia d'este sujeito feroz promana da segunda mulher que teve a impruden-

cia de o aceitar, de mais a mais parenta da primeira. Presumo que as pessoas honestas d'esta familia devem o seu bom sangue a D. Joanna de Menezes; as intelligentes estão fruindo a grande herança intellectual do poeta, e os mentecaptos e scelerados, se os ha, devem ter no craneo a proeminencia mais ou menos desenvolvida de Jeronymo de Sá.

Não levantarei mão d'este assumpto sem recordar aquelle filho de D. Antonia de Berredo que esbulhou os irmãos da herança de seu pai, primo de Sá de Miranda. Chamou-se Ruy Pereira de Miranda, e casou com D. Catharina de Athaide, filha de Alvaro de Sousa, dama da rainha D. Catharina. Sá de Miranda era por tanto primo terceiro da senhora que Luiz de Camões amou — a celebrada *Natercia*. Esta dama finou-se, pouco depois de casada, em 28 de setembro de 1551, e foi sepultada na capella-mór do convento de S. Domingos d'Aveiro, onde falleceu. Vinte e tres annos depois, fr. João do Rozario, frade dominicano, confessor de Catharina de Athaide, escrevia as suas memorias, que ainda existem, e referindo as suas praticas com a triste senhora ácerca de Camões, escreveu: *E todas as vezes que no poeta desterrado por saa rasão* (sua causa) *lhe fallava, sempre em resposta havia que assim não era, e que fôra aquella alma grande que para empresas grandes e a regiões tão afastadas o levára.*

D. Catharina de Athaide, quando o confessor lhe perguntava se fôra a causa do desterro do poeta, modestamente respondia que elle se expatriára não

por sua causa (*saa rasão*), mas porque aspirava a empresas grandes. Ella não negava que Luiz de Camões a amasse, como infere com logica extraordinaria o snr. visconde de Juromenha; o que ella delicadamente exprimia era — que não o seu amor, mas a sua grande alma o levára a regiões tão apartadas. E o frade, não obstante a senhoril evasiva da mulher casada e desditosa, confessa que *muitas vezes* lhe perguntou se o poeta fôra desterrado por causa d'ella. Que Luiz de Camões amára aquella Catharina de Athaide, sabia-o de mais frei João do Rozario; o que elle queria averiguar era se o poeta foi voluntariamente para a India, ou forçado pelo delicto de a requestar. E ella, morrendo na flôr dos annos, respondeu que *sim*.

O marido não a chorou. D'ahi a pouco estava casado com uma filha de João de Castilho, e fazia n'ella, como dizem os bons dos chronistas linhajudos, um bispo de Cabo Verde, e outros filhos que fizeram muitos frades, muitas freiras, e muitos patifes que o leitor tem a satisfação de não conhecer, e eu tenho a delicadeza de não lhe apresentar.

Raças Finas

I

PENA DE TALIÃO

(SECULO XVIII)

ADVERTENCIA

STE opusculo das RAÇAS FINAS quer significar que hontem foi peor que hoje, e que, se vamos ao arripio na corrente dos dias, cada vez encontramos o genero humano peor.

É uma quasi puerilidade attestar o progresso moral; mas convém que o lugar commum se repita, a vêr se acabam de nos prégar que os avanços das sciencias positivas, das industrias e das expansões da materia vieram desacompanhados do sentimento da justiça.

Nada de dissertações banaes. Tão frivolo é hoje em dia o declamador da necessidade da moral religiosa acrisolada e predominante como o exclusivista das sciencias praticas, utilitarias, bastantes ás neces-

sidades immediatas. A justiça tem vindo ao de cima das tormentas de indefinidos seculos. Mostrou-se em todos os martyrios da idéa. Estava na cicuta de Socrates, no banho suicida de Seneca, outra vez no fel de Jesus Nazareno, e mil vezes se revelou nos milhares de martyres, uns illustres, outros obscuros. Foi a tranformadora do mundo moral, a pomba esvoaçada por sobre todos os diluvios, a Justiça. Ella é o Espirito Santo da Trindade divina; é o Verbo que fallou no Sinay, nos jardins de Academus, no lago de Tyberiade, no Areopago e na consciencia de Proudhon. Ella, a immortal, vem rompendo as trévas e preluzindo, desde que á sua luz sómente podemos explicar a palavra PROVIDENCIA.

RAÇAS FINAS

I

PENA DE TALIÃO [1]

om Fernando de la Cueva veio de Jaen militar nas guarnições de Portugal quando aqui dominava Filippe III de Castella. Inculcára-se parente proximo dos la Cuevas, condes de Santo Estevão del Puerto, descendentes do celebrado marquez de Santa Cruz que extermi-

---

[1] Livros e manuscriptos consultados e subsidiarios para a formação d'este quadro historico:

Genealogias manuscriptas de Montarroyo, Cabedo, Moniz Castello Branco, Manoel de Sousa da Silva, e outros.

Historia de Portugal restaurado, pelo conde da Ericeyra, tom. I, pag. 110 e 111, edição de 1679.

nára nos Açores as esperanças do prior do Crato atidas á esquadra do almirante Strozzi. Prezava-se de primo dos duques d'Albuquerque e marquezes de Flo-

---

HISTORIA DA FELIZACCLAMAÇÃO DO SENHOR REI D. JOÃO IV, por Roque Ferreira Lobo, pag. 206.

ŒUVRES MÊLÉES: OU DISCOURS HISTORIQUES, POLITIQUES, MORAUX, LITTERAIRES ET CRITIQUES,... SOUS LE TITRE D'AMUSEMENT PERIODIQUE PAR LE CHAVALIER D'OLIVEYRA, Londres, 1751, tom. II, pag. 147 e seg.

HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA, tom. XI, pag. 569, e tom. XII; parte 2.ª, pag. 1071 e seg.

PAPEIS VARIOS, OBRAS DISCRETAS, ETC., OFFERECIDAS AO TRABALHO E CURIOSIDADE DE QUEM DILIGENTE OS TRASLADOU. Lisboa occidental. Na officina da Ociosidade, com todas as licenças necessarias do bom gosto. Na era de 1783. 4.º manuscripto. COPIA D'UMA CARTA QUE ESCREVEU UM AMIGO A OUTRO PARA A INDIA EM 1704.

SEXTA PARTE DA HISTORIA PONTIFICAL, por Don Juan Baños de Velasco. Madrid, 1678, pag. 222.

THESOURO DA NOBREZA DE PORTUGAL, por frei Manoel de Santo Antonio, reformador do cartorio da nobreza em 1745. Manuscripto.

MÉMOIRES COMPLETES ET AUTHENTIQUES DU DUC DE SAINT-SIMON, Paris, 1865, tom. VI, pag. 440 e seg.

COROGRAPHIA PORTUGUEZA, do padre A. C. da Costa, tom. II, cap. XIII.

DESCRIPTION DE LA VILLE DE LISBONNE, ETC. A PARIS, 1730, pag. 76.

QUADRO ELEMENTAR DAS RELAÇÕES POLITICAS E DIPLOMATICAS DE PORTUGAL COM AS DIVERSAS POTENCIAS DO MUNDO, pelo visconde de Santarem. Tom. IV (2.ª part.) e XVIII.

res d'Avila, o melhor sangue das Hespanhas. Ia até D. Beltron de la Cueva, supposto pai da «excellente senhora». Casou com uma portugueza illustre, D. Apolonia Coutinho, filha de Luiz de Atouguia, de Torres-Novas, e neta materna de Fernão Martins de Sousa, senhor de Bayam, representante de Martim Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro e descendente de Leonor Telles. Estes Sousas de Bayam, que tambem eram *Chichorros,* remontavam a sua origem realenga, por bastardia, a um cyclo de gerações hypotheticas; e o hespanhol, que se dotára com os seus predicados fidalgos, era ainda mais phantasista que os avós de sua mulher, como depois se verá.

D. Fernando de la Cueva, em 1640, governava a fortaleza de S. Gião, na barra de Lisboa. Na arte de guerra d'aquelle tempo, esta fortificação era reputada pouco menos de inexpugnavel; «uma das mais valentes da Europa» lhe chamou o historiador do PORTUGAL RESTAURADO. Sessenta annos antes o duque d'Alva preferira compral-a ao governador portuguez Tristão Vaz; os acclamadores de D. João de Bragança em 1640 antes quizeram, igualmente sensatos, mercancial-a ao governador castelhano. No dia 12 de dezembro ainda a bandeira hespanhola tremulava no torreão da fortaleza. O mestre de campo, D. Francisco de Sousa, com insufficiente força, levantára um reducto em um outeiro proximo que dominava, como padastro, a fortaleza, d'onde a varejava inutilisando os pelouros com quatro pequenos canhões. O governador tinha seiscentos soldados, munições para muitos mezes e vasto

arsenal bem sortido. Além d'isso, despachára aviso ao duque de Maqueda, general da armada hespanhola, pedindo soccorro. Devia estar tranquillo e olhar com desdem as ordenanças do improvisado mestre de campo que «*com menos* sciencia, diz o conde da Ericeyra, principiára um infructuoso aproche». D. João IV sabia o caso de Tristão Vaz da Veiga; não se desdourava abrindo o thesouro das mercês com economia de vidas e mais certeza no bom exito. A bravura não era de certo a vocação do rei; e, se Maqueda reforçasse a guarnição, as eventualidades seriam mais arriscadas. Alvitrou por tanto, ou aceitou o alvitre de corromper o governador.

Estava preso em S. Gião D. Fernando Mascarenhas por ordem de Filippe IV, privado do titulo de conde da Torre e d'outras mercês que lhe fizera quando em 1638 sahira a restaurar Pernambuco, commandando a esquadra que os hollandezes e as tempestades derrotaram. Era castigado pela infelicidade, pela ignorancia ou pela cobardia. Mathias de Albuquerque expiava a mesma culpa no castello de S. Jorge.

O conde, se conseguisse convencer o governador da invalidade da defeza, visto que todo reino acclamára rei portuguez, teria feito ao novo monarcha um serviço de grande valia. Mandou sondar o hespanhol por um frei Ambrosio da Conceição da ordem arbida. O frade não gastaria o melhor da sua eloquencia, podendo liberalisar a do erario. Entraram em ajustes de dignidade; trocaram-se recados entre o conde da Torre e o monarcha, e fechou-se o negocio em

poucas horas. D. Fernando de la Cueva tinha affeição á terra de sua esposa, era já velho, com filhos e achaques, queria descançar, emfim. Justou-se por um habito de Christo, uma boa quinta confiscada nos bens do portuguez filippista Diogo Soares, e a commenda do Pinheiro em tres vidas que rendia mil e quinhentos cruzados. Vendera-se muito mais em conta que o seu antecessor Tristão Vaz. Bom negocio fez D. João IV.

Um historiador castelhano, Baños de Velasco, referindo a perfidia do governador, trata de resalvar a honra hespanhola, dando como portuguez o traidor a quem chama *D. Joseph de Menezes.* A historia padece; mas o amor patrio castelhano exulta com a desnaturalisação do desleal tenente la Cueva. O mesmo Velasco escreve que *los mismos, que compraron, hizieron justo desprecio del traydor que tam vilmente avia entregado Plaça que por armas no se podia gañar.* Ericeyra diz que a resolução do governador foi *mais util que briosa.* Com certeza, porém, na descendencia do traidor, não transluzem os desprezos que Velasco inculca. D. João IV deu-lhe brazão d'armas: em campo d'ouro dous bastões sanguineos com uma lapa no contra chefe da sua côr de que surge uma serpe de verde, orla vermelha, carregada de oito aspas d'ouro; timbre a serpe do escudo, nascente, armada de vermelho. Assim se pinta no LIVRO DO REI D'ARMAS. O alvará de mercê diz que la Cueva é de primeira fidalguia de Castella.

Seu filho, D. Juan de la Cueva e Mondoça, com-

mendador do Pinheiro, casou com D. Luiza Maria de Brito, filha de Salvador de Brito Pereira, commendador de Monforte, alcaide-mór de Alter do Chão, e governador do Rio de Janeiro, desde o principio de 1649 até 20 de junho de 1651, data da sua morte. Esta senhora, por fallecimento de seu irmão Fernão Pereira de Brito, succedeu na grande casa de seu pai. É, pois, evidente que o filho do traidor não deixou de encontrar esposa nobre e rica n'uma sociedade em que as perfidias politicas eram exemplificadas por personagens do padrão do marquez de Villa Real, do conde de Armamar, do arcebispo de Braga e do duque de Caminha.

D'este consorcio surdiram o primogenito D. Francisco de la Cueva e Mendoça, terceiro commendador do Pinheiro, alcaide-mór d'Alter, coronel de infanteria; mais um D. João, capitão de infanteria, um frade bernardo, outro thomarista, uma freira em Santarem, e D. Maria de Brito que casou com João Rebello de Vasconcellos, do Trocifal. Este casamento deu azo a que se divulgassem no reino as ignominias genealogicas dos la Cuevas. O santo officio fizera inquirições em Jaen, visto que João Rebello era seu familiar. Devassou-se que o governador vendido de S. Gião era filho de Martim Peres Megulhon, musico ordinario do partido da Sé, e mestre de solfa de D. Catharina de la Cueva, com quem casára depois que se provou que a discipula de solfa solfejava com o mestre as sabidas musicas de Heloïsa. Os paes da menina, que incluia em si o menino Fernando, eram il-

lustres. D. Juan Cobo de la Cueva era um dos vinte-e-quatro de Jaen, e sua prima e mulher vinha da prosapia *de los Rincones,* — está dito tudo — dos Rincones! Pois não obstante, consentiram no casamento com o musico, que, volvidos annos, enviuvou e fez-se clerigo. Tudo isto, contado e commentado na côrte, não obstou que o neto de Megulhon, cantor da Sé e professor devasso, casasse em Olivença com D. Catharina Josepha Botelho, filha herdeira d'um Mexia, fidalgo, capitão de cavallos; por sua mãi era ella dos Caldeiras e Rodrigues de Mattos. D'estes nasceu D. Juan de la Cueva e Mendoça, que obtivera mais uma vida na successão da commenda. Era aos trinta annos capitão de infanteria, e casára, *por amores,* diz o argot genealogico, com D. Maria Leonor Josepha de Albuquerque, irmã do guarda-mór das naus da India e armadas reaes. Estava viuvo em 1722 e não tinha filhos. Era muito vaidoso da sua pessoa, arrogante, temerario, dava *vossa-mercê* aos marquezes, se elles o não tratavam de *senhoria,* e teimava em descender de D. Alvaro de Baçan, marquez de Santa Cruz, com o intuito sarcastico de vexar os portuguezes que o seu avoengo acalcanhára. Era elle, pois, por varonia, bisneto do governador que atraiçoára o seu rei. O attrito de oitenta e dous annos safára o estigma da perfidia na grande e poderosa familia dos la Cuevas, enxertada em troncos muito florentes da fidalguia portugueza.

II

Retrocedamos cincoenta e seis annos.

D. Antonio Luiz de Sousa, 5.º conde do Prado, estava em Vianna, na qualidade de general de batalha das provincias do Minho e Traz-os-Montes, em 1666. N'este anno, a 29 de dezembro, sua esposa que o acompanhava nas campanhas, deu á luz um menino, que se chamou D. João. Como era segundo genito, foi destinado á vida ecclesiastica, ao officio das grandes prebendas, ao sêvo da Igreja onde os filhos segundos dos fidalgos se vingavam de não serem os primeiros, engordando em medranças mais descançadas que as dos morgados. Ainda estudante, já digeria as rendas de quatro beneficios, e era porcionista do collegio real de S. Paulo, em Coimbra, aos quinze annos. O irmão mais velho morreu em 1687, no mar,

quando vinha da Bahia, onde fizera a guerra aos hollandezes. D. João, constituido herdeiro do titulo de conde do Prado, tratou de casar-se, e aceitou a esposa que D. Pedro II lhe indicou, uma franceza, Francisca Magdalena de Neufwile, filha do celebre duque marechal Villeroy, descendente de Antonio de Bourbon, duque de Vendome, rei de Navarra. É de presumir que o marquez d'Amelot, embaixador de França, preponderasse n'este casamento; porque Luiz XIV ideára o programma politico de dar francezas para os thronos e para as casas principaes das nações alliadas. No mesmo anno de 1688 assignava o rei Sol o contracto de casamento de mad.elle de La Motte com Duarte de Sousa Coutinho, correio-mór. De mais a mais, a noiva do conde do Prado, e futuro marquez das Minas, era filha do seu valido duque de Villeroy, um bravo canalha inventor d'um aphorismo, que merece ser repetido na linguagem do inventor: *qu'on devait tenir le pot de chambre aux ministres tant qu'ils étaint en place, et le leur verser sur la tête quand ils n'y son plus.* O espirito da maxima é tão conhecido entre nós que está adoptado como regra geral.

Aos vinte e oito annos o conde do Prado não tinha ainda patente militar. Era um fidalgo que se estadeava opulentamente, muito empavezado do seu avô Affonso III; mas não fallava da moura, sua avó. Era mau marido. Tinha uma amante entre todas dilectissima, D. Thereza Travassos, de origem preclara. Não se sabe se a franceza, creada na côrte de Luiz

XIV, se desforrava; póde ser que não: tinha dous filhos; um menino nascido ao segundo anno do casamento, e uma menina, dous annos depois. Dous filhos para uma esposa honrada e trahida são uma segunda virgindade do coração.

O amigo inseparavel do conde do Prado era seu primo co-irmão, o conde de Atalaia, D. Pedro Manoel, alguns mezes mais velho que elle, e tambem nascido em Vianna do Minho, quando seu pai era n'esta provincia general de cavallaria. D. Pedro Manoel tivera uma juventude mais exercitada em lides militares que o primo porcionista do collegio de S. Paulo. Aos doze annos assistira com seu pai a um combate com as naus argelinas; aos quinze era capitão d'infanteria; n'um impeto de brio, despedaçou as dragonas, e serviu como soldado voluntario nas armadas que guardavam as praças maritimas. Estivera em Turim com o pai, embaixador extraordinario. Instruira-se superficialmente; tinha ditos, agudezas celebradas; fazia lyricas jocosas e satyrisava os sabios do seu tempo, que em verdade não valiam a satyra. Era muito casquilho, muito taful, valente, educado nas arruaças dos turbulentos bandos d'Affonso VI e do infante D. Pedro. Á soberbia de *Tavora*, que era por seu pai e de *Manoel* que era por seu avô D. João — bastardo de el-rei D. Duarte, e bispo da Guarda, amante de Justa Rodrigues, que amamentára o rei *venturoso* — acrescia o estimulo do seu arrogante primo com quem se dava n'uma grande intimidade, e nos desfastios viciosos de vida vadia e cançada de prazeres. Casára em

1689, um anno depois do primo Prado, com D. Maria Margarida Coutinho, filha primogenita do primeiro marquez d'Alegrete, de quem teve, em 1691, um filho, que se chamou D. Luiz. Esta criança era ainda feto no ventre materno quando seus paes a destinaram a casar, consoante o sexo, com um filho ou filha do conde do Prado: — tão cordialmente se amavam as duas familias. A condessa d'Atalaia era esposa ternamente extremosa. Sahira para casar dos aposentos de Maria Sophia, rainha ingenua e boa. Ainda assistira ás torturas expiadoras da outra rainha incestuosa. A corrupção da côrte, que era para umas abysmo, foi para ella conselho. A tradição e o seu fim de vida divinisaram-lhe a memoria.

Estamos em 1694. Os dous condes florecem na plenitude da vida e da riqueza. Nenhum d'elles ainda tem trinta annos.

III

D. Pedro II era devotissimo do santo portuguez patriarcha dos hospitaes, o beato João de Deus, de Monte-Mór. Os jesuitas, por comprazerem com o monarcha, festejavam o santo, na sua casa professa, em 1694, no dia 8 de março, anniversario da sua morte. A porta principal do templo era vedada, sem excepção da nobreza e alto clero, em quanto não entrasse a familia real. Hoje em dia, dous soldados municipaes bastariam a fazer-se respeitar nas suas baionetas; mas n'aquelle tempo, a arrogancia dos magnates — apesar do regio absolutismo — desarmava a authoridade da soldadesca que se sentia infima plebe ainda enfronhada na libré da milicia. Portanto, a porta defesa foi entregue á vigilancia d'um magistrado de béca com as insignias de corregedor do bairro alto, o respeitavel ancião Ignacio Sanches Goes.

6

Os condes do Prado e Atalaya apearam do seu cavallo em frente da porta reservada, para a qual se encaminharam por entre a turba da gente meã que esperava a familia real, e abriu respeitosa clareira aos dous gentilissimos condes. O corregedor avançou urbanamente um passo para os fidalgos, e preveniu-os de que não podiam entrar por aquella porta antes de chegar el-rei. Responderam que essas ordens não se podiam entender com pessoas da sua qualidade. O magistrado redarguiu que as ordens não exceptuavam ninguem; que suas excellencias tinham duas portas da igreja francas. O publico assistia muito interessado á contenda entre a béca e as armas. Os fidalgos, por isso mesmo vexados, insistiam que se lhes concedesse uma distincção. O corregedor teimava em cumprir rigorosamente as ordens recebidas. Injuriaram-no de palavras; e, no ardor crescente da ira, o conde da Atalaya deu-lhe com o chapéo na cara. O do Prado que já tinha a mão no punho do espadim, arrancou-o no conflicto em que o corregedor dava ao offensor a voz de preso, e trespassou-o do peito ás costas. O velho magistrado cahiu morto; os homicidas cavalgaram os seus ginetes e a multidão como empedrada de terror não teve dous homens que lançassem mão ás redeas dos fogosos cavallos. D'ahi a minutos chegava ao Rocio o coche do rei; e como ahi tivesse noticia da morte do corregedor, desandou para o paço da Ribeira, e encerrou-se por alguns dias.

Os assassinos eram filhos de dous generaes que elle reputava os esteios da sua conservação e os

sympathicos disciplinadores do exercito: o marquez das Minas, pai do conde do Prado, e D. Luiz Manoel, quarto conde da Atalaya. O assassinado era a honra da magistratura; fôra morto no cumprimento dos seus deveres; havia na côrte e no reino um rugido mal abafado dos sacerdotes da lei, um alvoroço das bécas affrontadas; o povo bramia a medo; dizia que o rei mandaria pôr uma pedra sobre o processo, e os homicidas passeariam d'ahi a pouco em Lisboa com carta de seguro.

A justiça de Pedro II não podia inspirar confiança. Citavam-se exemplos de espantosa relaxação. Entre os criminosos perdoados apontava-se D. Antonio de Sousa de Menezes que em 1676 casára com uma sobrinha do secretario d'estado Pedro Sanches Farinha, orphã grandemente dotada e de illibada fama. Os Mendonças do Rio, parentes dos Menezes, repelliram-no por ter casado com mulher inquinada de sangue hebreu. Ella era neta de João Henriques Flamengo e de D. Maria de Borgonha, ambos suspeitos no tribunal da Fé; o que, porém, admira é que os descendentes dos Castros do Rio, afidalgados por D. Sebastião, *sem impedimento do defeito de nascimento* [1], malsinassem as impurezas sanguineas da esposa do seu parente. O certo é que D. Antonio de Menezes transferiu ardilosamente a Castella o grande dote da mulher, e, de-

[1] Vej. HISTORIA E SENTIMENTALISMO, tom. I, art. *Duarte de Castro*.

*

pois de dezeseis mezes de casado em 30 d'agosto de 1677, matou-a a facadas e fugiu. Foi sentenciado á pena ultima, e garrotaram-no em estatua. Volvidos dez annos, passeava em Lisboa com o perdão de Pedro II.

Com os assassinos dos magistrados não era mais inflexivel o soberano. Em 1673 ordenou ao corregedor de Coimbra que prendesse o collegial de S. Paulo, D. Luiz d'Almeida, sobrinho do bispo de Lamego D. Luiz de Sousa, e o encarcerasse no Limoeiro. O corregedor ferrolhou-o na Portagem em quanto se preparava para o conduzir á côrte, resistindo aos rogos dos collegiaes e do reitor da universidade que se responsabilisavam pelo preso. De volta para Coimbra, o magistrado ao apear da liteira que os esbirros atalaiavam, foi assassinado por um collegial, José de Mello, que lhe desfechou á queima roupa uma pistola de cima d'um cavallo. Foi para Castella o homicida intacto e de lá escreveu ao infante regente, ufanando-se do feito e aceitando a responsabilidade inteira do crime. José de Mello, quando o corregedor do bairro alto pereceu, gozava os beneficios reaes do perdão.

Com quanto se houvesse de repetir a generosidade do monarcha, nem os dous velhos generaes, nem o rei ousariam no momento exacerbar com rogos ou subornos os desembargadores. O processo, todavia, correu tão moroso, tão atravessado de infames estorvos obscuros, que só dous annos depois do crime, em 14 d'abril de 1696, os condes do Prado e Atalaya eram sentenciados pela relação de Lisboa; o

primeiro, que trespassára o corregedor com o espadim, foi condemnado á morte; o segundo, que lhe dera com o chapéo no rosto, a dez annos de degredo.

Não se presuma que os réos esperavam no castello de S. Jorge ou de S. Julião a sentença. Estavam na côrte de Luiz XIV, hospedados em casa do marechal duque de Villeroy, sogro do conde do Prado. Acompanharam o valido do monarcha nas campanhas de Flandres em 1695 e assistiram ao bombardeamento de Bruxellas. Depois, espaireceram as saudades da patria, acamaradados com o duque de Saint-Simon que tão bizarros paineis frescamente realistas nos deixou da alegre vida de Paris. Não se sabe se a condessa do Prado, a filha do duque de Villeroy, foi ajuntar-se ao marido: parece que não. Os dous filhos que existiam em 1694 são os unicos da sua descendencia. Quanto á condessa da Atalaya, essa deixou-se morrer de saudade em 16 de novembro de 1695, vinte mezes depois do desastre do marido. O unico filho que tinha, de quatro annos, foi recolhido por seu avô.

Foi o conde do Prado degolado em estatua no Rocio, quando a sua garganta provavelmente deglutia em Versailles um almoço exquisito de iguarias e galanteios com madame de Maintenon, com a princeza de Conti e com madame de Mailly.

Entretanto Luiz XIV e a rainha d'Inglaterra D. Catharina solicitavam instantemente de Pedro II o perdão dos dous exilados. Dissimulando-se forçado, el-rei

perdoou em 1699, sob clausula de não mais frequentarem a côrte os condes. A relação de Lisboa sahiu com embargos ao perdão, na parte que dizia respeito ás multas pecuniarias impostas pela sentença. N'este anno, e sobre o assumpto, escrevia um fidalgo de Lisboa a outro que estava no Oriente: «Sua magestade já deu o perdão ao Atalaya moço, e já o tinha dado por intervenção de França ao conde do Prado; porém dizem que com a clausula de que não entrariam na côrte. Tanto um como outro se deteem por seguirem a mesma fortuna; e a relação embargou o perdão a respeito da condemnação das despezas. Não sei se diga que os desembargadores querem entrar de meias nos negocios d'esta monarchia, e não lhes vai mal de partido; porque, segundo o que vejo, querem que el-rei nos perdôe as vidas, e elles levarem-nos as fazendas; sua magestade perdôa o delicto, e elles pretendem que fique em seu vigor a pena; emfim, não querem que se salve a fazenda, e por isso embargaram a indulgencia da culpa e pena».

IV

No anno 1700, os dous condes entraram incognitos em Portugal, depois de estanciarem algum tempo em Badajoz. Tinham alguma vergonha, ao que parecia. Podiam entrar com franqueza, a rosto descoberto, com pagens e lacaios e as armas em relevo de trama d'ouro e prata nos caparazões dos seus ginetes. Ninguem lhes deitaria a mão nem os denunciaria aos aguasis do corregedor. Se elles quizessem devassar portas defesas, os magistrados alastrariam a seus pés as bécas como estrado. Sabia-se que o rei perdoára: restava appellar para a alçada de Deus; mas este juiz supremo, quando concede recurso de revista, não é precisamente no momento em que é invocado. N'este pleito, logo veremos que appareceu e despachou quando já ninguem o esperava.

O conde do Prado encerrou-se no seu palacio com a mulher e os filhos; o outro, que não tinha tão fortes vinculos domesticos, e era esporeado por um dessocego sem intercadencias de paz, metteu-se na esquadra do general conde de S. Vicente, como voluntario, para se remir da cobarde façanha em algum relevante feito naval contra os inglezes que ameaçavam as nossas praças maritimas. Não se lhe azou o ensejo. Depois, os dous condes, em 1704, declarada a guerra da grande alliança contra Castella, manifestaram-se sem rebuço. O da Atalaya foi ajuntar-se ao pai que era general das armas na provincia d'Entre Douro e Minho; e o do Prado foi servir com o marquez das Minas, seu pai, general do exercito que operava na Beira. D. Pedro II, visitando esta provincia quando as duas divisões alli confluiram, deixou-se benignamente beijar as mãos pelos dous filhos dos seus generaes, fez-lhes elogios publicos como se elles viessem de vencer o Hidalcão, e nomeou-os seus ajudantes d'ordens com patentes de tenentes-generaes de cavallaria.

O conde distinguiu-se na tomada d'Alcantara em 1706; foi o portador da nova de estar seu pai acampado ás portas de Madrid. D. Pedro II, no auge do seu jubilo por tal noticia, agraciou-o com o marquezado das Minas ainda em vida do pai. Passou a servir no Alemtejo como mestre de campo general. Fallecido o rei que o enchera de honras, D. João V não foi menos liberal com o assassino do corregedor Sanches Goes. Nomeou-o gentil-homem da sua cama-

ra, conselheiro de guerra e commendador de S. Miguel d'Arcozello. Por morte do marquez velho, em dezembro de 1721, succedeu no estado e casa. Estava rico e era soberbo com os grandes porque os achára indifferentes ou hostis ao feito desgraçado da sua juventude. Tinha 55 annos; principiava-lhe a devoção; dava esmolas; frequentava os frades, e particularmente os padres oratorianos de S. Filippe Neri — talvez os discipulos do padre Bartholomeu do Quental e Manoel Bernardes, que floresceram em letras e piedade na casa onde hoje está um grande palacio, com tres estalagens, na rua Nova do Carmo.

No dia 17 de setembro de 1722 sahia o marquez da congregação do oratorio; um padre descera a acompanhar sua excellencia até á portaria. O general trazia o seu bastão, distinctivo da graduação militar. Á porta estava o coche; e perto do armoreado vehiculo um cavallo, de que apeára n'aquelle momento o capitão d'infanteria D. João de la Cueva e Mendoça.

La Cueva, o commendador do Pinheiro, odiava o general desde que elle em publico lhe escumára um *vossemecê,* por entre dentes, com uma entonação sibilada, injuriosa. O marquez desprezava-o, já porque elle era bisneto do castelhano que se vendera a D. João IV, já porque se ufanava de ser parente dos Minas por sua bisavó D. Apolonia Coutinho, descendente do bastardo de Affonso III, Martim Affonso Chichorro. D. João de la Cueva tinha razão, quanto ao parentesco; mas, quanto á pragmatica, não podia conscien-

ciosamente reclamar a *senhoria* que o general lhe negava.

Quando o marquez, ao lado do padre, atravessava o peristilo em direcção á porta, entrava na alpendrada o capitão. Ao perpassar pelo general, disse-lhe: «Deus guarde vossa excellencia». O general respondeu: «Guarde Deus a vossemecê». D. João disse o que quer que fosse em que se lhe ageitou dar-lhe *senhoria*. O marquez replicou com ameaças e ergueu o bastão. La Cueva arrancou da espada e passou-o do peito ás costas. Assim tinha morrido, 28 annos antes, o corregedor Ignacio Sanches. «Quando cahiu no lagedo já estava morto», escreveu o cavalheiro d'Oliveira. O padre, que era o seu confessor, apenas pôde apertar-lhe a mão; porém o marquez não correspondeu á pressão: parece que, se correspondesse, teria dado signal de arrependimento bastante para aquella alma se não perder.

O homicida sahiu da portaria, cavalgou e desappareceu. Eram quatro horas da tarde. Lisboa não era melhor policiada que os descampados do Alemtejo. El-rei recolheu-se lutuosamente. A rainha soube a funesta nova quando punha o pé na almofada do estribo, e recolheu-se tambem. Foi chamado á real presença o tribunal do desembargo do paço; affixaram-se editaes offerecendo dez mil escudos a quem entregasse o matador.

O matador já estava em Castella. Demorára-se em Valverde em casa d'um aduaneiro que tinha comsigo D. Maria Feliciana Albrizio, filha de Luiz Albri-

zio, criado de Philippe v e de D. Josepha Blanco, natural de Ciudad Rodrigo. D. João requestou a sobrinha do hospedeiro hespanhol, e foi forçado a casar com ella. Como perdeu tudo que tinha em Portugal, foi para a India onde estava governador d'uma praça um tio materno de sua segunda mulher, e por lá se propagou e a final se desfez. Não seriam remorsos que o desfizeram, porque elle de si para comsigo entenderia que fôra um instrumento da Providencia quando matou o marquez e não faltaria frade consolador que lhe repetisse o verso de S. Matheus: «Os que matarem á espada, morrerão á espada». Se alguem depois o matou a elle, para não desmentir S. Matheus, não sei.

A esposa do assassinado marquez tinha morrido nove annos antes, em 1713. Os livros portuguezes não lhe assignam o anno do obito. Informou-me uma pagina das MÉMOIRES DU DUC DE SAINT-SIMON, cravejada d'erros que eu, na seguinte versão, ponho em italico:

Correu a noticia da morte d'uma filha do marechal de Villeroy, casada em Lisboa com o conde do Prado em 1688, de quem nós vimos longo tempo o *filho,* hospedado e tratado nobilissimamente em casa do marechal de Villeroy, com quem elle entrou em algumas campanhas, e muito tempo em Paris, restabelecida a paz. Chamava-se J. de Sousa, e era terceiro marquez das Minas, sexto conde do Prado, oitavo senhor de *Beriguel* (Beringuel), camarista do rei de Portugal, conselheiro de guerra, mestre de campo, general do exercito, general de cavallaria, todos os grandes titulos que se adquirem depressa e pouco valem. *A mania do rei*

de Portugal pela grandeza da dignidade do patriarchado de Lisboa que obtivera do papa para a sé d'aquelle arcebispado que elle constituiu um colosso, deu causa ao desterro do conde do Prado e confiscação do pouco que possuia, e o forçou, para evitar o peor, a fugir de Portugal por não querer parar o seu coche quando encontrava o do patriarcha nas ruas de Lisboa. É o que fez refugiar-se em Paris.

Reconciliado com o rei, voltou a Lisboa, onde, *pouco depois,* foi assassinado á sahida d'uma igreja em setembro de 1622 (1722) por don Juan de la Cueva e Mendoza. *Tivera um só filho que havia poucos mezes antes perdido ainda solteiro,* e começou então a fruir os seus bens, porque seu pai tinha morrido, não havia ainda um anno.

O pai que era o marquez das Minas e orçava perto dos oitenta annos foi sempre o general em chefe do exercito portuguez contra Filippe v, e tomou de assalto muitas praças de Hespanha, que pouco tempo sustentou; até entrou em Madrid, que não pôde conservar, e commandava uma ala do exercito do archiduque com dezoito regimentos portuguezes em Almanza que o duque de Berwich ganhou completamente em 25 d'abril de 1707, e que deu grandes resultados. Minas continuou a servir no generalato até á paz. Havia sido vice-rei do Brazil, presidente do conselho das Indias, quando regressou, e successivamente governador *de muitas provincias* de Portugal. Seu pai exercera um governo provincial, a presidencia do conselho das Indias, e a embaixada de Roma. Fôra mordomo-mór de D. João iv e Affonso vi. *Era a sexta geração directa e por varonia de Rodrigo de Sousa, bastardo de Martim Affonso de Sousa, filho de Pedro Affonso de Sousa, cujo pai Affonso Diniz era bastardo de Affonso III, rei de Portugal, fallecido em 1279.*

A fidelidade do duque de Saint-Simon na historia de França é muito abonada entre os seus patricios; como authoridade nas cousas que conta de Portugal

é de todo rejeitavel. Apontarei os erros essenciaes d'esta pagina das suas MEMORIAS. O *filho* da condessa do Prado que elle diz ter visto em Paris, não era o *filho;* era o *marido* que lá se refugiára em 1694, quando matou o corregedor. Reinava então D. Pedro II. O patriarchado da sé archiepiscopal de Lisboa foi solicitado por D. João V e concedido pelo papa Clemente II, vinte e dous annos depois, em 1716. O primeiro patriarcha ainda o não era quando a condessa morreu. A historia dos coches deu-se com um titular da côrte de D. João V; mas não com o marquez das Minas. Saint-Simon ignorava o successo do assassinio do corregedor, ou na memoria enfraquecida á volta dos oitenta annos se lhe baralharam os dous condes do Prado, pai e filho, e o corregedor se lhe figurou coche. É certo que um filho do marquez assassinado esteve em Paris por 1730; mas o duque escreve que o marquez sobrevivera ao unico filho que tivera e lhe morrêra poucos mezes antes. Uma serie de anachronismos, fundados em ignorancia supina da historia portugueza. A origem do conde do Prado tem, segundo elle, uns *Rodrigos* e uns *Pedros* que nunca existiram. A exposição dos mais remotos genealogicos é a seguinte: D. Affonso III fez em uma mulher moura Martim Affonso Chichorro, pai de Martim Affonso de Sousa, que teve de Aldonsa Annes de Briteiros, Gonçalo Annes de Sousa, etc. — um *autem genuit* de bastardias, incestos e coitos-damnados.

V

Direi agora do conde da Atalaya. Era outra casta de espirito. Pesava-lhe o crime e pesava-lhe a gloria das armas. Entrava nas batalhas com um grande desprezo da vida. Em Almanza, á frente da cavallaria, fez proezas; foi duas vezes ferido no rosto, e teve de recuar por ordem de seu tio, o marquez das Minas. Seu primo, o do Prado, a essa hora recebia em Lisboa a corôa de marquez, e descançava a fronte laureada no seio da Travassos. Carlos III creou-o grande de Hespanha da primeira classe. Em 1710 militára na batalha de Saragoça ao lado do marechal de Staremberg, que lhe attribuiu o vencimento da batalha de Villa Viçosa. Suspensas as armas em 1713, entregou o seu exercito a D. Pedro d'Almeida, e pretextou uma doença para ficar em Barcelona. D'ahi sem

mais querer vêr a patria, despediu-se do filho, um moço de vinte e dous annos, já coronel de cavallaria, e foi para a Allemanha ao serviço do imperador Carlos VI, que o fez general de cavallaria e governador d'uma fortaleza em Napoles, e mais tarde vice-rei da Sardenha, e do seu conselho d'estado.

Desde outubro de 1716, em que recebeu a noticia de que o seu filho unico, D. Luiz Manoel, tinha sido assassinado pelos proprios lacaios, quando estava para desposar-se com sua prima, filha do marquez das Minas, nunca mais emergiu d'uma abafadora angustia, com intervallos de loucura furiosa. Vivia em Vienna d'Austria, rodeado de medicos espantados d'aquella incognita doença. Esta situação aggravou-se no discorrer de seis annos, até que, em 1722, no dia 19 de setembro, quando em Azeitão se psalmeavam os responsos sobre o cadaver do seu cumplice, expirava o conde da Atalaya, como se a alma do outro o estivesse esperando para entrarem juntas em alguma transmigração que o progresso da sciencia descobrirá; mas, em quanto a sciencia vai e vem, imaginemos que as duas almas entraram juntas no supremo tribunal da Justiça divina.

Tragedias da India

TRAGEDIAS DA INDIA

I

arcia de Sá, neto do famoso poeta João Rodrigues de Sá e Menezes, sobrinho do primeiro conde de Mathosinhos, e filho do veador da fazenda do Porto, apaixonou-se, á volta dos trinta annos, por uma rapariga de Miragaya, chamada Catharina, de alcunha a *Piró*. Parece que a *mulher ordinaria,* como Damião de Goes a malsina em linguagem heraldica no seu Nobiliario, não se prestou á mancebia na sua terra, nem o pai de Garcia concederia que o filho se abandalhasse em amores tão reles. Tinha o fidalgo amoroso o grande recurso do imperio indico e o talisman dos seus appellidos. Foi á côrte, requereu

uma capitania. D. Manoel deu-lhe a de Malaca, uma das somenos rendosas que, ainda assim, orçava por cem mil pardáos no triennio, ou aproximadamente trinta contos de reis, que hoje em dia valeriam cento e cincoenta contos da nossa moeda.

No anno 1518 sahiu para o governo da sua fortaleza, e levou comsigo a flôr de Miragaya, a *Piró*, que devia ser muito bonita, se as duas filhas que teve, tão celebradas na India por belleza, se pareceram com sua mãi.

Garcia de Sá, no transcurso de trinta e quatro annos, governou Malaca e Baçaim, assistiu como capitão ás espoliações cruelissimas, e particularmente ao enorme e atraiçoado roubo de Badur, d'onde muitos sahiram opulentos; attingiu a suprema dignidade governando a India como successor de D. João de Castro — e nunca chegou a ser rico. Era liberal, bizarramente faustuoso, esmoler com os soldados que, em tempos avêssos á navegação, mendigavam rotos e famintos; muito caroavel de pompas no trajar das filhas gentilissimas e na profusão dos banquetes. Não era pois a sua pobreza relativa como a systematica abstinencia de D. João de Castro: era o desperdicio prodigo, uma fidalga e despreoccupada vaidade dissipadora que, ainda assim, não lhe ennodoava a fama de honesto e egregio capitão. Verdade é que por duas vezes, em 1534 e 1536, foi preso á ordem de D. João III, afim de responder por certas extorsões em Malaca. Da primeira, depositou vinte mil cruzados, e, justificando-se, levantou o deposito; da segun-

da, sequestraram-lhe quinze mil cruzados, deram-lhe Gôa por homenagem na prisão, absolveram-no, e tão immaculado sahiu que doze annos depois governava a India, succedendo ao heroe de abnegação D. João de Castro. Isto dá a intuscepção do que era o hinduismo e D. João III. O governador Martim Affonso de Sousa dizia ao rei que lhe não enviava o preso porque precisava d'elle; e, quando devia estar no Limoeiro, era feito capitão de Baçaim por nomeação do mesmo governador. Mas Garcia de Sá, aggravado d'el-rei, aceitou sem ordenado a fortaleza; e, não obstante, mantinha com altaneira fidalguia arrogantes pompas, dando mesa opipara a todos os fidalgos. Gaspar Corrêa explica em tres palavras as incoherencias de Garcia de Sá: *havia muito dinheiro* — diz o chronista.

Quando elle, aos sessenta e tres annos d'idade, ouviu lêr na igreja de S. Francisco o seu nome como successor do quarto viso-rei, ajoelhou, ergueu as mãos e chorou de jubilo. Depois, mandou franquear quatro mesas diarias a quem quizesse comer. Os famintos eram tantos que se apinhavam aos duzentos em cada mesa; e, como a fome parecia assanhar-se com o habito readquirido de comer, o governador deu cêa a mais de oitocentos commensaes que, não obstante, se acutilavam nas partilhas e lhe quizeram matar o veador porque os não fartava. O bom Garcia de Sá viu-se obrigado a enforcar o cabecilha da desordem nas ameias da fortaleza. Enforcou só um por ser manso de condição, diz um historiador. Tal

era o estado em que D. João de Castro, o excentrico idealista de virtudes especulativas, tinha deixado os estomagos, as algibeiras e as almas dos valorosos e esfarrapados soldados de Diu.

Começou Garcia de Sá a cicatrizar algumas chagas que o seu antecessor cuidou sanear com as eruditas maximas gregas e romanas. Pagou com dinheiro emprestado e subtrahido do cofre real parte dos soldos que se deviam á soldadesca, não consentindo que se excluissem os hebreus foragidos do reino. Gôa ainda não tinha inquisição. Os frades indignavam-se e accusaram-o a D. João III; mas não saborearam as delicias da piedosa vingança. Garcia de Sá não tinha de viver tempo bastante para soffrer o dissabor da deposição.

Catharina, a mãi de suas filhas, era já morta; mas, na hora extrema, fôra legitimada esposa do amante. Era necessario o sacrificio da fidalga prosapia não á moral do oriente portuguez, mas ao casamento bem prosperado das duas filhas.

Leonor, a primogenita, era a mais formosa menina da India. Andava em proverbio de gentileza. Uma vez, nos apêrtos d'um naufragio, os fidalgos afflictos faziam em altos brados, d'uma cobardia estupida, promessas espantosas. Uns promettiam repartir os roubos com os santos; outros iriam de bordão e esclavina a Jerusalém; este promettia aos frades toda a canella e pimenta que se salvasse; aquelle fazia voto a S. Francisco das Chagas de vestir a tunica dos arrabidos. No entanto, um soldado obscuro que

assistia impassivel á tormenta e com um sorriso ironico ás promessas, n'uma intercadencia de taciturno pavor, exclamou: — Eu cá por mim prometto casar com D. Leonor, filha do capitão Garcia de Sá.

Houve uma convulsão de riso involuntario. Faria e Sousa dá o realce do gracejo que refere, acrescentando que Leonor era *en belleza el cuidado unico de toda la India.* O dito foi celebrado como uma *galanteria desafogada quando todos se afogavam,* diz o historiador jovial, jogando de vocabulo com o seu regular mau gosto.

Devia de ser muito querida aquella Leonor de Sá. O mais opulento capitão da India, Luiz Falcão, pediu-a com a certeza de a possuir. Elle já não estava na flôr da idade; mas era de illustrissima linhagem, dos senhores de Pereira, terceiro neto de John Falconet, que viera a Portugal com o duque de Alencastre, e casára com uma filha dos Abreus, senhores de Souzel. Era rico em Portugal, e riquissimo na Asia pelos proventos da capitania de Ormuz e das ladroeiras. O triennio d'esta capitania dava cêrca de trezentos mil pardáos, limpos de deshonra, noventa contos de reis, que conferidos com o valor actual do numerario, orçariam hoje em dia quatrocentos e cincoenta contos.

Falcão, n'aquella fortaleza do golfo persico, na lasciva Ormuz, onde *as mulheres,* como Tenreiro escreve, *são muito formosas e muito dadas á sensualidade,* houve-se como legitimo portuguez de fina raça — um Falcão ás direitas. Não obstante a vigi-

lancia do cioso marido persa, teve artes de compartir de varios thalamos conjugaes. Seduziu, além d'isso, varias meninas solteiras e houve d'uma ou de duas dous filhos que muito amava, mas que o não demoveram de requestar, com muita infelicidade, a filha de Garcia de Sá, como logo veremos [1].

[1] O viver dos portuguezes na ilha de Ormuz, em 1550, poucos annos depois que Falcão governou a fortaleza, descreve-o o apostolo jesuita Gaspar Barzeo em uma carta copiada na preciosa chronica O ORIENTE CONQUISTADO A JESUS CHRISTO, tom. I, pag. 770. Diz assim: «Achei n'este paiz muitos usurpadores da fazenda alheia, e muitas subtilezas de enganos para opprimir e roubar o povo: muitos odios antigos: continuos desafios: toda a sorte de blasphemias: dissoluções publicas, especialmente entre os soldados, que me deram muito que fazer; e quanto eu edificava em um dia, destruiam elles em uma hora, acutilando, ferindo, e matando aquelles que se engenhavam á vida pacifica. E rogando-lhes eu ao principio que perdoassem as injurias, por amor e á imitação de Christo, me respondiam que Christo era Deus, e elles homens, e portanto não podiam soffrer nem dissimular as offensas; e que assim como Deus estimava a sua honra, assim estimavam elles a sua; e que antes queriam ir ao inferno vingados, que sem tomar vingança ao paraiso. E na verdade, elles me pareciam gente sem lei, sem Rei, sem capitão, de todo barbara, nascida para desprezo de Deus e vituperio dos santos. Uns estavam casados com muitas mulheres juntamente; outros publicamente e sem algum respeito tinham sempre comsigo duas ou tres concubinas, judias, mouras e gentias, e as levavam para onde quer que iam. Nem faltavam ladrões e assassinos que por dinheiro matassem quem quer que fosse. Eu

D. João de Castro houvera denuncia clamorosa dos escandalos de Luiz Falcão em Ormuz. Findo o governo triennal, reprehendeu-lhe particularmente os vicios da carnalidade e da ambição desenfreada; mas proveu-o logo no governo de Diu — mais honroso que lucrativo — em substituição do famigerado D. João de Mascarenhas. Ora, Luiz Falcão emprestára-lhe dinheiro para pagar á sublevada guarnição d'aquella fortaleza; e promettera-lhe, em desconto dos seus peccados, gastar, se preciso fosse, todos os seus have-

---

pedi ao capitão que os lançasse da ilha; mas elle não se atreveu a entender com elles, porque eram muitos».

Deve-se descontar, na devassidão dos portuguezes polygamos, o ardor do clima. Quem conhece alguma cousa da sciencia moderna chamada *mesologia* physiologica e psychica, tem de attender muitissimo ás condições climatericas, quando houver de sentenciar os portuguezes no golfo persico. O calor em Ormuz era tamanho que o veracissimo padre Sousa, na obra citada, tom. I, pag. 742, escreve: «As calmas são incomportaveis, abrazando-se as pedras de sal e accendendo-se as exhalações seccas que vaporam, e os homens passam as noites nos terrados em que se rematam todas as casas, mettidos em grandes gamelas, e refrescando-se continuamente ou a cantaros de agua fria, que os criados lhes lançam em cima, ou a um perpetuo movimento de abanos com que supprem a falta de vento fresco». Aquelles portuguezes, transplantados na Noruega, talvez fossem continentes, castos, sobrios e muito menos ladrões. O meio é como a fatalidade — tira o livre arbitrio e exime da responsabilidade.

res no serviço da patria. O Castro era forçado a contemporisar com as ribaldarias, com os peculatos, e com os pardáos do frascario Falcão.

Eis-aqui o que D. João de Castro escrevia a D. João III a respeito do concessionario a quem pedia dinheiro e dava o governo da fortaleza de Diu: «Luiz «Falcão, e um seu sobrinho, e um Antonio Mendes, «que foi seu feitor, são culpados na devassa geral que «mandei tirar das pessoas que tratam em pimenta e «enxofre; e em vez de os castigar e mandar presos a «V. A. fiz Luiz Falcão capitão de Diu, e os outros «culpados mandei estar servindo V. A. na fortaleza. «A este estado é chegada esta terra. Porque não achei «em toda a India fidalgo que quizesse aceitar a capi«tania d'esta fortaleza, por estar de guerra; nem Luiz «Falcão aceitára, se não fôra suspeitar suas culpas, e «querer-se remediar com V. A. Por aqui verá V. A. «que trabalho será o meu». (*Noticia preliminar* de Felner aos SUBSIDIOS PARA A HISTORIA DA INDIA, pag. XXV). Jacintho Freire de Andrade, juiz quasi sempre suspeito, pretende resalvar a fama suja de Falcão, trangressor das leis e da honra. Elle não valia mais nem menos que os outros capitães das fortalezas que, prevaricando nas clandestinas veniagas das especiarias, roubavam a fazenda real e espremiam os mercadores levantinos até lhes mungirem o ultimo bazaruco e a ultima gotta de sangue, se encontravam resistencia.

A penuria dos recursos era inexoravel. Martim Affonso de Sousa, o antecessor do quarto viso-rei,

roubára, no Oriente, milhões aos indigenas e aos colonos. Da côrte pedia-se instantemente dinheiro para acudir ás necessidades do monarcha. A rainha D. Catharina, com uma sordicia de mercieira, recommendava a D. João de Castro que lhe vendesse bem a pimenta. «E o cuidado que dizeis que tendes que dos qui-
«nhentos quintaes de pimenta de que me el-rei meu
«senhor fez mercê, para mandar a Bengala, se faça o
«mais proveito que puder ser, estimo muito, e fol-
«guei de para a feitoria d'isso escolherdes Manoel
«da Gama», etc. Que reis e que rainhas! Quando elles e ellas — estas curvaturas da espinha dorsal do genero humano, cederem ao tempo, ao grande algebrista — o enorme successo historico da rainha de Portugal, recommendando ao viso-rei da India que lhe venda a pimenta o melhor que puder ser, no momento em que o imperio indico entrava em paroxismos, deve escorrer galhofas muito apimentadas da penna do historiador!

Luiz Falcão, sobre ser argentario, era um pouco affecto ás letras amenas. Condão de familia, talvez. Seu primo Christovão Falcão, o enamorado trovador da esquiva D. Maria Brandão, do Porto, é aquelle *Chrisfal* que, acolchetando a primeira syllaba do nome com a primeira do appellido, publicou discretamente os seus conhecidos versos apaixonados que o não impediram de casar duas vezes. O primo Luiz era menos poeta em seus amores: não lhe dava para ahi o orientalismo. Ia mais para o cravo e para a pimenta. Em Ormuz parece que lia na lingua

persica as historias bastante fabulosas de Alexandre e outras de assumptos menos serios. D. João de Castro correspondia-se com elle a respeito de livros, e pedia-lh'os com interesse de bibliophilo, como se lhe sobejasse tempo da lide de governar e escorar a India que desabava. Falcão enviava-lhe em 1546 a VIDA DE ALEXANDRE em persa, de cuja authenticidade duvída, e outras historias muito mundanaes que elle considera mais para serem lidas pelo filho que pelo pai, e não se exclue dos mundanos a quem taes leituras competem. Quem quizer ajuizar da orthographia de Luiz Falcão, a melhor d'aquelle tempo, leia este fragmento da carta ao governador: « Alleixos de carualho me dixe da parte « de vosa s., que lhe mãodase *allixamdre* hem par- « syo: lla lho mãodo, haimdaque has escreturas des- « tes mouros, tenho-as por menos autemtes que has « nosas. Nese llyvro vam houtras estoryas hafóra has « dallyxamdre, has quays me parese que follguará « mays com ellas ho senhor dom fernãodo, hou quall- « quer houtro homem do mundo, como heu, que vo- « sa s. ».

Luiz Falcão, como se vê, confundia arabes e persas com mouros. Era um erro a que não se eximiram os chronistas mais illustrados.

A biographia persica de Alexandre, que o capitão enviava, era antiquissima. Já no seculo XI corria trasladada para grego por Simeão Seth. Os romances lendarios de Alexandre, reconstruidos nas canções de gesta por Lambert le Cour e Alexandre de

Bernai, trovistas do seculo XII, procedem d'essa patranhosa biographia. Estes rapazes de hoje que fazem *alexandrinos* talvez não saibam perfeitamente que foi esse o assumpto que deu, ha sete seculos, a denominação aos versos.

Não tenho noticia de grammatica persa anterior á de J. B. Raymundo, de 1614. Chego a suspeitar que Falcão e Castro folgavam de possuir os manuscriptos illuminados que não percebiam, ou talvez impressões tabulares de esculptura, seculos antes usadas no Oriente, primeiro que chegassem ao conhecimento dos europeus. As difficuldades d'esta linguagem, hoje comprehendida no grupo das linguas hindustanicas, adelgaçou-as um grande lavor dos inglezes começado em 1796, com a grammatica de Gilchrist, melhorada em 1813 por John Shakespeare. No meado do seculo XVI a Companhia de Jesus começava a sua catechese no Oriente, não sabemos com que elementos linguisticos, desde que seguiram as pégadas de S. Francisco Xavier para dentro do golfo persico. D. João de Castro, a meu vêr, possuia livros persas como eu já possui uns hebraicos sem perceber sequer os caracteres. Dei-os ao snr. Saraga que, por signal, achou que um d'elles era magnifico e raro — alguma judiaria, cuja posse heterodoxa me deve ser desculpada, porque eu não sabia o que tinha. Ainda agora, quando quero humilhar a minha soberba scientifica, folheio uma GRAMMAR OF THE HINDUSTANI LANGUAGE, do orientalista Shakespeare; leio-a ha quinze dias, e ainda me não conside-

ro bastantemente hindustanico para concorrer á cadeira que deve brevemente inaugurar-se no Curso Superior.

A Ormuz de Luiz Falcão era uma delicia de um grande caracter asiatico. Dizia-se no Oriente que se o mundo todo fosse um annel, Ormuz seria o seu diamante. Os persas eram *muito trovadores, e dados a lêr historias antigas e a outras boas manhas,* diz Antonio Tenreiro. Havia n'aquella cidade *muitos desenfadamentos, entre os quaes ha um para homens curiosos de feitos antigos, e é que em um alpendre grande, a certas horas do dia, pela manhã e de tarde, lê um mouro velho chronicas antigas, assim de Alexandre como de outros varões illustres: isto fazem para os mancebos se costumarem bem.* Compare-se a vida intellectual de Ormuz com a de Lisboa no meado do seculo XVI.

D. João de Castro colligia com muito empenho livros persas, e parece que apreciava grandemente os illuminados. Ruy Gonçalves de Caminha apanhára no roubo d'uma nau arabica uns livros em persa *emlumynados, muito lousãos,* que não percebia, e enviou-os ao governador; Simão Botelho, quinhoeiro da mesma presa, tambem lhe levou dous *muyto bõs* [1]. Este Ruy Gonçalves de Caminha foi um ladrão muito celebrado, a quem chamavam por isso mesmo

[1] Estes extractos são feitos das cartas que D. Francisco de São Luiz publicou, annotando preciosamente a

o *conde Galalão*. Conhecia-o de sobra D. João de Castro; mas, como precisasse d'um agente sem consciencia para haver certos dinheiros dos rajahs, não o puniu, antes lhe aceitava as dádivas, e o nomeava vedor da fazenda. (Veja a *Noticia preliminar* de Felner aos SUBSIDIOS PARA A HISTORIA DA INDIA PORTUGUEZA, pag. XVIII e XIX).

Pelo seu dinheiro e pelas suas letras influira provavelmente Luiz Falcão no animo umas vezes severo, outras indulgentissimo do incongruente governador. O certo é que o capitão de Diu ousava aconselhal-o e fazer-lhe prophecias funestas que se realisaram, umas em vida de D. João de Castro, e outras depois. De permeio com os sensatos avisos, realçava os encomios emphaticos, hyperbolicos do cortezão: *V. S.ª tem havido em seu tempo as maiores victorias que n'estas partes temos vistas, depois que são descobertas, e se disser que muito maiores das que houve Roma depois que a Romulo fundou, não erraria; como cousa houve no mundo que apresentar batalha a el-rei de Guzarate nos campos de Barocho, e matar-lhe dous capitães, e fazel-o fugir, sem ousar de pelejar com V. S.ª com vinte soldados que com mais se não achou na dianteira, pois por menos victoria se deve de haver desbaratar cinco capi-*

VIDA DE D. JOÃO DE CASTRO, de Freire, publicada pela Academia real das sciencias em 1835 — unica benemerita de leitura por causa das notas sómente.

tães do Idalcão com vinte e cinco de cavallo, digo que o hei por muito maior feito, e mais glorioso vencimento que o d'el-rei D. Affonso Henriques no campo de Ourique. E termina dizendo que sua alteza o devia fazer duque ou marquez de Collares [1].

Em seguida á lisonja cheia de disparates eruditamente romanos, vem a admoestação: vaticina-lhe os trabalhos imminentes por causa da inutil posse de Adem, quando o mais conveniente seria grangear a paz, em tanta mingoa de soldados e de protecção dos rajahs, *que tem recebido de nós tão boas obras,* dizia elle ironicamente. E conclue: *D'este atrevimento que tomei seja perdoado.* O vaticinio realisára-se. Antes de decorrido um anno, o viso-rei morria retalhado de desgostos. Luiz Falcão, que conhecia os homens melhor que o governador, aconselhava-o que presenteasse o rei de Cambaia, e, alvitrando uma parelha de cavallos, dizia: *E se n'esse Baçaim os não houver, eu os tenho muito bons.*

Não sustentou esta liberalidade até final. Primeiro dera mesa aos lascarins; depois, cançou-se, e os soldados murmuraram. Por ultimo, quando o vice-rei não tinha um pardáo, avisava-o de que os soldados começavam a desertar, e iriam todos, se lhes não pagassem. Por causa d'esta má nova, *o governador tomou tamanha paixão e sentimento, que adoeceu d'umas febres tão rijas que de ninguem se deixava*

[1] Confira com o documento 56 das citadas *Notas.*

vêr. Ao mesmo tempo os lascarins de Gôa revoltados pediam-lhe soldo a toque de caixa. Conteve-os um enviado do governador *com o barrete na mão;* os soldados transigiram, aquietaram-se; mas D. João de Castro, que descêra a parlamentar com os sublevados, logo que os viu quietos, mandou prender o tamborileiro e cortar-lhe a mão direita. Simultaneamente Luiz Falcão usava em Diu o mesmo processo de amputação em um dos patifes que exigiam paga do seu serviço. O systema disciplinar de D. João de Castro era este: — se a tua mão me pede o pão que te devo e não posso dar-te, e ella se revolta, corto-t'a. — De modo que o grande Castro nem foi bom para si nem para os outros. Lia de mais o Alexandre fabuloso. Dos antigos imperios derivára á admiração dos Codros e dos Curcios; saltára em claro as trevas medievaes, e cuidava que a corrupção fizera dique no Baixo-Imperio. Era um homem bom, um philosopho que seria feliz entre as suas arvores da Penha Verde ou nos pacificos claustros de Alcobaça. Ainda nas guerras cavalleirosas e desambiciosas da Africa seria um modêlo; na Asia foi um dos governadores que inconsciamente mais impulsionou a queda do imperio indico porque todos os seus panoramas eram illusões. Façam-me a justiça de suppôr que eu escrevo estas linhas estranhaveis com as CARTAS de Simão Botelho, e as LENDAS de Gaspar Corrêa, á vista, por cujos testemunhos eu daria as barbas do visorei, se as possuisse.

Garcia de Sá, no seu curto governo, reconstituiu

na India as boas praticas de administração da justiça que o seu antecessor sobpuzera ás cousas militares tão desorganisadas que nunca os soldados tinham soffrido maior desleixo e penuria. Concorreram os dinheiros particulares de Luiz Falcão e os da fazenda real para as larguezas do novo governador. Simão Botelho accusava a D. João III o capitão de Diu que dos pardáos reaes enviára 5:000 ao pai de Leonor de Sá. Que admira? Estava tratado o casamento. Falcão, rico e cançado da India, queria regressar ao reino. Não vinha requerer commendas nem responder pelas espoliações de que o viso-rei o amnistiára. Vinha repousar-se nos braços da gentil fidalga em volta da qual se rivalisavam os capitães enriquecidos e os donosos aventureiros das mais finas raças.

Mas Luiz Falcão tinha contra si o coração de Leonor que não o amava, nem comprehendia o dever de sacrificar-se á riqueza do grande valedor de seu pai.

Estremava-se então por feitos valorosos na Asia outro fidalgo a quem todos os governadores tinham honrado, D. João III considerava grandemente, e Leonor exclusivamente queria. Não hombreava em opulencia com o capitão de Diu; mas tinha vinte annos de milicia, na defeza das fortalezas mais de prova, nas mais carniceiras luctas, e não deixára nas chronicas de Gaspar Corrêa nem nas CARTAS de Simão Botelho um laivo de cobardia ou de ladroeira. Quanto á ferocidade, afidalgada em bravura, foi como todos os heroes pindarisados por Diniz da Cruz.

II

Era Manoel de Sousa de Sepulveda, nascido entre 1500 e 1505. Tinha estudado para clerigo e chegára a investir-se em uma conezia em Evora. Na flôr dos annos seduziu uma senhora de mediana linhagem. Não era Sousa nem Tavora como o seductor, mas tinha irmãos briosos que lhe impunham a elle o casamento á ponta da espada. O conego honorario despiu a murça e fugiu para a India. Dizem os genealogicos que a dama trahida o foi seguindo; mas o episodio insignificante esvaece-se entre as gloriosas façanhas de Sepulveda no Oriente. Se a desditosa por lá se finou, se a finaram, se regressou ao reino, é cousa tão somenos que nem os linhajudos, obscuros annalistas de escandalos, lavraram acta

d'essa augusta paixão d'uma mulher desvairada, sósinha, em cata do seu amado nas remotas regiões do Levante.

Elle embarcára em 1528, e dous annos depois capitaneava Diu. As suas proezas militares estão exuberantemente encarecidas nas chronicas; as amorosas são menos divulgadas, porque era preciso para não desluzir o guerreiro, indulgenciar-lhe as protervias sensualistas. Uma grande dama goeza, casada, deu-lhe um filho; porém, como os appellidos do filho adulterino eram os do marido de sua mãi deshonrada, o moço, cuidando que a salvava, nunca permittiu que o infamador d'essa mulher casada se aproximasse d'elle como amigo, nem sequer como conhecido. Manoel de Sousa, nas intermittencias de paz, dava trela ao coração, e ceifava as mulheres em flôr como cabeças de malabares. Camões não era menos subserviente louvaminheiro do que os chronistas, quando epicamente dizia d'este Sepulveda:

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, enamorado.

Era este o amado de Leonor de Sá e Albuquerque. Orçava então pelos quarenta annos, e não tinha grangeado grandes haveres; ao passo que Luiz Falcão era opulentissimo, dez annos mais idoso, — uma grande conveniencia, embora tivesse dous filhos naturaes. Leonor deplorava-se, inventava-se casada clandestinamente com o Sepulveda afim de protrahir

o enlace odioso; mas Garcia de Sá, obrigado pela palavra de fidalgo e pelas vantagens da fortuna, foi inexoravel.

Em uma noite cálida do verão de 1548, Falcão sentára-se junto á porta da sua casa contigua a um baluarte da fortaleza de Diu. A aragem fresca do mar vasquejava de leve as luzes da quadra em que o capitão conversava com um dos seus filhos, uma criança de nove annos, nascida em Ormuz [1]. Fóra, a espaços, ouvia-se o rumor dos sentinellas dos baluartes que, de quarto em quarto, passavam rendidas. De subito fez-se fóra a rutilação de um relampago, e Luiz Falcão, levando a mão á fronte, escabujou na cadeira e resvalou morto com o craneo aberto por um pellouro. Ergueu-se grande alarido, soldados e servos com tochas procuraram todos os recantos das muralhas em cata de um suspeito assassino. Debalde. De Gôa sahiu o Mergulhão, um magistrado cruel para devassar; um lascarim foi torturado para confessar o crime. Barbaridade inutil.

---

[1] Chamavam-se Ayres e Gonçalo os dous filhos naturaes de Luiz Falcão. Ayres casou na India e lá subsistiram os seus descendentes. Gonçalo Falcão casou em Lisboa com D. Maria de Barros, filha do desembargador João de Barros, author do ESPELHO DE CASADOS. Tiveram uma filha unica, D. Joanna de Mendonça, que morreu freira em Monchique, no Porto. O doutor João de Barros nascera em Villa Real, filho do licenceado Diogo Gonçalves, que casára com D. Briolanja de Barros, da familia dos *Machuchos* do

Espalhou-se na India o boato de ter sido assassinado por mando de Manoel de Sousa de Sepulveda o noivo de D. Leonor de Sá. Fez-se uma grande indignação muda. O nome do bravo capitão amordaçava os pequenos; quanto aós grandes, esses inventavam causas estolidas da morte violenta do capitão de Diu. O veador da India, Simão Botelho, escrevia a D. João III: «*Da morte de Luiz Falcão se não sabe ainda certeza que faz ter-se d'ella más suspeitas; prazerá a Deus que se saberá, para se fazer a justiça que tão novo caso n'estas partes requer: querem dizer que se azou sua morte porque, em*

Porto, que assistiam na rua Nova, familia muito illustre. A noticia que precede a segunda edição do ESPELHO DE CASADOS publicada no Porto em 1874, está defeituosa de conjecturas assentes sobre falsos dados. O doutor João de Barros não era do Porto nem de Braga. Casou em segundas nupcias com uma senhora da familia de *Mendonças*. A outra sua filha D. Filippa casou com Payo Corrêa, na comarca de Villa Real, na quinta de Cambres, e me persuado que d'este casal descende o snr. José Augusto Corrêa de Barros, antigo deputado, notavel escriptor e vice-presidente actual da camara municipal do Porto. No ARCHIVO HERALDICO GENEALOGICO, do snr. visconde de Sanches de Baena, pag. 276, está a carta pela qual el-rei D. João III concede ao doutor João de Barros o brazão de seus antepassados, datada em 23 de junho de 1553. As restantes noticias d'esta nota são extrahidas do NOBILIARIO de Manoel de Sousa da Silva, artigo *Bairros*.

sahindo o inverno, mandou Luiz Falcão cinco mil pardáos ao governador Garcia de Sá, tanto que soube que era governador, do dinheiro de vossa alteza, e que por isso se deixou de acabar de pagar aos soldados e aos casados...» Gaspar Corrêa, nas LENDAS de 1548, escrevia: «... *Era morto Luiz Falcão que o mataram á espingarda estando em sua camara, assentado a uma mesa repousando sobre cêa; o qual homem o soube tão bem fazer que não foi visto nem nunca achado. E assim pagou Luiz Falcão muitas injurias que tinha feito a muitos homens em Ormuz e em Diu, e foi elle mais mofino que achou quem o matasse; o que não acham os outros, que elles todos são taes e tão dissolutos em males que merecem mil mortes...»*

E Diogo do Couto: «*Ao outro dia, depois de Luiz Falcão ser enterrado, se tiraram grandes inquirições, sem acharem rasto de cousa alguma*».

Ha porém um depoimento importante n'este crime mysterioso. É o poema de um contemporaneo, Jeronymo Côrte-Real, que sahia da infancia quando Luiz Falcão pereceu, e esteve na India onde recolheu as tradições já desembaraçadas da pressão do nome panico do Sepulveda. Intitula-se o poema: NAUFRAGIO E LASTIMOSO SUCCESSO DA PERDIÇÃO DE MANOEL DE SOUSA DE SEPULVEDA E D. LEONOR DE SÁ SUA MULHER E FILHOS. Pelo respiradouro das allegorias, Côrte-Real desafoga a verdade que lhe trasborda da consciencia. As leis do poema permittiam-lhe esse desabafo, o primeiro protesto escripto contra a abjec-

ção dos chronistas. Bem póde ser que no animo do poeta mordesse o áspide do ciume de Camões que exalçára as proezas cavalleirosas do Sepulveda sem lhe pôr a marca dos delictos. Côrte-Real era um dos confederados nas hostilidades ao cantor do Gama. Andrade Caminha, Antonio Ferreira, D. Jorge de Menezes, Luiz Pereira Brandão e Luiz Alvares Pereira encarecem Còrte-Real á primazia de primeiro e unico cantor das façanhas lusitanas no Oriente. Em 1572 appareceram os LUSIADAS e em 1574 o SUCCESSO DO SEGUNDO CERCO DE DIU de Côrte-Real. Devia de estar na memoria ou na inveja de Luiz Alvares Pereira a magestade epica de Camões e esse mesmo ousava imprimir no deslavado poema de Jeronymo Côrte-Real:

Este de que o céo tanto apregôa
Jeronymo — só — *é que faz evidente*
Quanto do portuguez por Asia sôa
E do Levante corre até o Ponente.

Aquelle *só* é uma insinuação vil. E como Camões se prezava de servir a patria com a espada e com a penna, o outro, assetteando-o por detraz de Côrte-Real, dizia:

Nas Musas o estaes vendo o mais prudente:
.... *foi-lhe a honra dada:*
Tudo que diz co'a lingua obrou co'a espada.

Côrte-Real, encomiando Luiz Pereira Brandão, socio do grupo hostil a Camões, dizia-lhe:

De quantos a Castalia tem chegado
Te deu a ti do verso a suavidade,
E ficas com razão tu *só* no mundo
Por *unico*, perfeito, *sem segundo.*

Um vivo desejo nos move a lêr o poema de Côrte-Real tão encomiado, quando os LUSIADAS conquistavam a universal admiração. Esfria-se o alento no primeiro canto, e um riso consolador nos aquece o desânimo quando no canto IX, Côrte-Real nos canta de

.... Isabel Madeira
Do Mestre João mulher, formosa e moça
Que sempre trabalhou, andando prenhe
Acarretando pedra e pesos grandes.

Depois, no canto XI, procura insidiosamente fazer-nos chorar quando, referindo-se áquelle Mestre, mallogrado esposo da emprenhada Isabel Madeira, nos conta que

Morreu Mestre João, varão prudente,
De ousado coração, de vivo sprito,
E muito experimentado em Çururgia.

Tem estas fulgurações epicas o rival de Luiz de Camões.

Isto ainda assim, não desvalia o seu testemunho no processo do homicidio de Luiz Falcão. O NAUFRAGIO lê-se como uma velha sentença em corneos hendecasyllabos, sacudida do lixo mythologico. D'um ligeiro trabalho de confrontação entre os factos tradicionaes e as allegorias tôlas resulta a nitida narrativa d'essa catastrophe. Nem o poeta ousaria attribuir aos deuses a morte de Luiz Falcão n'um poema que elle submette ao soccorro de Jesus Christo:

A vós, ó Redemptor, que nas entranhas
Purissimas da Virgem sacra e pia
Vos encerraste Deus e homem perfeito
Intervindo em tal obra o Esprito Sancto
....
A vós peço, Senhor, alto soccorro
Que o Helicon não quero, nem que Apollo
Levemente me inspire o dôce alento
Dando-me saber novo e claro engenho
....
Nem que o meu canto *faça* sonoroso.

Referencias inequivocas a phrases conhecidas dos LUSIADAS.

Desdenhando pois da bagagem apollinea, Jeronymo Côrte-Real refere assim o successo:

Manoel de Sousa, muito apaixonado por Leonor, sabendo que o pai a dera a Luiz Falcão, escreve a Garcia de Sá dizendo-lhe que a filha já é sua esposa canonicamente. O velho despreza o capcioso embaraço e persiste na sua palavra, ameaçando muito furioso matar e enterrar a filha com as proprias

mãos. Interroga Leonor; ella chora; o velho quer uma resposta summaria: a filha pede-lhe que a mate. Elle, mais enfurecido, aferrolha a rebelde, cerca-a de espias; mas, não obstante, os dous enamorados correspondem-se mediante uma alcaiote, a que o poeta chama epicamente *uma terceira sagaz.*

Entra em scena o Amor, filho de Venus, que o aconselha a ir á ilha da Vingança, onde mora uma Ramuzia que parece ser a Nemesis. Esta Ramuzia concede ao Amor o Odio, a Ira e a Determinação, personagens sinistras que vão com elle a Paphos, onde Venus dá ao filho um raio para matar Luiz Falcão.

O encarregado de matar o Falcão chama-se Antheros, um sujeito olympico que

a seu cargo tem vingar aggravos
E as injurias d'Amor satisfazel-as.

Partem de Paphos para Diu; acham Luiz Falcão á janella; Antheros dardeja-lhe o raio ao ventre, e estira-o morto. O cadaver é sepultado com este epitaphio:

« Se perguntas quem jaz n'este aposento
« Escuro, frio, triste, aborrecido,
« Sou quem livre d'Amor e seu tormento
« Fui por Amor sem causa assi offendido:
« Um cruel, deshumano, bruto intento,
« Um cego amor de ciumes constrangido
« Co' a minha triste sorte conjurados
« Anteciparam meus ultimos fados ».

O poeta, explicada a morte por um processo tão natural, refere os boatos correntes:

Uns dizem que tal morte por affronta
Ou recebida injuria se daria;
Outros a cubiçoso baixo intento
E a tyrannicos roubos o attribuem.
Outros que commetteu torpe adulterio
Por onde se tomou justa vingança:
Mas a palreira fama diz e affirma
Que o cego Amor só n'ella teve a culpa.

Depois, Garcia de Sá deixa casar a filha com Manoel de Sousa, e acabou-se a metaphora. A historia do poeta, se elle a contasse em prosa sem o soccorro do Redemptor, e com exclusão das ficções apollineas, teria esta simplicidade: Manoel de Sousa de Sepulveda para possuir Leonor mandou matar Luiz Falcão. Não foram os roubos, as affrontas, os adulterios que o mataram: foi o amor que teve a culpa; e, em vez d'um Antheros a fulminar um raio ao ventre do Falcão, diria que qualquer lascarim assalariado lhe cravou um pellouro na cabeça.

Antonio de Sousa, genro de Jeronymo Côrte-Real, publicador do poema, tão certo estava de que seu sogro considerava Manoel de Sousa o indirecto homicida de Luiz Falcão, que chama o reparo do leitor para a moral do livro, considerado um pregoeiro da justiça de Deus. «E se bem olhardes — diz elle — vereis quão certo está o castigo, ainda que tarde áquelles que por seus delictos commettidos contra a

caridade e amor com que deviamos amar nossos proximos, o merecem; e que não deve a tardança d'elle fazer-nos esquecer da certeza com que o devemos temer».

Se Sepulveda era innocente na morte do rival, com que justiça seria castigado? Que lucrou o poeta com a allegoria dos deuses homicidas a não querer encobertamente ligar o crime á expiação do naufragio com um cortejo de horrendissimas agonias nunca lidas em catastrophe d'esta natureza?

O depoimento pois de Jeronymo Côrte-Real, com quanto deteriorado pelos artificios epicos mais parvoinhos, é o unico, a meu vêr, que encerra o testemunho da verdade que encontrou na India, vinte annos depois do crime e da catastrophe. Elle achou em Portugal e no Oriente Ayres e Gonçalo Falcão, os dous filhos do assassinado, e encontraria centenares de camaradas de Manoel de Sousa que poderiam duvidar do crime em quanto o não viram castigado na Terra do Natal. Se Manoel de Sousa chegasse com esposa, filhos e riquezas á lingueta da Ribeira, e D. João III lhe premiasse os serviços com o governo geral da Asia, ninguem se lembraria de pôr o bestial Cupido filho de Venus, a convidar o sicario Antheros para matar com um raio de Paphos o noivo de Leonor de Sá. Sepulveda não teria a honra imperecedoura de uma epopêa, nem Falcão uma tão distincta morte, promovida por deusas de primeira ordem com a restante canalha feroz da casa de Ramuzia. Demais, no poema, ha dous versos que decidem:

... A morte injusta só no divo peito
D'aquelle alto juiz ficou escripta.

Deposto agora o poema como inutil na essencia dos factos, vamos sem receio de illusões colher na historia os successos incontroversos.

Garcia de Sá casou no mesmo dia as duas filhas. A outra, D. Joanna de Albuquerque, ligou-se a D. Antonio de Noronha, guarda da costa do Malabar, muito fidalgo e de medianos haveres. O governador tinha quarenta mil cruzados de seu: repartiu-os por ambas.

O esplendor das festas bizarras do casamento deu brado em Gôa, e vem referidas com minudencias muito curiosas no poema de Côrte-Real. O trajo nupcial de Leonor devia ser a maravilha do artificio no prodigio de formosura que os contemporaneos sobrepuzeram a todas as bellezas orientaes. Laçavam-lhe perolas os cabellos louros e firmaes de scintillações rutilantes. Roçagava-lhe o vestido, á moda de França, de sêda verde clara, corpete justo com saia de grande roda; mangas foteadas e os golpes acolchetados de botões de perolas; roscas de brilhantes serpenteavam-lhe no collo nú; um cinto de pedraria cingia-lhe a cintura flexuosa, e do hombro esquerdo pendia-lhe um manto de sêda verde refegado para não esconder as curvas boleadas. Côrte-Real encarece-lhe o primor

Das pômas que em alvura a neve excedem,

e, bastantemente realista, diz que alguns sujeitos

. . . . no pensamento vão medindo
A proporção igual, maravilhosa
Das partes perfeitissimas que a roupa
Avara de ciosa lhe escondia.

Estas *partes* parecem ser *o véo dos lirios rôxos pouco avaro* de Camões. Quanto a avareza, não se confunda a deusa com a noiva.

Depois, na manhã seguinte á noite do noivado,

Desamparado já dos dous amantes
O leito sabedor dos seus amores,

Leonor,

Nos bellissimos olhos amostrava
Um certo aggravo, e queixa com brandura,
E o rosto em frescas rosas convertidas
Um affrontado pejo descobria.

A descripção das cavalhadas é o episodio que mais realça no poema. Não temos outro seiscentista que inquadrasse mais lustrosamente essa especie de festejos.

Garcia de Sá pouco tempo sobreviveu ás festas nupciaes das filhas. Morreu em 6 de julho de 1549. A India portugueza perdera um dos seus mais discretos governadores. Os frades odiavam-no; mas a morte inesperada poupou-o á mágoa da deposição que já ia mar em fóra quando elle expirou. S. Francisco Xavier estimava-o e deplorou-lhe o passamento.

O snr. Oliveira Marreca (Panorama, t. viii, pag. 270) escreve que a carreira de Garcia de Sá fôra *pouco illustre, porque seria difficil a homem ainda mais qualificado do que elle era elevar-se acima da craveira ordinaria da mediocridade depois do governo de D. João de Castro, como administrador o primeiro e mais zeloso que teve a India*, etc. A critica illustrada por documentos modernamente escavados nos archivos não concorda com o eminente apreciador do vice-reinado do 4.º governador da India. Já n'este ligeiro quadro historico se deram algumas linhas do perfil de D. João de Castro e o complemento d'essa physionomia está nas Cartas de Simão Botelho e nas Lendas de Gaspar Corrêa. Quanto ao governo de Garcia de Sá, o snr. Oliveira Marreca discrepa dos historiographos mais convisinhos dos dous governadores. O padre João de Lucena escreve, ao proposito de S. Francisco Xavier prophetisar o breve passamento de Garcia de Sá, que o padre se compadecera da India por *perder tão depressa um homem que não havendo um anno que a governava e em tempo que as guerras de Cambaya a tinham em grande falta de dinheiro a armou todavia por mar e por terra como se achára grandes thesouros, fazendo muitos e muitos formosos galeões, e provendo todas as fortalezas de munições e mantimentos para qualquer trabalho e cerco que succedesse. Sobre isso na administração da justiça e paz, que é o fim de todo bom governo, e da mesma guerra, Garcia de Sá se póde e deve contar entre*

os governadores benemeritos do estado. Quando D. João de Castro morreu, não havia dinheiro, nem galeões, nem provimentos nas fortalezas, nem paz, nem justiça — uma grande pobreza. É o que se deprehende das necessidades que o seu successor remediou, e das miserias que o 4.° viso-rei expunha a D. João III. (Veja as cartas publicadas por D. fr. Francisco de S. Luiz, na edição academica da VIDA DE D. JOÃO DE CASTRO, por J. Freire d'Andrade). Não obstante, é prudente não prestar credito absoluto ao jesuita Lucena, se o não estearem outras authoridades. Elle diz que o successor de Garcia de Sá, Jorge Cabral, foi *varão de singular prudencia e valor nas armas e a ninguem segundo na piedade e zelo da religião christã.* Jorge Cabral foi ladrão quanto se infere das CARTAS de Simão Botelho; e pelo que respeita a piedade christã não a revelou com sua esposa D. Lucrecia Fialho quando a matou a facadas por encontral-a em adulterio com o primo d'elle D. Francisco de Castro, filho do bispo da Guarda D. Christovão de Castro. (NOBIL. DE CABEDO. Ms. tom. IV, pag. 317).

A morte foi benigna com o velho governador. Se vivesse um anno mais, veria sua filha Joanna de Sá viuva de D. Antonio de Noronha, morto á porta de um pagode de malabares que incendiára (outubro de 1550). Este fidalgo era filho do mais scelerado vice-rei que fôra á India, D. Garcia de Noronha, e irmão de D. Alvaro, capitão de Ormuz, notabilissimo pirata. Quando arguiram este Noronha de enthesourar

riquezas enormes á custa de espantosas carnificinas, dizia «que um dos capitães passados, sendo *Lima,* levára 140:000 pardáos, e passára sem embaraços; e elle, que era um *Noronha,* devia levar mais». Assim se distinguiam na craveira heraldica os Limas dos Noronhas. Parece porém que o genro do governador, deixando pobre a viuva, se esquecera das obrigações do appellido, ou degenerára.

Maior incomparavelmente seria a angustia de Garcia de Sá, se a vida se protrahisse mais dous annos.

III

Manoel de Sousa de Sepulveda, nomeado capitão-mór dos rios, feriu a sua penultima batalha victoriosa contra os malabares de Bardella, oito mil naires ajuramentados para a morte. Sepulveda matou dous mil, e recolheu-se a Cochim afim de se embarcar para o reino; mas, em quanto se empilhavam os seus 7:500 quintaes de pimenta no galeão grande S. João, foi retemperar a sua espada no sangue dos principes indios conjurados com o Çamorim. Era uma questão de especiarias; o Çamorim não queria dar pimenta nas condições ladravazes que lhe impunham os inclitos heroes da Asia.

No galeão, capitaneado por Manoel de Sousa, embarcaram duzentos portuguezes e trezentos escravos.

Nunca sahira da India nau tão ricamente fretada. O capitão, a esposa e dous filhos de tenra idade embarcaram ao içar das amarras. Entre os passageiros mais graduados ia um filho natural de Sepulveda, um menino de nove annos, com a sua côrte de escravos. O pai adorava aquelle filho, nascido em Diu d'uns amores illicitos e sacrificados á paixão de Leonor.

Não me proponho ir na esteira do galeão, assignalando dia a dia, no percurso de tres mezes, aquella prolongada agonia. Ha diffusas particularidades d'este naufragio em chronicas, poemas e relações especiaes. A narrativa é de si tão penosa que o contal-a não póde ser grato ao reconhecimento de quem a lêr. Luiz de Camões, quando ia de Lisboa para a India, podia ter visto ainda algumas reliquias do naufragio, succedido um anno antes. O que o poeta encontrou de certo foi a compaixão inspiradora das tres estancias que elle pôz nos brados atroadores do Cabo Tormentorio. É a tragedia de Sepulveda condensada em poucas linhas:

> Outro tambem virá de honrada fama,
> Liberal, cavalleiro, enamorado,
> E comsigo trará a formosa dama
> Que Amor por gran mercê lhe terá dado:
> Triste ventura, e negro fado os chama
> N'este terreno meu, que duro e irado,
> Os deixará d'um crú naufragio vivos,
> Para verem trabalhos excessivos.

Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os cafres asperos, e avaros,
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros, e preclaros,
Á calma, ao frio, ao ar verão despidos;
Depois de ter pisado longamente
Co'os delicados pés a arêa ardente.

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na férvida e implacavel espessura.
Alli, depois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dôr, de mágoa pura,
Abraçados, as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão.

Luiz de Camões aligeirou os paroxismos de Sepulveda: parece que lhe escasseavam as côres negras, o tragico alento para o horror do quadro. Antes quiz que as duas almas se desatassem a um tempo, do que pintar Manoel de Sousa, o demente, recobrando a razão ante o cadaver da esposa e dos filhos, a cavar-lhes com as mãos a sepultura na arêa. Não nos contou o grande poeta a dôr que lhe apagára a razão — a morte do seu filho illegitimo que os escravos abandonaram já nas derradeiras vascas, de cansaço e fome. Outro poeta, Luiz Pereira Brandão, o da Elegiada, deu umas notas d'essa tribulação, estragadas algum tanto pelos trocadilhos:

Quando menos um filho o Sousa achando,
Filho em quem memorias se accendiam
D'um dôce bem que foi, e ainda fôra,
Se não fôra o que dentro n'elle mora,
Que tanto que entendeu que era perdido,
Por que não entendesse o quo perdia,
Lhe fez perder alli todo o sentido
A saudosa mágoa que sentia...

Mas Côrte-Real, como se a consciencia o arguisse de enredar a verdade do crime expiado em ficções metaphoricas, offerece no canto penultimo um quadro de Euripedes, shakesperiano, frouxamente bosquejado. O espectro de Luiz Falcão levanta-se e clama:

.... Senhor, justiça,
Justiça por tal morte, o tão sem culpa.
....

Este gemido vai subindo, subindo através dos mundos, e chega á presença do juiz supremo:

Fazei-me vós, bom Deus, igual justiça,
Pois vós vêdes, Senhor, que a peço justa,
E que a morte cruel que me foi dada
A deu um cego amor, a mim, innocente.
Justiça peço a vós, pois que na terra...
Aos que querem, dão côres, e ao que querem,
Sem delicto se achar, dão pena injusta.

A justiça e a razão é lá vencida
De um querer contumaz, impio e damnoso.
Mostram nas apparencias santo zêlo,
Intrinseca a maldade e a tyrannia.
Desculpa não na dão, nem causa urgente
Para os males, aggravos e injustiças.
Vós as vêdes, Senhor, vós dai remedio
Aos que não podem mais que a vós tornar-se.

Justiça! clamava o poeta. Elle devia saber que D. João III, quando o marido de Leonor era accusado do homicidio de Luiz Falcão, enviava á India um governador, cujas acções, por sua real ordem, deviam ser submettidas aos alvitres de Manoel de Sousa de Sepulveda.

IV

O desastre do criminoso, considerado uma expiação da atraiçoada morte do innocente noivo de Leonor, fez conversões espantosas na India, pondo em evidencia a justiça de Deus. Simão Botelho, o veador, correspondente de el-rei, era adverso á fradaria. *Os religiosos d'esta terra* — escrevia elle em 1552 — *querem gastar tão largo e dar tantas esmolas á custa da fazenda de vossa alteza que se gasta n'isso uma boa parte do dinheiro... Alguns querem muitas vezes fazer christãos por força e avexar tanto os gentios que é causa de se despovoar a terra.* N'outra parte, conta que o confessor o excommungára e parece dar minima importancia á excommunhão. Reprova que os dominicanos queiram apossar-se da propriedade alheia, mettendo na sua cêrca

uma horta de Pero Godinho. Emfim, Simão Botelho, a despeito da piedade do rei, ousa malsinar os frades que vão á Asia e julga-os elementares na ruina do imperio indico. As suas ultimas hostilidades ás religiões são datadas em 30 de janeiro de 1552, e o naufragio de Manoel de Sousa deu-se em 24 de junho do mesmo anno. Não ha mais carta alguma do veador. Demittiu-se do cargo, *quando lhe abriu Deus os olhos para entrar em contas comsigo,* no entender de fr. Luiz de Sousa, o historiador da sua conversão. Foi ter com o padre que o excommungára, o hespanhol fr. Diogo Bermudes, e pediu-lhe uma mortalha do habito de S. Domingos. Vestiram-lhe o habito de noviço. Abjurou as riquezas que possuia; foi o espanto da India, e o desprazer do governador D. Pedro Mascarenhas que ia do reino atido aos seus conselhos e aos de Manoel de Sousa. Um, apodrecia nos cavernosos brejos dos Ancozes; o outro tiritava de remordentes pavores n'um cenobio dos dominicos. O governador fechava-se com elle na cella, e governava a India sob os seus dictames. D. Constantino de Bragança levou-o comsigo á conquista do Jafanapatão. O frade cavalleiro com a cruz alçada rompeu por entre os pellouros da artilheria inimiga, e plantou-a nos baluartes escalados. Faltava-lhe este acto de piedade para amordaçar o seu remorso de veador da fazenda. D. Constantino fez-lhe as despezas da missa nova, por ordem de D. Catharina. Elle não necessitava d'esta esmola, porque tinha dado de sua algibeira muitos milhares de pardáos para a fa-

brica do convento. Trabalhava com os operarios como se não houvera nascido fidalgo [1]. Depois, tratava de christianisar os operarios gentios, e baptisava-os por sua mão. Ao cabo de onze annos de frade austero, pediu a extrema uncção, fez um discurso aos seus conventuaes e expirou no Senhor.

É estranhavel que Rodrigo Felner, socio de uma academia opulenta de elementos historicos, e subsidiado na publicação dos documentos concernentes á monographia da India portugueza, não indagasse sufficientemente a biographia de Simão Botelho, a quem denomina «o homem mais illustrado d'aquelle tempo». Tão á ligeira lhe averiguou a vida que declara ignorar se acabou na Asia, se foi galardoado pelos serviços que honradamente fez á patria, se foi abandonado ao esquecimento. Frouxa paciencia indagadora muito desculpavel pelo publico desamor desdenhoso com que em Portugal se encaram de esconso livros inculcadores de vigilias e bolor de cousas antigas. Eu por mim ponho a trouxa dos estudos rancidos sobre as largas espádoas de EUSEBIO MACARIO, a vêr se alguem se anima a lêr historia nas grandes intermittencias de insulsez que tornam tedioso o meu boticario.

[1] Era filho de Ruy Gago, e de D. Guiomar Botelho, filha de Pedro Botelho, juiz da alfandega de Lisboa. Sahiu da côrte aos 28 annos, e serviu vinte e dous na Asia.

Bem sei que estas miudezas biographicas destoam da superficialidade calaceira com que em Portugal se passa por cima da historia. Até creio que já ninguem chama historia a estes pormenores contingentes dos grandes quadros. A preguiça evade-se ás cavalleiras da ignorancia dizendo que semelhantes miudezas são superfluidades; e eu pendo a crêr que se entra muito no espirito do seculo XVII, estudando as causas que levaram Fernão Mendes Pinto á Companhia de Jesus, e Simão Botelho á ordem dominicana. Os grandes cabouqueiros da penedia da historia patria acabaram com Alexandre Herculano. Os que mais convisinharam das suas lides eram uns meros curiosos, que faziam da sciencia historica uma diversão entre alegres jantares, palestras de camarins — a dôce vida que não se compadece com os azedumes d'um trabalho nem compensado, nem glorioso. Assim, tudo que se faz aqui no ventre das academias são fetos imperfeitissimos que deviam de acabar na madre antes de sahirem á luz ao lado das elaborações primorosas, immorredouras dos Thierry, dos Macaulay, Niebuhr e A. Herculano.

NOTA

Livros e manuscriptos consultados para o esboço d'este quadro historico:

Lendas da India, por Gaspar Corrêa.
Decadas de Couto.

Soldado pratico, do mesmo.
Vida de D. Paulo de Lima Pereira, do mesmo.
Asia portugueza, de Faria e Sousa.
Itinerario de Antonio Tenreiro.
Cartas de Simão Botelho.
Vida de S. Francisco Xavier, de Lucena.
Memorias de um soldado da India, compiladas por A. de S. Costa Lobo.
Notas de Fr. Francisco de S. Luiz á vida de D. João de Castro, por Jacintho Freire.
Chronica de D. João III, por Andrade.
Historia de S. Domingos, por Fr. Luiz de Sousa.
Revista Litteraria do Porto.
Nobiliario de Manoel de Sousa da Silva. }
» de Damião de Goes. } Ms.
» de Joseph de Cabedo. }
Historia genealogica da casa real.
Historia dos descobrimentos e conquistas dos portuguezes, pelo padre Lafittau, da Companhia de Jesus. (Versão de Manoel de Sousa).
Agiologio lusitano, por Jorge Cardoso.
Naufragio e lastimoso successo de Manoel de Sousa de Sepulveda, por Jeronymo Côrte-Real.
Successo do segundo cerco de Diu, do mesmo.
Elegiada, por L. Pereira Brandão.

EMENDAS

Pag. x, lin. 9, «porteiro dos coutos», emende-se «porteiro dos contos».
Pag. 94, lin. 5, «concessionario», emende-se «concussionario».

SENTIMENTALISMO

A CORJA

CONTINUAÇÃO

DO

EUSEBIO MACARIO

A Corja

I

EUFEMIA Troncha catava-o, fingia estalinhos insecticidas, fazia-lhe com a unha titillações, attritos suaves no casco da corôa, inventava para o nutrir e inflammar caricias e guisados, surprendia-lhe o appetite com fricassés muito aromaticos, tinha meiguices e candonguices d'uma donzella que afaga pombinhos entre os seios virginaes, decotava o corpete dos vestidos para lhe escaldar o sangue, fazia tregeitos lascivos de gata que se rebola escandecida nos telhados — uma croia velha com muita experiencia sublinhada. Ao principio, o abbade agradecia com mocanquices, correspondia-lhe com exuberancia de abraços, adormentava a sua dôr abe-

berado n'aquella modorra deliciosa, julgava-se curado das saudades de Felicia, e, ás vezes, repulsando uma idéa funesta, murmurava: «Que a leve o diabo! que a leve o diabo!» e agarrava-se ao pescoço nedio de Eufemia como a uma forte prancha de nau descosida e escalavrada. E ella:

— Meu idolatrado...

E babujava-lhe de beijos humidos a cara espaçosa.

Mas, depois, porejou-lhe na alma através do corpo um insidioso fastio desconsolador das mimalhices da Troncha. Poz-se a comparal-a com Felicia em confrontações plasticas, anatomicas, como um esculptor consciencioso. O musculo, as curvas, as proeminencias, as redondezas, a carnalidade em fim causticavam-lhe a memoria, e punham-lhe no coração uma negrura de agonias sentimentaes. Ia-se solitario pelas carvalheiras do passal, e aparava algumas lagrimas n'uns lenços brancos ordinarios, de pataco, que Felicia usára e desprezára quando foi para o Porto. Arbustos e arvores fallavam-lhe d'ella, nos murmurios das suas ramarias; parecia-lhe vêl-a a varejar bolotas para os sevados encavalgada nos galhos dos sovereiros. Os bacoros que grunhiam na possilga tinham-na visto leitões, tinham-lhe coinchado no regaço e pareciam revelar uma tristeza nos seus focinhos descahidos. A vacca em seus mugidos semelhava o ulular de um colosso de angustia. Havia na horta salsa, hortelã e serpão que ella tinha plantado. O abbade fixava os olhos amarados n'aquellas verdu-

ras e soluçava: «Foi ella, foi ella!» E quedava-se absorvido n'umas intermittencias de inferno que nem os theologos foram capazes de as inventar maiores. A saudade! Ai! esta palavra nenhuma religião a poz como penitencia, e o abbade, quando a sentia, de si comsigo, murmurava: «O inferno é isto». Quando a Eufemia lhe apparecia n'estas occasiões, a sua angustia refinava. Voltava-lhe as costas; e, se ella imprudentemente lhe passava a mão polpuda, cariciosa, pela cara, elle dizia de repellão: — Deixemo'-nos d'asneiras, mulher!

O abbade perdera a vontade de comer. Golodices predilectas vaporavam debalde diante d'elle as suas especiarias provocadoras. O chispe de porco e a orelha do mesmo, em concomitancia divina com a nabiça e o feijão branco, o nabo recheado e a truta de escabeche achavam-no impassivel como anachoreta santificado por jejuns inquebrantaveis. A Troncha ralava-se vendo aquelle estomago e coração cheio de sarro e fastio. Elle repellia o bife de cebolada e o seu amor cheio de hysterismos, alambazado. Ás vezes, porém, quando a recebia com grosseiros gestos de enfado, a Troncha dizia ao padre João da Eira, o coadjutor: — Não tardo a pôr-me nas flautas. Elle anda levadinho da breca. Acho que lhe lembra a outra mondonga e eu é que pago as favas. Barriga cheia, pé dormente. Adeus, meu amigo. Quem lhe comeu a carne que lhe rôa os ossos. Está farto, é o que é. Bem te entendo, mas não tenho copas... Eu depressa me sisco.

E o coadjutor, um machucho, entre os trinta e cinco e os quarenta, muito atarracado, com muita ronha e um bucho insondavel:

— Senhora Eufemia, o abbade é seu amigo, é muito seu amigo. O que o afflige não é a Felicia, é a queda dos Cabraes. O homem chora por elles lagrimas como punhos, e vossemecê verá que elle dá um estouro, se os cartistas não vencem as eleições. Se vossemecê o abandona, dá cabo d'elle. Ajude-me a levar esta cruz ao calvario. Eu tambem lhe soffro as descomposturas, os arremessos e vou supportando tudo até que os Cabraes tragam a esta casa alegria e socego.

Na verdade, o padre Justino tinha rabugices que excediam o despeito d'um cabralista faccioso. O rebanho andava á gandaia; e, se não fosse o coadjutor, não haveria enterros, nem casamentos, nem baptisados na freguezia. Aos domingos não fazia pratica, e engorolava o latim da missa comendo periodos, de afogadilho, dando syllabadas extraordinarias — uma cousa á tôa. Depois, andava mais doente, com a lingua suja e os olhos muito encarniçados e purulentos. De resto, pojaram-lhe uns furunculos nas costas e um grande pigarro. Sentia-se muito desgraçado, sem religião de casta nenhuma que o confortasse, praguejando como um arrieiro, e refutando as consolações piedosas do padre João da Eira a quem chamava asno com muito atheismo e má creação.

O coadjutor chocava uma idéa grande. Elle bem

sabia que as impertinencias do abbade eram saudades da sua companheira de dezeseis annos; mas não o dizia á Eufemia com medo que ella, abespinhada de ciumes, abandonasse a cozinha e se raspasse com o segredo culinario das costelletas de vitella, do estrugido do arroz e do coelho com môlho de villão. Mas afóra isto, elle tinha uma grande idéa, o padre João: era salvar o abbade das garras da saudade acirrando-lhe a raiva politica contra os Regeneradores. Semelhante idéa assás boa e das melhores que o coadjutor tinha produzido em negocios profanos, demonstra que o padre sabia que a Politica póde substituir a Femea, quando é preciso escolher entre duas devassas, não sendo possivel conservar ambas. Mas o abbade, assim que o timido coadjutor o estimulou a trabalhar pelos Cabraes, berrou-lhe: — Vossê quer então que eu me emporcalhe no partido dos Macarios, seu pedaço d'asno? Vossê não vê que um homem de bem não póde ser d'uma politica de marotos que deram o baronato ao marido da Custodia e um habito de Christo ao pai do marido da bandalhona da Felicia? Os Cabraes são uma cambada. Muito couce tenho de dar no inferno pelos serviços que lhes fiz!... Vossê não sabe que o cornaça do Eusebio, aquella besta, tem mandado da côrte cartas aos influentes eleitoraes? Vossê quer que eu sirva a politica dos Macarios? Veja lá vossê! Explique-se.

Era verdade. Eusebio Macario remettia de Lisboa cartas politicas aos influentes de Basto, promettendo,

a uns, futuras commendas, a outros, aos padres, igrejas, e até traçava estradas, tudo em nome do seu particular amigo José Bernardo e do mano conde, *cujos,* dizia, *são meus intimos, e minha filha Baroneza vai tomar chá com a Condessa de Thomar.* Liam-se estas missivas com seriedade respeitosa entre os chamorros. Os realistas rebentavam de riso. A fidalga da Rapozeira, D. Senhorinha Travassos, dava upas a contar que a Custodia da Botica tomava chá com a condessa de Thomar; a sua criada de sala era prima carnal da baroneza; ria-se tambem muito escancarada e contava que ella lhe pegára uma sarna que lhe custou muito a deitar fóra; de resto, que dançava muito bem o batuque, e a cantar o fado nem a celebre Tripa-Furada da Rapozeira o fazia melhor. Linguas viperinas dos Marialvas de Mondim desenfreavam-se. Calumnias ferviam. O escrivão da camara de Refojos, que levára as mócadas do José Fistula, vingava-se contando casos que punham a virgindade ante-nupcial de Custodia tão duvidosa como a de Isabel de Inglaterra. A fidalga casquinava muito desengonçada; — que as marafonas iam longe; que a Constituição fazia baronezas onde, no seu tempo, as pessoas de bem faziam as mães dos seus bastardos e as esposas dos seus lacaios.

O abbade de S. Thiago concorreu a uma d'estas *assembléas* da fidalga, uma cincoentona desbocada, frescalhota, que lhe pediu noticias da esposa do Fistula, e se ella lhe contava lá da capital que tal era o chá em casa dos Cabraes. E o abbade com ares iro-

nicos de pudicicia: — Eu não me correspondo com o bairro alto de Lisboa, excellentissima senhora. Com mulheres perdidas só converso no confessionario.

Risos explosiam, em quanto o abbade com a ponta do cigarro ao canto dos beiços fechava um olho e piscava o outro a um bacharel besuntado de banhas, muito cheiroso a patchouli, que comia as rendas da fidalga carcassa. Muito malandros todos, e inimigos figadaes da Rainha e Carta.

Fallou-se em eleições. O commendador Barros Leite mostrou carta de Eusebio Macario em que se lia: *Trabalhe V. S.ª com os cartistas que Barão eu o farei logo que estejam em cima o meu particular amigo José Bernardo e o mano Conde, cujos são meus intimos, e a minha filha Baroneza vai tomar chá com a Condessa de Thomar.* A criada que servia o vinho do Porto, uma langroia, muito abelhuda, a pedido da ama, contou a suja historia da sarna, que lhe espetára no corpo a prima baroneza do Rabaçal. O escudeiro, muito familiar, perguntava ao auditorio se alguem lhe queria dar uma de doze por seis pintos que lhe devia o Fistula e umas botas d'agua que lhe emprestára. E a fidalga muito bexigueira:

— O senhor abbade compra-te essa divida, Baptista.

— Tomára eu o que elle lá tem! — replicou o abbade.

— E tambem lhe tomaria a noiva? — perguntou a velha gasguita da Travassos.

— Não desejarás a mulher do teu proximo — dis-

se solemne o pastor, resfolegando pelas ventas dous penachos de fumarada de cigarro.—Com cousas sagradas não se brinca, excellentissima senhora. Mas, emfim, seja tudo pelas almas. Mais passou nosso Senhor no Algarve, como diz o outro. O certo é que vossa excellencia, quando me *dá chá,* é em duplicado.

—Um bom calembour—disse o bacharel, illustrando o auditorio, com a bocca a escumar gorgolões de pão de ló.

A assembléa ria as estopinhas.

—Tregoas ao espirito!—atalhou o facultativo Borges, um setembrista ironico, velho inimigo politico do de S. Thiago da Faya.—Tenho-o contra mim n'estas eleições como sempre, senhor abbade?

Que não; que trabalharia a todo poder com os regeneradores para mostrar aos cartistas que serviam chá á Custodia da Botica que o Eusebio Macario não valia um... dos muitos que o genro havia de dispôr por liberalidade da filha.—E punha a cabeça do dedo grande na testa abanando com os outros quatro.

Alguns sujeitos, e nomeadamente o bacharel, decoraram estes dizeres enigmaticos do abbade para depois decifrarem ás familias as reticencias. Muito applaudido e abraçado pelos novos correligionarios, seus grandes amigalhões.

Depois, o abbade poz do invés as consciencias das massas eleitoraes das freguezias, em que influia

com eloquencia e ôdres. As eleições directas permittiam debochar a belprazer a candura do suffragio. Abriu a sua adega, o vinho jorrou em ondas e afogou os cabralistas das terras de Basto. Além d'isso, o odio ao boticario soprou-lhe tres artigos notaveis de peçonha e chalaça muito biliosamente adjectivados, no *Braz Tizana,* com assignatura — *O inimigo dos tratantes*. Tinham uns toques duros de graça portugueza genuina. Chamava ao boticario *quadrupede, bestiaga* e *cavalgadura* — lusitanismos ricos que nos dão ao estylo um cheiro scientifico de cavalhariça. Tambem lhe chamava «cavallo-cavalleiro da desordem de Christo». Esta chalaça passou por fina entre os litteratos do café Guichard de 1852. Entrava-lhe na *vida privada,* e dizia que o substantivo era tão limpo como o adjectivo. Disse que Eusebio tinha um velho nó no coração: «coração, *cor,* nó, *nudus* — coração de nó, em latim, *cor nudus*» — escrevia. Um desbragamento erudito, que foi muito celebrado pelos latinistas n'aquelle tempo em que se declinavam aquellas linguagens inconscientemente e profusamente entre as familias.

O triumpho completo da Regeneração e o reviramento do espirito publico n'uma área de doze leguas attribuiu-se ao abbade. O magistrado superior do districto deu-lhe um jantar, e comprometteu-se a recommendal-o ao Saldanha em qualquer pretensão.

Em quanto lidou azafamado na politica, distrahiu-se algum tanto, suppurou o mau humor e teve algu-

mas febres sasonaticas de animalidade terna com Eufemia; porém, voltado ao remanso do lar, a visão implacavel de Felicia sentou-se-lhe á beira do leito, pendurou-se-lhe nos galhos das arvores, tinha apparições espectraes por detraz da cadeira em que o estafermo da Troncha se repetenava; e, por noite morta, quando os gallos cucuritavam e a vacca mugia, os gemidos reconditos da sua saudade marejavam-lhe os olhos, e elle sentia guinadas de sacudir com um couce do leito profanado a Eufemia que sibilava roncos, muito espapaçada de enxundias nos finos lençoes que a outra urdira. Mordiam-no remorsos, fugia-lhe o somno, erguia-se, deixando a odiada Troncha a dormir, muito regalada, o somno da consciencia limpa, como se aquillo não fosse nada com ella; e a providencia, castigando-o a elle só, mostrava-lhe que, se alli havia n'aquelle coito damnado algum criminoso, o unico peccador e asno era elle. Eufemia entrevia-o a passear e a fumar no quarto, raspando os chinelos d'ourêlos. Desgrudava os olhos com as palmas das mãos, e dizia-lhe estrouvinhada:

— Ó idolatrado! deita-te!

E elle muito escamado:

— Dorme, e deixa-me.

— Já se deixa vêr... — resmungava muito azeda, voltava-lhe as costas, e resonava logo.

Elle então punha os olhos no céo, através do tecto, e pensava com um grande Ideal de justiça:

— Que besta aquella!

II

Deu um jornal cabralista, o *Periodico dos Pobres,* a noticia de terem regressado ao seu palacete da rua do Principe, depois de dous annos d'ausencia, os exc.mos barões do Rabaçal e seus exc.mos manos, o snr. José Macario e sua exc.ma esposa D. Felicia Macario, com seu pai e sogro o snr. Eusebio Macario, cavalleiro da Ordem de Christo, honrado proprietario do Minho, caracter serio, a quem o governo da ordem e o pendão immaculado da Rainha e Carta devia energicos serviços. Continuando, o *Periodico dos Pobres* fazia votos por que o snr. barão do Rabaçal, pela sua fortuna honradamente adquirida, e o snr. Eusebio Macario, pela sua capacidade provada e serios intuitos politicos, tomassem na cidade heroica, — deposito do coração do Rei Dador, o immortal Pedro IV, — o lugar que lhes competia na fileira dos

homens destinados a suster o paiz na ladeira por onde os Regeneradores o iam impellindo ao abysmo, etc.

O mesmo diario, passados dias:

«A exc.^ma^ condessa do Casal, D. Luiza, reuniu hontem nas suas selectas salas as suas numerosas relações. Baile esplendido como todas as festas d'aquella casa, modêlo de fino gosto e de incomparavel elegancia! Entre as pessoas da nossa maior veneração tivemos a dita de vêr o nosso amigo o snr. barão do Rabaçal, ha pouco regressado da côrte, onde deixou indeleveis saudades na primeira sociedade da capital. Tivemos tambem o gosto e honra de comprimentar a exc.^ma^ baroneza, formosissima dama do nosso Minho, tão prodigo em bellezas de toda a especie. Ao lado de s. exc.^a^ vimos a exc.^ma^ mana do snr. barão, a snr.^a^ D. Felicia Macario, senhora que no vigor da vida ostenta as bellezas das primeiras primaveras. Todos conhecem o snr. José Macario, esposo d'esta dama: um dos nossos elegantes, cavalheiro em toda a extensão da palavra, e socialmente prendado de todos os attributos que tornam preciosa a companhia d'este já agora distincto ornamento da nossa terra. Não esqueceremos o respeitabilissimo snr. Eusebio Macario progenitor, por assim dizer, d'estas duas familias que devem aquecer-lhe a velhice com o sol da felicidade; porque é licito o orgulho de ter produzido filhos como a exc.^ma^ baroneza e seu irmão o snr. José Macario, nosso particular amigo», etc.

O abbade, lidas as duas noticias vindas no mesmo correio, expectorou uma palavra obscena, muito reprehensivel, mas unica em lingua de homens, adequada ao assumpto. Depois, repetiu o vocabulo desobstruente seis vezes, carregando muito nos *rr,* e ficou mais alliviado. Ha exclamações que laxam a alma, que a descarregam das opilações tympaniticas. O abbade, quando Eufemia entrou attrahida pela sexta explosão de bilis, destampou a rir a trancos, curvado, a bater com as mãos nos joelhos e nas nádegas. Depois atirou-se para cima da cama a espernear, de rebôlo, com umas gargalhadas estridulas.

—Deram-lhe volta os miolos!—pensou a Troncha.

E agarrando-lhe as pernas:

—Isto que é?

O abbade apontava para os dous numeros do *Periodico dos Pobres,* e não podia responder, porque á força de arquejar a rir e a puxar pelo diaphragma principiava a vomitar um vinho de 34 muito copioso que emborcára sobre uma caldeirada de enguias do rio Tamega. A Troncha considerou-o borracho e correu a fazer-lhe chá.

Quando voltou, padre Justino estava serio, carrancudo, abstrahido, e os jornaes tinham levado sumiço. Bebeu o chá d'um jacto, e disse á Troncha que o deixasse dormir. Ella sahiu cabisbaixa, e achando no corredor o padre João da Eira, que recolhia d'um baptisado e trazia o livro dos Nascimentos á assignatura, disse-lhe baixinho:

—Está a cozel-a. Carregou-lhe com o engarrafado sobre as enguias, e apanhou uma carraspana d'aquella casta; mas muito alegre. Isso espolinhava-se na cama que o padre João não faz uma idéa! Agora vai dormir. Eu nunca o vi tão cangica, palavra!

—São horas fracas...—explicou o coadjutor com uma grande experiencia de semelhantes fragilidades. —Ás vezes, duas gotas tombam um homem. Só quem o não bebe é que não se embebeda, senhora Eufemia.

—Pois isso é assim, é; mas espolinhar-se d'aquelle feitio é a primeira que vejo; e depois que pôz fóra o vinho, ficou n'uma pasmaceira, embezerrou, mandou-me embora...

Padre João, em quanto comia o resto das enguias, contou-lhe casos biblicos ácerca das piteiras do povo de Deus para desculpar as da geração actual que anda para ahi á matroca, sem temor do inferno, e concluiu por um proloquio bestial muito do seu uso: «Lá se avenha Deus com o seu mundo». E d'ahi a pouco escorropichando a garrafa do de 34: —O Creador quando fez isto bem sabia o que havia de acontecer aos mortaes, senhora Eufemia.—E, dizendo, dava-lhe umas brandas palmadas na côxa direita, de um modo equivoco, pois que tanto podia entender-se que o Creador fizera o vinho de 34 como a côxa torneada de Eufemia Troncha. Não se suspeite, ainda assim, que padre João da Eira meditava ser coadjutor do abbade no grande elasterio da palavra. Elle era sobrio e indolente em toda a especie

de coadjuvação. Se lhe succedia estar em uma das taes horas fracas, depois de libar tres copinhos da garrafeira abbacial, o seu vinho punha-lhe na alma umas tonalidades de padre Eurico ou padre Jocelyn. Fugia-lhe a mão, como a do Tartufo, um pouco para apalpadellas das fazendas que vestiam as pernas das Elmiras; mas do estofo para dentro quasi todas as pernas eram inviolavelmente sagradas para elle. Um bom homem — incapaz de premeditar uma asneira; e, se alguma fez, foi porque a Natureza o apanhou desprecavido, de xofre, incapaz de reagir com orações e jejuns, como os grandes santos, martyres, confessores e outros padres minhotos.

É bem notorio que não era d'estes ultimos o abbade. Elle estava no quarto a esmoêr a sua embriaguez de paixão, de colera e vingança. Felicia nunca lhe apparecera tão nitente e aureolada de resplendores boreaes, como através d'aquelle papel pardo do *Periodico dos Pobres*. Parecia-lhe vêl-a pela primeira vez entre os nimbos iriados da sua belleza. O seu bom senso critico esvaíra-se-lhe na hilaridade, n'aquelle espojar-se epileptico de Bertoldo, conferindo a cabreira de Barroso na choça do seu lugarejo com a D. Felicia Macario dos salões da condessa do Casal. Padre Justino em quanto riu, embora se espolinhasse, revelou dotes de criterio, de juizo, de positivismo não vulgares n'aquelles tempos romanticos; mas, cahido na sôrna mudez da sua paixão, contemplava Felicia com seriedade analoga á dos redactores do *Periodico dos Pobres*.

Em resultado de varias fermentações evolutivas, deu-lhe a tinêta de partir logo para o Porto, e affrontar os Macarios, com a sua presença, no theatro, nos bailes, nas igrejas, no jardim de S. Lazaro — parar defronte de Felicia, do marido, do Rabaçal, munido d'uma bengala; provocar com o riso escarninho o Fistula, o fadista reles, e atiçar-lhe, sendo necessario, duas boas taponas, muita taipa, com o seu rijo pulso d'uma cana onde ainda palpitava sangue barrozão. Quanto a ella, desejava arrebatal-a, comêl-a de beijos, ou esganal-a e estrinçal-a com os dentes. Não estava doudo — era um amante vulgar, apenas ridiculo pela dramatisação um pouco serodia da sua vingança ensanguentada dos horrores da tragedia grega. A sua preoccupação principal era bater no Fistula em publico, e depois escrever um opusculo in-8.º, a historia burlesca dos Rabaçaes e dos Macarios, e a sua propria com a piedosa coragem de Santo Agostinho e a fidelidade cynica de Rousseau nas Confissões. Não o assustava o escandalo, nem as leis ecclesiasticas, nem o inferno, nem sequer a policia correccional. Ás vezes desfechava punhadas contra o ambiente afumaçado do quarto e ringia os dentes; outras vezes debulhava-se em lagrimas, e articulava maviosamente, flebilmente, com vagidos lamentosos, o nome de Felicia. Depois, o imaginal-a na alcova nupcial, as saias brancas curtas, o penteador esbagaxado de rendas transparentes, os cabellos soltos, o Fistula em ceroulas e chinelos, esta visão, peorada pelos direitos nupciaes, seccava-lhe a fonte consola-

dora do pranto, punha-o de pé em attitudes iracundas, e elle com os olhos em braza e os dentes cerrados vociferava: — Raios os partam!

A Troncha, cada vez mais arreliada, muito focinhuda com as reflexões do infeliz, sempre a dizer ao coadjutor que não aturava o doudo do abbade e que se ia embora, que tinha que comer, um conto e quinhentos a juros e o seu officio de costureira; que ficára a governar a casa do padre porque elle lhe jurára um amor eterno e lhe promettera mundos e fundos; que não lhe déra o valor de dous caracoes; e á outra, á Felicia, encheu-a de bom ouro, um estupôr de labrêga, que nem cozinhar sabia, e assim que pilhou um asno que a quizesse pelo dinheiro assobiou-lhe ás botas. Padre João contemporisava conciliador, fazendo justiça ás qualidades da Troncha, com excesso desculpavel, quando cortezmente lhe dizia:

— E mais vossê, snr.ª Eufemia, como mulher é muito melhor que a Felicia, e bem se vê que teve outros principios civilisados. Descance. Olhe que o abbade não a larga, porque não topa outra tão perfeita. Asno seria elle... — E, gaguejando, entre pudico e maroto: — Dá Deus as nozes a quem não tem dentes...

E ella então, com uns requebros de sentimental denguice, contava a paixão que tivera por ella o Silva Guimarães, um brazileiro da rua do Rosario, que lhe morrêra nos braços, deixando-lhe dous contos e uma cama apparelhada; que estivera com elle sete

annos, como Deus com os anjos, e que, se não morresse de um ataque apopletico, de certo a recebia á hora da morte; que outro gallo lhe cantára se tivesse um filho do seu sempre chorado Silva Guimarães. Padre João, muito attento, interessado, animava as expansivas confidencias da Troncha. Ella era methodica nos seus annaes amorosos. Dividia em tres secções os amantes: brazileiros, militares e clericaes. Na segunda secção lembrou-lhe o Chrispim, primeiro sargento da Municipal, successor do Guimarães, e coherdeiro da cama. Primeiro, borbulharam-lhe duas lagrimas como duas perolas roubadas ás faces de Julieta, contando as patuscadas que fizeram nas Pedras Salgadas, em Campanhã, no Reimão. Depois, mudado o gesto e n'um tom plangente, contou o caso infando de o apanhar com a mulher d'um cabo a comer pasteis em casa do João Garoto em Cedofeita. — O canalha que me pilhou passante de quatrocentos mil reis de emprestimo! — dizia, batendo na côxa vasta como se batesse nas costas do seu infame devedor Chrispim.

— Não que elle ha marotos muito grandes na tropa! — obtemperou o padre João da Eira, rancoroso inimigo das armas sem que fosse notavel partidario das letras.

D'est'arte se consolavam em longas e intimas palestras a amasia e o coadjutor do abbade, ambos

enxotados, com arremessos, da sua intimidade. Sabia-se que elle, fechado no seu quarto, escrevia cadernos de almaço, e consultava os anciãos de S. Thiago sobre velhas patifarias da linhagem dos Macarios. Parece que o homem, sem conhecer as iniciações de Balzac, teve a previsão dos modernos processos, e quiz derivar a canalhice dos Macarios como um escorrimento pôdre, latrinario de uma raça muito malandra.

Lia sempre o *Periodico dos Pobres,* á cata de noticias novas que lhe puzessem no estylo as manchas verdes dos venenos mortaes. Um dia, leu que vagára um canonicato na Sé do Porto. Exultou. Ir para o Porto, poder alli estar á barba da corja, na alta categoria ecclesiastica que lhe facilitava ingresso nas primeiras casas; poder relacionar-se com as familias principaes, contar-lhes quem eram os Macarios, a Felicia, a Custodia; atiral-os á galhofa dos vadios do Guichard, aos epigrammas das gazetas regeneradoras, emfim, destruil-os, desabal-os, esmagal-os com o ridiculo, e com a authoridade da sua posição clerical, — tal era o plano adstricto á conezia. Foi a Braga, entendeu-se com o governador civil, requereu a conezia e obteve-a.

Precisava desfazer-se da Eufemia. Não lhe convinha no Porto uma companhia de mulher muito conhecida entre as velhas costureiras de vida airada, trescalando fedores de peccado sertanejo, até certo ponto desculpavel em abbade de aldeia que seria peor pastor apossando-se das ovelhas sãs em lugar

das gafadas. Queria adquirir no Porto uma certa respeitabilidade; e a Troncha, muito descarada, seria capaz de gabar-se de amiga do senhor conego. Começou a fingir-se arrependido dos seus peccados, muito escrupuloso, não comendo carne á sexta-feira, pendurando umas camaldulas virgens na pyramide do leito onde a Troncha costumava pendurar a rêde de torçal, muito oleosa, dos cabellos. Ponderava sobre penas do inferno a padre João, fallava em confissão geral á Eufemia; e tanto o coadjutor como a peccadora pareciam menos inclinados a crêr no inferno que na sandice do abbade. E ella bamboando os seios sobre os braços cruzados:

— Sabe o senhor que mais? O que elle quer é deixar-me, o tratante! Bem me fio eu no arrependimento do impostor! Que o leve o diabo quanto antes para o Porto, mas ha de pagar-me com lingua de palmo dous annos que o servi. Não me faltava mais nada! Estar aqui a aturar um tinhoso emplasmado, cheio de molestias, a cuidar-lhe das comedorias, pelos seus bonitos olhos, e por aqui me sirvo, senhora Eufemia... Quem? eu? Nentes, que se escama o gajo!

Esta phrase bandalhona que lhe ficou do Chrispim, foi ella quem a propagou em Basto juntamente com as garibaldis vermelhas. Com a phrase costumava simultaneamente arregaçar a palpebra inferior d'um olho, ou batia nos quadris peneirados uma palmada estridente; mas, na presente conjunctura, fez ambas as cousas. Padre João da Eira contemplava aquillo

com a circumspecção attenciosa de diacono que assistisse aos gestos de um professor de rhetorica do pulpito. Ella era a sua primeira paixão séria.

O conego Justino houve-se liberalmente com Eufemia, dando-lhe mobilias, copioso bragal, o milho dos espigueiros, todo o conteúdo das capoeiras, a chave da adega e a salgadeira bem provida. Benigno com o coadjutor, conseguiu que elle parochiasse por encommendação, e prometteu-lhe, com a equidade de arrependido e converso á religião da justiça, impedir que na secretaria dos negocios ecclesiasticos fosse nomeado abbade em quanto os regeneradores governassem.

— Póde-se encher, padre João, póde-se encher em dous ou tres annos. Quanto á Eufemia, conserve-a. É boa cozinheira, bem sabe. Serve-lhe. Não na acha mais limpa.

— As linguas do mundo... — murmurou o padre inclinando a um lado o semblante de olhos quebrados como o discipulo amado no quadro da cêa de Vinci.

— A consciencia, padre João, a consciencia, e deixe lá as linguas do mundo, excepto as de vacca que a Eufemia guisa ricamente.

E o encommendado n'um riso rinchado:

— O senhor conego é um maganão quando está de bom humor!...

O conego Justino sahiu a despedir-se das familias mais gradas de Basto. Demorou-se seis dias. Ao setimo, quando bateu por volta da meia noite á porta da residencia, ouviu reboliço extraordinario. Era o padre João que fugia estremunhado da cama da Troncha com o fato n'um embrulho e os tamancos na mão. O conego para entrar na sua alcova tinha de atravessar a da Eufemia; era forçoso fugir o coadjutor; mas ella, sentada na cama com grande presença de espirito, dizia ao seu padre João muito assustadiço:

— Não faças tanta bulha, idolatrado; vai mais devagarinho...

III

José Macario, ao fim do primeiro mez de casado, começou de scismar na sua honra e a sentir-se mal com a consciencia e com a Felicia. Em quanto a posse dos cem mil cruzados do dote o estonteou como uma descarga electrica, a consciencia esteve quieta, atordoada, n'um deslumbramento; mas assim que se afez á serena convicção de que era rico, a dura obrigação de considerar a sua fortuna uma dependencia da esposa, da fatigada femea do abbade da Faya, entrou lá dentro a vascolejar-lhe no fundo pantano da alma e a trazer-lhe ao de cima uma escuma putrida que elle chamava a sua dignidade. Felicia n'uma socegada inercia de intelligencia e de coração, não comprehendia a honra nem a deshonra do marido. Ella

não o amava nem aborrecia: era a sua mulher á face da Igreja, e pensava que o episodio da abbadia era uma cousa indifferente á legitimidade da sua posição. Em vez de considerar-se agradecida, achava-se com direito á gratidão do marido que não tinha um pataco de seu. Lembrava-se do Fistula a pedir-lhe dous pintos, a lamber os pratos da tapioca, a fingir colicas para lhe apanhar copos de genebra, ás escondidas do abbade. De mais a mais, tinha-o conhecido aos oito annos, um ranhoso, com a fralda suja de fóra pela fenda posterior das calças de cotim, descalço, arregaçado até ás virilhas a patinhar nos charcos, com moncos e muito piolho. A mãi, a Rosa Canellas, deixava-o andar p'r'áhi, á tôa, esfarrapado, um pingarêlho a roubar fruta pelos campos e a pedir aos brazileiros dez-reisinhos para uma quarta de figos, e ia comprar cigarros, o garoto. Depois, via-o nas ferias, quando elle vinha de Braga, e se mettia em casa do abbade, com a guitarra, a cantar cantigas porcas, e a pedir-lhe a ella uns cobres, e dava-lhe caixas de banha furtadas na botica. Ella tinha estas reminiscencias, quando o via chegar de fóra, arrancar as luvas côr de canario, com arremesso, atirar-se cheio de tedio sobre os cochins da sua sala no hotel, encaral-a de revés com fastio, e assobiar trechos de zarzuela, quando Felicia lhe dizia: — Vossê parece que não veio bô da rua!

Hospedára-se toda a familia no Central, em Lisboa, quando recolheram de Cintra. José Macario dissera ao pai que não voltava para o Porto tão cedo,

que receava que o abbade désse á lingua, e se descobrisse a sua deshonra. Eusebio começava igualmente a enxergar a honra sob outros aspectos e feitios. A mudança do meio, as convivencias, o trato com pessoas praxistas em theorias de dignidade, viscondes, conselheiros, varios sujeitos das salas onde a filha ia tomar chá, rasgaram horisontes novos á sua comprehensão da Moral. Tambem elle, bem trajado e sevado, sentia-se na abundancia, no impertigamento pessoal em que a honra se apruma consoante a rijeza dos collarinhos e a tesura da gravata. A Felicia, sua conhecida dezeseis annos em mancebia, tambem lhe fazia uns secretos engulhos e um certo mal-estar de sogro que se préza. Os Macarios, pai e filho, entravam a regenerar-se, a pulir-se no attrito dos pintos e dos soberanos. O dinheiro, que em tantos casos é o motor de enormes ignominias, levantára o Fistula e o sogro da concubina do abbade ao nivel dos maridos probos e dos sogros envergonhados. Ainda mais, a Custodia, acepilhada em corpo e alma na convivencia das condessas, tambem se sentia enjoada á beira da Felicia que ella tantas vezes vira com a cabeça do padre no regaço, quando não tinha no regaço do padre a cabeça. E, se o irmão se queixava arrependido de ter casado, de ter vendido a sua dignidade por quarenta contos, a baroneza consolava-o:

—Já agora, mano José, não ha remedio; trata de te divertir, que é o que eu faço. O barão é o que tu sabes, um bruto que já me deu dous bofetões por eu

lhe dizer que achava o baixo da Opera muito sympathico. Soffri com paciencia, e fiz de conta que não se póde ter tudo bom. Acabou-se, toca a divertir á grande, e leve a breca paixões! Ha muitos homens no teu caso, e não dão cavaco.

E desenrolou uma lista de maridos lisboetas que elles encontravam nos salões onde tinham aprendido os elementos convencionaes da honra.

— Já me lembrou sahir do paiz — alvitrava José Macario — viajar, viver em Paris e não voltar a Portugal. O irmão que tome conta d'ella... Que a leve o diabo...

A baroneza contrariou-o discreta: Que parecia mal safar-se com o dinheiro e deixar a mulher; que então é que se sabia tudo e ficavam todos envergonhados, n'uma posição desgraçada; que o barão, se elle lhe deixasse a irmã, pintava a manta, e quem o pagava era ella: que não fizesse tal; e que o abbade era um pobre diabo que não contaria nada.

O Fistula, para despontar os espinhos da sua dôr, distrahia-se; girava na chusma dos fidalgos toureiros e dandys, com poderosas faculdades assimiladoras de *poses* e tafularias. Vestia-se no Keil, pelo figurino de Antonio da Cunha Souto-Mayor. Não quadrava á sua indole colorista a severidade melancolica dos casacos pretos e calças á hussard — a libré dos implacaveis agentes do inferno na perdição das mulheres.

Gostava das pilherias do Martins do *Burlesco* e imitava-lh'as pelintrando-as com chalaças de Basto. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos não lhe cha-

mava primo; mas ensinára-o a gaguejar as facecias lerdas em que já gozára fama primacial nas Travessas em Braga. Na intimidade do Domingos Ardisson, do conde de Vimioso, dos Ficalhos e Cantagallos guitarreava fados e lunduns. Tratava de *tu* os escriptores do Marrare: jactava-se de ter dado copiosas cêas a Lopes de Mendonça e D. José de Almada, deplorando com ares protectores a sorte mesquinha dos talentos em Portugal. Chamavam-lhe em Lisboa o «Macario janota», e diziam que era fino, valente, e muito perigoso quando estava bebado. Da mulher dizia-se que era uma pobre lôrpa, uma selecta de tolices, muito madura; e, por denuncia d'um deputado do Minho, constava que ella tinha sido amante de um abbade. Este ultimo predicado não a engrandecia nem desdourava; era uma informação banal: peor seria se divulgassem que ella tinha dentes postiços, uns joanêtes alcantilados ou uma fistula lacrimal. De resto, ninguem lhe fazia a côrte, e achava-se que o marido tinha razão em amar a Martha corista, uma trigueira muito cara, e passear o seu escandalo com ella pelo Dá-fundo.

O barão do Rabaçal andava desconfiado da mulher desde que ella gabára com lorpa ingenuidade a figura do baixo Del-Aste. Elle dera-lhe dous cachaços com insufficiente equidade. Fôra o caso: insistia a baroneza em encarecer a bonita figura do baixo quando estavam ceando e mais a Felicia depois de assistirem á recita do *Nabuco*. O marido zangava-se, mordia-se e mostrava-o no phrenesi com que trinca-

va a perna tenra d'uma perdiz grelhada. A Custodia dizia á cunhada com pertinacia:

— O baixo é uma linda figura, não é?

E o barão, com impeto, enfiado:

— Vossê mi párece quê baba por elle! Quê caipórismo!

— Gósto, pois então! isso que faz?

— Quê faz isso, hein? — replicou o marido, e cascou-lhe os bofetões, sem mais nem menos.

A mana Felicia agarrou-se-lhe ao braço, e Custotodia, suffocada em chôro, foi para o seu quarto, nutrindo na alma desejos occultos de que a peste lhe levasse o marido.

D'ahi em diante, no espirito do barão penetraram cautelas, desconfianças, presentimentos. Resolveu sahir de Lisboa logo que estivesse habitavel o palacete que mandára construir na rua do Principe. Eram-lhe suspeitas algumas notabilidades politicas que o visitavam. Surprendera olhadellas esconsas de homens graves, conselheiros de bigodes tingidos, vistas lubricas dardejadas aos seios afflantes da baroneza que archejava nos espartilhos, muito rosada, com um orvalho de rosas, pulverisadas de atomos de perolas, muito boa mulher.

O Fistula andava azedo com o cunhado, quando sahiram da capital. O barão soubera a vida devassa do amante da corista, luxo, pandegas no Victor; achava a irmã a chorar — que eram os seus peccados, que quebrada tivesse ella as duas pernas quando casou; que o José dormia em casa raras vezes e a

tratava muito mal. O barão recolhia-se, melancolico como um philosopho, e dizia comsigo: « Ah! como verifica-se o dito do abbade: Estes Macarios são má raça! »

Logo que chegaram ao Porto romperam-se as hostilidades. José Macario declarou que se apartava com a mulher e alugou casa na rua da Boavista. O pai ficou com a filha, e o barão mostrou-se contente da separação, porque lhe aborreciam as caramunhas da Felicia e a vadiagem bréjeira do cunhado. Ainda assim, visitavam-se e concorriam aos bailes da Assembléa, á Philarmonica, aos theatros, aos concertos, ao jardim de S. Lazaro e ás salas do conde d'Alpendurada, do barão de S. Torquato, do Villa Verde, um Custodio muito bom homem, da condessa do Casal D. Luiza onde os redactores do *Periodico dos Pobres* tinham tido a ventura de os encontrar.

Os ciumes do barão mitigaram-se na sociedade portuense, onde os costumes se não eram exemplares, não estavam como os da côrte — uma corrupção completa. A baroneza usava todas as cautelas, muito prudente; assim que algum corrupto lhe assestava olhares quentes e significativos de idéas destemperadas, voltava-lhe as costas com a mais casta descortezia. Homem que ao passar na rua do Principe, e perto da sua casa, estando ella á sacada, puxasse por lenço branco, levava com a janella na cara. Se avistava binoculos no theatro apontados á sua pessoa olhava de esguelha para o barão; e se via que elle

dava fé, murmurava: — A pouca vergonha dos oculos! Estes pasmados do Porto... Vão p'r'ó diabo!

O barão gostava d'estas iras: — São uns trouxas, uns bigórrilhas — dizia. — São mátutos da bandálheira. Andam ná onça, não faz-lhes peso a chelpa nem o miolo, hein[1]?

Medrava pois tranquillo, sentia-se bem no Porto, muito festejado, muita consideração, uma idolatria maior que na capital. No percurso de seis mezes foi nomeado conselheiro da Santa Casa, mordomo dos Lazaros e dito do Recolhimento das velhas, fiscal das Meninas desamparadas, vice-ministro da Ordem Terceira de S. Francisco, prior da Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, protector do Terço e Caridade, prior da Celestial Ordem Terceira da Santissima Trindade, vice-director da Irmandade da Lapa. Elle, o Bento José Pereira Montalegre, era o Porto, mettera-se n'elle a cidade inteira; fizera-se um symbolo, o representativo de quarenta mil almas; se o puzessem na cornija do paço municipal, apeando o estupido granito que lá está n'uma pasmaceira palerma, tinham o Porto de 1852 em carne, em enxundias, em espirito e em joanêtes.

---

[1] *Trouxas,* synonymo de *trampolineiros, pulhas;* o mesmo *matutos. Andar na onça,* o mesmo que não ter dinheiro, andar á lebre. Dizeres importados do idioma brazileiro, e bons para Portugal onde são muitos os *trouxas,* e os *matutos,* e não menos os que *andam á onça.*

Não saboreava igual socego José Macario. A Paschoela Trigueiros morava tambem na rua da Boavista. Nos dous annos decorridos, nutrira, arredondára, brunira as claviculas angulosas e recobrára em chumaços de tecidos adiposos o que dispensára em algodão. De muito appetite. Entre suicidar-se, como promettera, ou aceitar a côrte ao Thomé da Presiguêda, o do cavallo pigarço, optára pelo segundo expediente. A perfidia de José Macario operára-lhe as cataractas da candura. «Estou curada», dizia ella. Curar-se era colhêr as vélas ao sentimentalismo; não aproejar ao mar largo; amar de cabotagem, bordejar na vasa, porque os naufragios no lôdo não são de perigo. Macario, o fadista, ferira-lhe uma toeira nova na viola do coração; mas partira-lh'a; e ella, acalcanhada na sua idolatria, sentindo-se falha na corda das suas solfas intimas, fez-se corpo estreme e engordou.

Quando José Macario chegou ao Porto, o bacharel da Presiguêda, o Thomé, queixou-se-lhe: Que a Paschoela era uma heroina, uma Aspasia, nova Lais, a Phryne da ultima hora. Chamou-lhe tudo o que sabia de mais historicamente injurioso na velha Grecia; que não tinha no coração uma fibra incorrupta; emfim que o trocára pelo chanceller do consulado francez, um arganaz que polkára com ella no baile que a Camara deu á Rainha. Mas que a não podia esquecer; que era um anjo despenhado — as devassas de 52 eram todas anjos despenhados —; que elle imaginára regeneral-a tonisando-a com o idealismo, recitando-lhe

soláos dos irmãos Serpas: perolas a uma porca; — e que ella tinha o desplante impudico de lhe dizer n'uma languidez de michela: « Mi répete fádinhos, meu dengue! » — E se lhe recitava as lyricas do Lima poeta ou do João de Lemos, ella bocejava e dizia: « Quê masso! mi canta chibambas e lunduns fáceiros, meu quindim! » — Uma piteireira. — Hei de espetal-a n'um romance! ha de levar a sua conta! — dizia.

Macario escutava-o com immensa saudade dos bons tempos da Cruz da Regateira — aquelle caramanchão da quinta de Madame Flora, uma franceza viuva de um corsario; — era um um tecido de trepadeiras como açafate de pombos. Elle fornecia-se de empadas de marisco no pasteleiro da rua de Santo Antonio, e Carcavellos e Santerre da garrafeira do cunhado. A Trigueiros entrava muito nos licôres capitosos, nos charutos fortes; punha nos cabellos matizes de lirios e verbena e entoava *tyrannas* cantando com soluçado langor: — Ó gentes! — Uma adoravel douda, uma bayadera com piela, a sapatear pipocas das roceiras, com muitos regamboleios de quadris e o pé arqueado, a bater as mãos transparentes como cornalinas, a dar cafunés e a dizer muito hilariante com uns peneirados da róça: — Aitona! Vai háver áqui pártida rija, o diabo á quatro, seu moço!

Encontrou-a no baile da snr.ª Aguilar Spenser em Massarellos, deslumbrante, soberba, relançando-lhe a elle um olhar de commiseração, e á Felicia todo o escarneo que póde rir n'uns olhos piscos. A

Felicia, que lhe sabia das artes e manhas, acotovelou a cunhada e segredou-lhe: — Credo! Olha que bisca alli está! — A baroneza, que tinha sido a intima, a confidente da Paschoela, fez-lhe um gesto entre timido e affectuoso. A Trigueiros, irritada, correspondeu-lhe avincando a testa com sobranceiro desprezo. Macario presenciára, achou adoraveis aquelles gestos insolentes. Nunca lhe parecera tão vilipendiosa a sua situação de marido de Felicia. No olhar zombeteiro da Trigueiros sentiu-se tão esmagado em sua vaidade que odiou profundamente, com rancor uxoricida, a femea do abbade.

A amante do chanceller andava radiosa, mais estouvanada e desenvolta que o costume, com tregeitos muito sacudidos, triumphaes, de espalhafato, polkando com o francez, muito aconchegada d'elle, com a cintura flexuosa a quebrar-se-lhe na curva compressiva do braço. As mães de familias, umas senhoras bojudas que tinham dançado em 1840 o grave solo inglez e a gavota, viam escandalisadas a desenvoltura da brazileira, e diziam á dona da casa que a Trigueiros não devia dançar diante de meninas; que aquillo nem nos bailes mascarados em theatros se admittia, e que as costureiras dançavam com mais decencia. A senhora Spenser, que tinha viajado, dizia que a Trigueiros polkava muito *dégagée*, á franceza.

— Esta moda franceza cá no Porto não péga, creia a senhora que não péga — dizia muito aziumada a esposa do Costa Mendes bacalhoeiro, vigaria

*

de Nossa Senhora do Terço e Caridade; e segredava ás innocentes filhas, duas meninas que suavam esbofadas da polka: — Olhem que modos aquelles de se deitar no hombro do homem! Má mez p'r'ó mafarrico da mulher! parece mesmo da viella! — As innocentes meninas achavam que sim, que se parecia com as da viella.

IV

José Macario sahiu allucinado d'aquelle baile. A nebrina do Douro, de madrugada, refrigerou-lhe a testa vulcanisada de amor, de nevroses lascivas, de ciumes, de raivas. Era outubro. Carroções de Manoel José d'Oliveira, repletos de gente, arrastavam-se para a Foz. Os carroceiros picando as vaccas derreadas para puxarem aquellas familias, mugiam uns *êhs* prolongados, plangentes, d'uma grande caracterisação selvagem, pre-historica, anterior á formação das linguas. Sanjoanneiras com as saias enroscadas nos quadris, esbamboando-se, passavam carregadas de sardinha, sacudindo a agua que estilava dos cabazes. Alguns barqueiros, na alameda fronteira, arrotavam aguardente e fumavam em cachimbos negros.

Grupos de operarios da fabrica do Bicalho paravam a vêr sahir as carruagens da casa illuminada do Spenser, e diziam amargamente: — Estes é que a levam! Estes é que a levam! Toda a noite na pandega a comer e a dançar... Agora vão dormir regalados... Corja de vadios! — Um velho magro, doente, a tiritar de frio, porque empenhára a jaqueta para se embebedar, murmurava: — E dizem que ha Deus! Para nós o que ha é o diabo — affirmava outro philosopho da mesma tempera, que ao romper do dia sahira cambaleando d'uma taberna de Miragaya para a officina. Os desherdados a pedirem socialismo.

Vida de inferno ultra-catholico, se alguem a tinha, era José Macario. Figurava-se-lhe incrivel que tivesse trocado aquella grande mulher por Felicia e quarenta contos. Olhava de revés para a esposa legitima, e formava-se-lhe em volta do coração uma negrura de nuvem tempestuosa que crescia, crescia, condensava-se, estendia-se até pôr entre elle, marido da criada d'um padre e amante da formosissima Trigueiros, uma escuridão, uma noite immensa, impenetravel á luz d'uma esperança.

A mulher deitára-se com a sua consciencia tranquilla e, adormecendo logo de papo acima, parecia escarnecel-o, sibilando pelas trompas nasaes. Elle não tinha um instante de socego; atirava-se extenuado sobre a ottomana, erguia-se de salto, frenetico, descahia prostrado nas voltaires, balouçava a cabeça entre as mãos, dava ais d'um tremulo theatral, outras vezes expedia *ohs* vertiginosos com os punhos afin-

cados na testa. Na vasa d'aquella alma havia ainda a flôr do pranto: — chorára! elle que nunca mais tivera uma lagrima desde os ultimos pontapés que o pai lhe dera por lhe comer o assucar candi e o pau de alcaçuz da botica! Chorava de paixão da Paschoela, pensava em cahir-lhe aos pés de joelhos a exorar-lhe perdão, a pedir-lhe que lhe cuspisse na cara, mas que lhe perdoasse como se perdôa a um miseravel que nos merece mais nojo que odio. As lagrimas tinham-lhe lavado interinamente a consciencia; mas elle para se vêr em toda a sua velha infamia precisava de meditar alguma nova.

Macario, a final, por volta das dez tomára chocolate e adormecêra na molleza d'uma poltrona com as pernas estendidas, os braços descahidos sobre a jardineira, e meio charuto mordiscado collado ao canto da bocca com um escorrimento preto misturado á baba. Sonhava com o pavilhão de Madame Flora á Cruz da Regateira. Paschoela sentada nos seus joelhos sacudia-lhe as extremidades dos cabellos tão subtilmente que lhe titillava umas cocegas deleitosas no pescoço; elle fazia-lhe uns pruridos muito sensuaes entre a quarta e quinta costella; e ella dava uns gritos infantis, contorcendo-se, reboleando-se-lhe nos braços, e mordendo-lhe o bigode. Diziam-se phrases cortadas de beijos, d'um madrigalesco de bordel, em que a Paschoela se avantajava na graça muito gaiata de carioca, umas brazileirices inflammatorias que pareciam feitas de aromas de banana, trillos de sabiá e essencia de moscas-verdes. Uma mocama da sinhá

entrava com uma travessa de mayonnaise de camarões e lagostins, garrafas de Santerre e licôres. Comiam com uma grande voracidade e bebiam do mesmo copo grandes tragos. A Paschoela rozava-se muito escandecente, levantava com custo as palpebras superiores, arrastava melodiosamente as palavras, e a fallar da sua paixão por elle desatava-se em lagrimas, e jurava matar-se, quando o perfido a abandonasse. O Fistula então pegava da guitarra e arpejava umas cousas muito choradas; e ella punha-lhe a cabecinha adorada na perna e adormecia n'uma grande pacificação. Depois, sonhou que se abrira de repente com um tufão de vento a porta do caramanchel, e apparecia o abbade de S. Thiago da Faya com a Felicia pela mão, de tamancos, sem meias, com uma saia de chita amarella de barras, e os peitos tumidos a rebentarem dos atacadores vermelhos do collete, — a toilette que ella usava muito em Basto. O abbade espirrava umas casquinadas muito bréjeiras, quando José Macario acordou e viu ao pé de si a sua legitima esposa, a Felicia que lhe dizia amorosamente:

— Vai-te deitar na cama, homem, que pódes arrefecer ahi. Anda p'r'á cama, Zé — e puxava-lhe pelo braço com energia barrozã e muita bulha. Elle fechára os olhos estupefactos, cuidou que estava ainda sonhando; mas, ao terceiro empuxão, acordou de vez e bramiu:

— Vá-se p'r'ó diabo! deixe-me!

Felicia safou-se assustada dos berros, com uma

suspeita pungente da verdade. Ella tinha presenciado que o marido não tirava os olhos da Paschoela no baile; que sahira quando ella sahiu; e que, na volta para casa, bufava dentro da sege uns gemidos muito do interior e não lhe dera uma palavra. — Temol-as arranjadas — pensava ella com santa resignação. — Quebradas tivesse eu as pernas ambas de duas quando casei com este moinante. Dá-me cabo do dinheiro, vossês verão. As croias põem-nos a pão de pedir.

Este *vossês* não significa que a infeliz tivesse auditorio: tinha estes desabafos no silencio do seu quarto. Contavam-lhe na capital que o seu Macario gastára tres contos com a Martha corista. Ella uma vez em Lisboa atrevera-se a dizer-lhe que o dinheiro era seu. E vai o Fistula coriscou-lhe taes ameaças no olhar, que a mulher ficou estarrecida, emmudeceu de pavor e disse depois ao irmão: — Cuidei que era a minha fim. Mas, se elle me batesse, eu dava-lhe cabo da casta. — O barão emendou-lhe o adjectivo articular em concordancia com o substantivo masculino, mas não remediou mais nada. O seu dinheiro preoccupava-a muito mais que o seu homem. Nem o mais ligeiro ciume das deleitações adulteras do esposo. Habituára-se á viuvez do seu thalamo nupcial, e vivia casta como certas damas antigas casadas, de accôrdo com os maridos, em obsequio á pureza dos anjos de ambos os sexos; mas ella não tinha de ser celebrada nos Agiologios e em outros livros mysti-

cos. Quanto aos 40 contos, depois que viu Paschoela e os despropositos do marido, pediu ao irmão que a protegesse; e o barão promettera-lhe, se elle se não emendasse, apartal-a do tratante, com separação de bens. A baroneza, condoída dos desgostos da cunhada e receosa das grosserias do marido, pedia ao irmão que não tratasse mal a Felicia; que podia ter a sua estroinice sem ella dar fé; que bem sabia que elle andava atraz da Trigueiros, e que ella o desprezava; —que era uma vergonha andar assim a chorar o lamba atraz d'uma douda que tivera uns poucos de amantes desde que elle a deixára. Lembrava-lhe que elle lhe chamára *catraia* e *pêga,* e a passára ao Thomé da Presiguêda, e quando a Paschoela lhe mandou dizer que se matava, elle lhe respondera que a não julgava capaz de heroismo tão patarata.

Eram facadas que lhe dava a irmã. A sua paixão refinava á proporção dos desprezos com que a Trigueiros o repellia em publico. Ella na frisa de S. João mudou-se para o lugar inferior para lhe não encontrar os olhos. N'um baile da D. Christina Zuzarte, vendo-o vis-à-vis em uma quadrilha, sentou-se, e os pares esperaram a substituição. José Macario tinha resvalado ao dominio da compaixão convisinha da gargalhada. As mulheres desprezavam-o porque o viam desprezivel no conceito de uma safadona. A irmã do barão, que já o não acompanhava ao theatro e aos bailes, era muito lastimada como a martyr

dos seus 40 contos. Os rapazes honestos colheram informações exactas da reles origem e educação do Fistula, e desviaram-se d'elle com nojo.

No transcurso d'estes casos, o commendador João Baptista Trigueiros foi avisado da vida escandalosa da mulher. Amigos zelosos impunham-lhe o dever de deixar a devassa que o cobria de irrisão e de infamia immerecida; resolveu pois sahir de Portugal clandestinamente, deixando-a reduzida a uma escassa mezada ministrada por mão d'um amigo. Elle não queria dar este passo precipitado. Estava informado ha muito; mas não acreditava, não tinha visto; vivia conformado e quasi ditoso; mas os amigos metteram-se na sua vida particular, e levaram-no áquillo por amor da honra convencional das familias. Elle perguntava:

— E o barão da Corujeira, e o barão de S. Cucufate deixam as mulheres?

— É porque não o sabem... — respondiam-lhe.

E elle sarcastico:

— Pois digam-lh'o, que vamos de companhia e podemos encher um paquete, se forem todos.

O commendador Trigueiros não disse esta cousa humorista inconscientemente. Elle queria ferir os seus consocios, e sentia vontade de aconselhar a algum de seus amigos que preparasse as malas.

Andava elle, não obstante, a liquidar a sua papelada, a vender os predios a occultas da esposa, quando o chanceller do consulado foi transferido para Italia.

Paschoela ficou n'um grande marasmo melancolico; estava afeita ao chanceller, o funccionario tinha amavíos muito francezes, com uma alta escóla de Mabille e da velha corrupção do *quartier Latin.* Sentia-se cançada, não sahia de casa, nenhuma conta na Andrillac, queria repouso, regenerar-se a ser possivel com ajuda de Santa Maria Magdalena que ella tinha no seu quarto entre a gravura d'uma Suzana no banho e uma Dido deitada com as pernas ao alto, sobre a a relva a escutar a perlenga de Eneas. Como iniciação de penitencia principiou a tratar o marido menos mal; a cuidar-lhe da roupa branca, penteava-o, escovava-o, pedia-lhe que viesse jantar com ella, temperava-lhe os semicupios e fazia-lhe uns parches de encerado para refrigerio dos callos. De resto, no rigor de dezembro, punha duas botijas na cama para aquecer os quatro pés dos dous. Ella, antes d'este exordio de regeneração, deixava-o meditar no leito solitario, sobre cotações e cambios.

O Trigueiros, cheio de bons sentimentos de ordem e paz na familia, evitava occasiões de explicar aos amigos a demora na sahida. Elles, pasmados da mudança, feridos na honra commum da sucia, chamavam-lhe nomes de substancia muito dura; achavam-no indigno de apparelhar com homens de bem, e diziam que elle sabia ha muito quem era a mulher, e que os levasse o diabo a ambos, que não ia rico.

Os barões da Corujeira e de S. Cucufate diziam o mesmo. O do Rabaçal achava que elle devia ir-se

embora do paiz depois de quebrar o espinhaço á Paschoela, escangalhal-a.

No entanto José Macario, com a transferencia do chanceller, ganhára esperanças. Sorria-lhe a abjecção de esperar ser admittido na vagatura, se o francez a não endossasse de antemão como elle a tinha empurrado ao bacharel da Presiguêda.

Havia na casa do Trigueiros uma mocama, a confidente dos rega-bofes da Cruz da Regateira, que acompanhava a sinhá no trem, e punha sobre a mesinha de cortiça do pavilhão os molluscos aphrodisiacos. José Macario não tinha conseguido fazel-a parar na rua; a preta fugia-lhe ou voltava a cara quando o encontrava; mas, depois que o chanceller sahira, as asperezas cederam ao attrito de alguns soberanos a ponto de, á quarta instancia e quarta libra, a escrava aceitar uma carta.

A preta jogava pelo seguro. Sabia com certeza que não era portadora de corrupção nova, nem instrumento de modernas libertinagens, quando levava a carta de José Macario.

D. Paschoela não encontrára auxilio de regeneração pedindo-o á santa a quem Jesus perdoára porque *amára muito* — o que é differente de *amar a muitos,* e algumas senhoras se enganam suppondo que é tudo o mesmo. Ao cabo de cinco mezes, passados no campo e nas praias, a esposa do Trigueiros sentia-se plethorica de ruim sangue; a reacção da raça sopeada era implacavel, a virtude obstruia-a dandolhe ao coração a intumescencia gazosa d'uma tympa-

nite. O peito soava-lhe a ôco; o tedio marasmava-lhe as energias; tinha hysterismos, cheliques, amodorrava-se n'um narcotismo estupido; sentia-se muito infeliz, e chegou ao extremo expediente dos talentos celebres — embebedava-se com anisette, e então era expansiva com a mocama, lembrava-se do pavilhão da Flora, trauteava fadinhos brazileiros, e, por diante de seus olhos morbidos, passava a visão do Macario com a guitarra gemente. Ella então, na excreção da sua sentimentalidade alcoolica, deixava esvurmar-se uma lagrima, e murmurava:

— Não posso esquecer elle... Quê scisma!

A preta, em um d'esses transportes de saudade, quando a lagrima borbulhou e o crystal do licôr ia baixando, deu-lhe a carta do Macario, repetindo a historia da perseguição — que o vira chorar, magro como um cão vadio; que tivera dó d'elle, e lhe aceitára a carta com a condição de ser a ultima, porque o Macario lhe dissera que ia para os Estados-Unidos, e a carta era um adeus para sempre.

Paschoela deixou pôr a carta no regaço, quedou-se um momento pensativa sem lhe tocar, e disse:

— Péga n'isso e leva em fogão.

A preta disse que sim, que ia queimar a carta, mas que tanto fazia lêl-a como não — que a lêsse para se rir. E a ama:

— Quê qual! não leio ella. Quê caipórismo de cápádocio! Ainda átreve-se á mi éscréver! Quê va-se embora, i mi dêxe.

A preta tambem bebia com abundancia n'estes

conflictos, e não era menos capaz de se enternecer. Desatou a chorar pelo Macario, a lembrar-se da alegria de sua ama quando o amava; que nunca lhe conhecera um amante tão bonito; e, inconveniente com a sua camueca, dizia que o francez era um marmanjo, que não tinha *herva,* e o Thomé esse então era um róceiro; e mostrando as arrecadas, o cordão e muitos anneis d'ouro, dizia que tudo aquillo lh'o dera o snr. Macario, e mais dous vestidos. E as lagrimas, espremidas pela gratidão, rolavam-lhe torrencialmente, pondo-lhe na tez negra uns pontos de brilho fôsco. Muito bebeda.

Ouviu-se a campainha. Era o marido. Paschoela mandou retirar a licoreira. Metteu a carta na algibeira do roupão, poz o *abat-jour* nos castiçaes, reclinou-se na poltrona; e, quando o Trigueiros entrava, espreguiçou-se como quem acorda. Elle acariciou-lhe o rosto com a mão, sentou-se á beira d'ella e disse-lhe:

— Uma novidade, Lóló.

— Mi diga vossê.

— Encontrei o ábbade, áquelle gajo da Félicia, qui veio conego pára cá, hein? Se póde ouvir elle.

E contou, muito diffuso e mentiroso, os queixumes do abbade contra os Macarios. Que lhe deram com a porta na cara, quando lhe empalmaram a môça para a casarem com o malandro do Fistula; que elle já sabia que o marido lhe dava muita ripada, e que o barão mais hoje mais ámanhã havia de conhecer a bestinha com quem casára; que a Custodia se sahis-

se á mãi havia de ser como as gallinhas; e que o Macario velho, assim que o topasse, lhe havia de dar quatro pontapés; que se dizia que o Fistula já gastára mais de vinte contos com grisettes de Lisboa, e que a mulher estava acabada que já não valia um pataco da Junta. E a Paschoela estirando-se com abrimentos de bocca:

— Tudo isso é bandálheira ácánálhada quê mi faz nojo.

V

O conego Justino, assim que soube que Felicia era muito desgraçada, sentiu-se desarmado para o ataque. A primeira sensação foi de jubilo vingativo; depois contraveio a saudade com um sentimento benigno de compaixão.

Havia quem o informasse diariamente. O seu collega Velloso tinha uma governante, irmã do escudeiro de José Macario. O escudeiro era amante da Maria Clara, criada de sala de D. Felicia. A criada escutava-os, dizia-lhe os maus tratos, as palavras insultantes que ouvia; contava que o patrão fallára n'um abbade, chamando-lhe a ella o peor dos nomes, e que a senhora a soluçar que parecia suffocada lhe dizia: — Vossê bem sabia quem eu era, seu pelintra! — E que uma vez lhe batera com um chicote, e ella lhe

déra com a pá do lixo no costado; e, se elle se não raspa, que lhe espetava umas tesouras no corpo. É claro que o verniz social não polira as antigas asperezas da valorosa barrozã que batera com o engaço no meirinho de Montalegre, e formára a sua destimidez em convivencia com o matador de lobos.

Ulteriores informações relatavam que José Macario, desde que levára, raras noites dormia em casa; e, quando vinha de dia mudar de roupa, raras vezes comia, e nunca procurava a senhora. Que o barão visitava a irmã a miude, e de uma vez se rira muito quando ella lhe disse que lhe zupára com a pá do lixo; e elle á mana: « Que lhe désse p'ra baixo! » Que ella dissera que se queria separar d'elle por justiça, e levantar o seu dinheiro; e que o barão lhe promettera enviar-lhe um advogado.

N'estes termos melodramaticos, o conego Justino entendeu que devia entrar em scena com resalvas, intrigas e a bengala, sendo preciso.

Felicia em Lisboa aprendera a lêr com a cunhada: era uma vergonha não saber escrever o seu nome, como lhe acontecera no Bussaco quando lhe pediram a sua assignatura; e uma vez em Cintra, quando uma marqueza philanthropa lhe pediu esmola para qualquer obra pia, ella não aceitou a lapizeira que a fidalga lhe offerecia para assignar o seu nome em um caderninho de papel vellino, perfumado, encadernado em marroquim. O Fistula disse á irmã: — Olha se me ensinas essa besta a escrever o seu nome. —

Felicia estudou muito, com um grande desejo, e em poucos mezes lia com desembaraço e escrevia phonicamente. Quanto a exprimir-se, não vingára defecar-se das parvoices inveteradas. O abbade não lh'as corrigira no trato intimo de dezeseis annos, por entender que a grammatica era tão superflua que nem os abbades precisavam d'ella, quanto mais as criadas. Mas o conego exultou quando soube que Felicia assignára com o proprio punho o requerimento para divorcio; podia corresponder-se com ella, aconselhal-a, offerecer-lhe o seu coração ainda juvenil para amparo e o seu braço robusto para defeza. As vantagens da instrucção primaria.

Felicia, quando a sua criada lhe entregou uma carta vinda de casa do snr. conego Velloso, disse que não conhecia conego nenhum; mas, abrindo-a a mêdo, leu a assignatura *Justino*. Pela primeira vez soletrava aquelle nome que era para ella uma saudade envenenada pelo opprobrio, uma vergonha que ella escondia no coração para que o mundo lh'a não conhecesse. Contou a criada que as lagrimas lhe resvalaram á carta quando a lia, que se fechára no seu quarto e não jantára. É que o padre Justino tambem lhe escrevera chorando. Viu-a n'essa hora, sentada á beira do seu catre, em Padornello, quando não tinha quem lhe désse um caldo nem uma palavra de piedade confortadora na sua doença. Talvez a visse na sua choupana, n'aquellas noites nevadas das alturas de Barrozo, aquentando-lhe com tijolos envoltos no seu saiote os lençoes e os pés. Sentiu-a nos braços,

humilde, vencida pelo seu amor, abdicar nos prazeres de um homem que nunca poderia rehabilital-a. Viu-a no decurso de tantos annos, zelando-lhe a saude e os bens com a simples recompensa de a não despedir do seu serviço, embora outras mulheres, a quem o mundo perdoava, o dominassem mais do que ella. Remorsos lancinantes penetravam-lhe o coração empedernido no desdem com que lhe amargurára os melhores annos da vida. Queria desculpar-se com o desamor da sua ida para o irmão opulento e da leviandade do casamento com o Fistula; mas as ingratidões e as perfidias reagiam em favor da pobre mulher que, a não ser elle, teria por marido um lavrador, um jornaleiro, um operario; — e esse trabalhador seria hoje um marido honrado, rico e agradecido á esposa que duas vezes o cumulára de riquezas — a do seu amor e a do seu ouro. Afóra estas immateriaes reminiscencias, haveria outras inspirativas de sensações que põem na rhetorica umas flôres rubras, de aromas vertiginosos, e nem sempre usam as folhas verdes com que os esculptores honestam as estatuas.

Felicia respondeu com cortezia, sem desaire da sua dignidade: que era infeliz; que estava purgando os seus peccados, e contava com a protecção de Deus e do mano. De sentimentalidades, nada. Apenas dizia que oxalá nunca deixasse de guardar cabras, ou Deus lhe não désse para sua desgraça um irmão rico. — Não tinha de Deus, ao que se vê, uma comprehensão muito abonatoria. Cuidava que Elle lhe de-

ra o irmão rico como um purgante de peccados. Ah! o barão era muito drastico; mas os deuses não lhe dariam a missão purificante — elles não lh'a dariam.

A baroneza do Rabaçal communicára ao irmão, ás escondidas do marido, que a Felicia ia requerer a separação. Que visse lá como se arranjava com o dinheiro. Ella desprezava altivamente a cunhada; chamava-lhe *sôstra*. Eusebio Macario tambem o procurou no portico do theatro, levou-o para o largo da Batalha, vociferou-lhe toda a ladainha dos insultos antigos paternaes: que era um perdido, a vergonha da sua familia, um debochado, um ladrão; que o desfazia a pontapés, se não fosse pedir perdão a sua mulher. Que se elle pensava em safar-se com o dote de Felicia, que estava enganado, que não o apanhava á unha, porque os Bancos já estavam avisados para não entregarem o capital sem authorisação d'ella.

O Fistula sentia-se amolgado, illaqueado n'uma cadêa de revezes, tolhido para a reacção. Na tarde d'esse dia encontrára de cara nas Fontainhas o conego Justino e mais o conego Velloso. Elle dissimulára que não o vira, desandára com uma precipitação ridicula; mas ainda ouvira o abbade a dizer ao outro sonoramente, n'um tom de escarneo provocante: — Este é que é o celebre Fistula. Ahi o tem.

José Macario chegára a um tão perfeito comple-

xo dos predicamentos da infamia que até lhe sobejava a cobardia. Tinha a consciencia da deshonra a gangrenar-lhe todas as entranhas; o coração despegava-se-lhe como um pedaço de carne tábida quando via um gesto de provocação; no desforço dos insultos não o esporeava a revolta da justiça. Para ser um scelerado de faca, á sombra de uma esquina, faltava-lhe a coragem de se expôr a uma bengala. Resvalaram-o áquelle abysmo os quarenta contos. Tinha sido valente quando era estudante; dera paulada n'um funccionario que lhe apalpára os quadris da irmã, professava a esgrima da navalha de mola, jogava o pau, mettia uma bala n'um tôrdo, mas o inquebrantavel pulso da deshonra manietára-o, chumbára-lhe uma grilheta e acorrentára-o aos quarenta contos da rascôa do padre. A sociedade que o propellira ao desdouro com a promessa de o glorificar na sua fortuna, mentira-lhe, bigodeára-o, porque ella offendida no seu deslumbramento, se póde, vinga-se dos aventureiros quando elles deixam a descoberto, vulneravel, um dos esteios pôdres da sua prosperidade arrogante, humilhadora, sem trabalho. Depois, é um desabamento desgraçado, um edificio esboroado, aberto a todos os ventos, a uma grande chuva de lama.

O Fistula, com o presentimento d'estes processos sociologicos portuenses, metteu-se em casa, aconselhado pela baroneza. Ella conseguira emprazar o requerimento para deposito judicial na mão do juiz, com intenções conciliadoras. O barão, temeroso do

escandalo e da lingua do cunhado, transigira até vêr se se apaziguavam.

Encerrou-se no seu quarto José Macario. Deitou-se. Disse que estava doente, muito incommodado. O escudeiro foi dar parte á senhora. Ella respondeu: «Que se trate».

O velhaco tinha saude e fome; mas não pedia nada. Ás vezes dava ais e pensava em bifes; cheirava-lhe a linguados fritos e dominava impetos de Ugolino, frenesis de trocar o seu plano de reconciliação por um prato de almondegas. E Felicia não lhe apparecia: estava no seu gabinete de trabalho a costurar, com a criada, sua amiga unica. Pensava em ir viver n'uma aldêa, e leval-a comsigo. Fallava em ter muitos marrecos e gallinhas da Cochinchina, criar cevados e ter duas cabras de leite. Quanto ao marido — que se tratasse.

O escudeiro teimára com o patrão que comesse, que tomasse chá e dous biscoutos sem sal, que eram saudaveis. Elle cedeu aos biscoutos, bebeu meio calice do Porto, e não illudiu a fome. Depois, alta noite, levantou-se, pé ante pé, foi ao aparador e comeu muito queijo londrino e pão com manteiga. Passou rente com a alcova da esposa; estava fechada por dentro; escutou: ella resonava.

A reconciliação com a Trigueiros estava muito bem encaminhada. Não lhe respondia; sentia-se ainda muito ferida para poder responder-lhe, dizia a preta; mas consentia que elle lhe escrevesse, se quizesse. Elle combinára com a mocama encontrarem-

se todos os dias na Cordoaria ao pé da arvore grande. Mas não devia, não podia sahir de casa em quanto não fizesse as pazes com a mulher. Era preciso que a Paschoela soubesse que elle estava impedido pela doença no leito da dôr, talvez succumbido á sua paixão — pensaria ella. Escreveu a um jornalista, seu commensal nas ostras da Aguia d'Ouro: que estava de cama, e necessitava que *alguem* o soubesse; mas só indirectamente, mysteriosamente lh'o podia communicar por meio do seu jornal. Era o *Jornal do Povo,* de que o Trigueiros era assignante. No dia seguinte, a primeira local dizia: SENTIMOS. — *Acha-se doente o ill.^{mo} snr. José Macario, cunhado do exc.^{mo} snr. barão do Rabaçal. Fazemos votos pelo prompto restabelecimento de s. s.^a* — Esta noticia, d'uma seccura e magreza impropria da Gazetilha, contrastava com a gordura das ôstras que o noticiarista devorava na Aguia. O Fistula esperava outro estylo, mais côr, e alguns adjectivos. Não suppunha que o litterato estivesse mancommunado com os outros jornalistas que mezes antes o chamavam *cavalheiro illustre, ornamento da sociedade portuense, muito prendado,* e ultimamente nem sequer o mencionavam nos folhetins dos bailes. Effectivamente o localista do *Jornal do Povo* desdourava-se de chamar-lhe amigo em typo 12. Quanto ás ôstras, acompanhava-o depois da meia noite por um sentimento de dó, vendo que os rapazes do trinque se apartavam d'elle. De resto, devia-lhe quinze libras e pico que tencionava pagar-lhe quando vendesse a um editor o

seu volume de versos intitulado As Mariposas. O Fistula, relendo a noticia, disse comsigo: Que malandro! Ainda ha tempos lhe emprestei sete pintos para umas botas!... E acrescentou machucando o jornal: O Porto é um covil de patifes.

A Trigueiros lêra a noticia e ficára melancolica. Não hesitou em condemnar-se de severa desmarcadamente com o pobre moço arrependido. Releu todas as cartas que recebêra d'elle, a ressudarem lagrimas, muito lamentosas, com intercadencias de appêllos sensualistas ao seu temperamento inter-tropical, pinturas muito vermelhas do pavilhão da Flora, denguices, requebros, enlanguescencias, lubricidades de estylo que soavam como as coplas dos fadinhos que elles tanto amavam. E deu-lhe para chorar, e dizer á preta:

—Elle mi mata... e eu lhi amo muito... Ora dá-se?—E espreguiçava-se com languidez felina, e uma grande sêde de Ideaes.

A preta nunca deixou de ir á Cordoaria, e achou a final modo de saber por um criado visinho do José Macario que elle não sahia de casa nem apparecêra á janella havia duas semanas; que tinha visto lá entrar algumas vezes o medico Luiz Antonio, e uma vez a baroneza do Rabaçal com o pai.

O certo é que Felicia teimava em não apparecer ao marido apesar de saber que lá estava o medico, e que da botica tinham vindo duas garrafadas de tizanas. Desde o conflicto da pá do lixo, em revindicta da chicotada, aquelle homem, que ella nunca

tinha amado, era-lhe odioso e nojento como um sapo. Acrescia como elemento d'esta fermentação azêda uma serie de cartas do conego Justino, chamando-a á dignidade, não da Sé portuense — o que seria um calembour insulso — mas sim á dignidade de esposa ultrajada a quem um vil, enriquecido por ella, recompensava com um chicote, como era publico e notorio.

Ella escrevia ao dr. Fiel que andasse para diante com o processo do divorcio; o conego, indirectamente, espicaçava o advogado, até que o juiz de direito escreveu á baroneza do Rabaçal advertindo-a da necessidade de progredir, segundo os requerimentos reiterados da cliente do dr. Fiel. Foi então que a Custodia e mais o pai resolveram atacar a esposa irreconciliavel no ultimo reducto. Em quanto a baroneza entrava de subito na saleta da cunhada e lhe rogava encarecidamente que perdoasse ao José, Eusebio obrigou o filho, aos empurrões, a ir ajoelhar aos pés de Felicia. Elle pôz um joelho em terra, e o pai gritava-lhe :

— Pede-lhe perdão, pede-lhe perdão, patife!

— Felicia, perdôa-me, que eu prometto nunca mais te offender — disse o Fistula com a frieza d'um hypocrita que faz o acto de contrição.

— Ó mana! — acudiu Custodia com uma commoção muito impostora. — Ó mana, não seja cruel... Perdôe-lhe... Não o vê de joelhos?

— Pois sim, sim, como quizerem... Isto ha de durar muito, não tem duvida... — disse Felicia, er-

guendo-se muito sacudida.—Bem os entendo... O que vossês querem sei eu. A mim ninho atraz da orelha não m'o fazem...

Pediram-lhe explicações; e ella:

—Eu cá me entendo.

A baroneza, na carruagem, dizia ao pai:

—Olhe que bicha sahiu a tal sôstra! Quem viu aquella sopeira em casa do abbade e quem na vê agora a fazer-se gente!... O meu gosto era mandal-a tratar dos porcos, a mostrenga velha que até me faz compaixão vêr o José casado com aquelle basulaque!

E Eusebio Macario, obtemperando condicionalmente, dizia:

—Tens razão, Custodia, mas lembra-te que uma familia respeitavel como nós estamos sendo n'esta cidade do Porto, devemos evitar escandalos cujos possam affectar a nossa seriedade.

—Ora lérias!—replicava a baroneza com gestos largos—eu, no lugar d'elle, mandava-a p'r'ó diabo, e ia comer o dinheiro lá por fóra.

E o Macario, formando um tubo com os beiços, avincando a testa e dando á cabeça uns balouços negativos:

—Isso offenderia bastantemente a moral publica, menina.

VI

A inesperada noticia da reconciliação mortificou o conego; todavia informações posteriores mitigaram-lhe a zanga notavelmente. O escudeiro contou que as pazes eram fingidas; que á mesa não trocavam palavra; que não sahiam juntos, e dormiam em camas separadas. O coração de Justino banhou-se em frescuras aromaticas de uma casta alegria.

O noticiarista do *Jornal do Povo* escreveu: PARABENS. — *Tivemos hontem a satisfação de encontrar restabelecido o ill.*^{mo} *snr. José Macario, irmão da exc.*^{ma} *baroneza do Rabaçal. Congratulamo'-nos.* Tencionava pedir-lhe cinco pintos para um chapéo, em quanto não vendia AS MARIPOSAS.

A preta, no dia seguinte, á hora aprazada, estava na Cordoaria com uma carta da sinhá. — Que lhe perdoava a ingratidão, porque o amor seu d'ella era maior que o crime d'elle. (Achára isto n'um romance qualquer). — Que assim que pudesse chorariam ambos, um nos braços do outro. (Isto é que era legitimamente d'ella). — Que *elle* tinha de ir a Lisboa, e então fallariam. — Que estava de mal, arrufada com a Flora; mas que tinha uma casinha, um bouquet de rosas brancas no Carvalhido á espera das duas borboletas acossadas pelo nordeste do infortunio. (Extracto mais tôlo de um romance da Bibliotheca das Damas). E terminava: «Muitos cafunés, meu dengue». O Fistula sentia uma leveza de passaro. Azas afflavam-lhe nas espádoas. Pulos do coração trapejavam na gomma da camisa anilada. O chiar das rodas das cordoarias parecia-lhe musica. Pardaes na copa enfolhada da grande arvore chilreavam-lhe congratulações pela nova primavera do seu amor. Dous garotos que jogavam o botão pediram-lhe cinco reis e elle deu-lhes uma de doze. Encontrou o noticiarista do *Jornal do Povo,* abraçou-o, que era muito seu amigo, grande seu admirador; que elle e a sua bolsa sempre ás ordens. Metteu-lhe o braço, desceu á Praça Nova, foi ao estanco e encheu-lhe os bolsos de charutos de seis vintens. Não obstante, o litterato receava que o vissem, ia constrangido pelo braço d'aquella firma. Entraram no Guichard. José Macario jogou duas partidas com o jornalista, a meia libra, quinze carambolas de par-

tido: perdeu, queria perder, repartir da sua felicidade, exuberal-a por todo mundo — um pantheismo d'amor que até lhe dava vontade de entrar nos Congregados e agradecer ao Altissimo o obsequio de lhe restituir a Paschoela. Ao jantar entrou em casa muito affavel; foi ao encontro da mulher e deu-lhe um broche com uma esmeralda que lhe comprára nos Mourões. Ella aceitou-o sem enthusiasmo, pôl-o sobre a commoda, e disse:

— Isto não me serve de nada. Ás velhas, contas e borracha, como o outro que diz.

— Has de estrear o broche ámanhã no theatro, sim? Vamos vêr a Emilia das Neves nas PROEZAS DE RICHELIEU — fez elle com uma doçura muito postiça, uma cólera mal retrahida pelo desdem com que lhe recebera a prenda. Ella respondeu que não ia, que não gostava de theatros; que antes queria dormir para levantar-se cedo e governar a sua casa. Que fosse elle, que se divertisse, que a deixasse em paz e não lhe comprasse nada de luxos, que ella não tinha gosto nenhum da vida; que tomára ella quem na deixasse. Elle ainda teimou, contrafazendo-se, com palavras mansas, queixas do desamor d'ella e da sua infelicidade — uma deslavada impostura, que ella castigou com um frouxo de riso que não tinha nada de lorpa.

Felicia, uma vez por semana, recebia carta do conego Justino. Sentia-se bem quando as lia porque lhe davam o sentimento de ser lastimada por alguem, de ter quem velasse por ella; emfim, sentia-se amada

pelo unico homem que lhe dera tantos annos de amor bonançoso á mistura com os tormentos do ciume.

O conego compuzera-se bastante no Porto. Muito lavado e barbeado, trajando de preto, com apontada decencia, fato de muito bom talho, capote farto, azul, muito lustroso, com bandas de velludo, a meia escarlate, a fivela de prata rutilante no sapato esmerado, côres sadias, talvez resultantes da honestidade e do iodureto, a robustez dos seus quarenta e dous annos, a abstinencia dos vinhos fortes, uso moderado de genebra, frugalidade na carne de porco, tudo concorria a dar-lhe ao espiritual uma phase nova em concordancia com a reformação corporal, interna e externa. Tinha boas relações. O bispo considerava-o e os conegos apresentavam-no ás suas familias, ás suas devotas ricas, e nas casas graves, pacatas em que se jogava o boston, tomava-se chá e ouviam-se os sermões do Macieira e do Sinval. Elle em assumptos de theologia não era dos primeiros, nem dos medios, nem dos ultimos a dar a sua opinião; pertencia aos prudentes que nunca opinam. Gesticulava applaudindo de cabeça os controversistas cada qual por sua vez; mas a respeito da infallibilidade do Papa e do mysterio da Santissima Trindade dizia que a Igreja tinha decidido, e que elle não era concilio. O senhor bispo D. Jeronymo achava isto digno de Bossuet e de muito espirito. De resto, para elle estava tudo decidido pela Igreja, quanto á outra vida; e quanto a esta, achava que havia muita asneira a reformar. Ti-

nha d'estes ditos aguçados, conceituosos, que não eram muito vulgares no cabido da Sé portuense.

Operára-se n'elle uma renascença lyrica, evolutiva da crise de treva em que o espirito se lhe escurentára na saudade de Felicia. Renovos de coração rebentaram-lhe no peito como em março a florescencia branca da amendoeira. Aspirava em si os aromas primaveris da juventude, já não aquellas guinadas lubricas, plethoricas de Barrozo que o propelliam desaustinado ás femeas; mas o suave enlevo ideal de identificar-se ao sexo por excellencia como o perfume á flôr e a flôr ao sol. Isso sim. As suas cartas a Felicia não teriam de certo o desvanecimento de competir com as do padre Abeillard em pontos de metaphysica; ellas tinham da materia o discreto *quantum satis;* e o mais eram uns cantares em prosa chã, sem as amphibologias hebraicas do Salomão.

A esposa de José Macario lia á sua criada, á Maria Clara, periodos d'estas missivas como quem precisava da convivencia d'uma alma. Não tinha ninguem; ninguem a procurava; as senhoras que a deploravam como mulher do pandilha, censuravam-na por ter com taes precedentes aceitado um marido. Sabia-se tudo no Porto. Apontava-se ao dedo o conego e dizia-se: — Aquelle foi o amante da cunhada da Rabaçal.

Eram muito prudentes. Elle desejou vêl-a na missa das onze da Lapa, vêl-a de longe, ao sahir da igreja. Felicia recusou-se, muito assustada com o receio de não ser attendida. O conego fechou-se em

uma traquitana, mandou parar em frente da igreja, e viu-a pelo óculo — aquelle oculo das extinctas traquitanas que parecia inventado por um conego amante, em épocas romanticas. Achou-a mais bonita na sua pallidez, no adelgaçado das faces, no pisar, um pouco lisboeta, peneirado, emfim, no vestir de modesta elegancia. Estas innocentes perfidias continuaram. Felicia soube-as; teve um grande medo; mas a criada dizia-lhe que não achava de quê; que se deixasse d'isso; que o senhor conego via-se que rebentava de paixão por ella, e que era muito acautelado.

Depois, a Felicia, quando via a traquitana, tambem olhava para o oculo, e não via nada. São dous entes bem desgraçados e dignos de melhor sorte! — dizia a Maria Clara, lacrimavel, enternecidamente.

Ella tambem sentia um grande desejo de o vêr. A criada offereceu, depois de scismar muito tempo, um alvitre escandaloso: era elle passar pela rua, e ella estar á sacada; que não passava ninguem conhecido na Boavista, e que o snr. José Macario sahia ás dez da manhã e só voltava ás quatro e meia. Que o visse assim.

— Credo! — Que não, que não; que a não deitasse a perder; que o mundo acabára para ella quando casou; que não queria famas; que era amiga do conego como se fosse sua irmã; e mais nada; não queria dar desgostos ao mano barão; quant'é do marido não se lhe importava; e que a cabra da cunhada, se soubesse que o conego lá passava, ia dar á lingua, pôl-a pela rua da amargura.

A Maria Clara contava isto ao escudeiro e dizia:
— A ama é boa creaturinha, mas é uma grande lapantana, não achas? Diz que não quer famas. Ora, sebo de grillo que é bom p'ra graxa!

E elle com uma resolução briosa:

— Eu até cá lh'o mettia em casa sem ninguem dar fé, se ella quizesse. Ponho-lhe a tua mantilha com a côca puxada p'ra diante assim que anoitecer. É como eu fazia ao Leitão, ao gajo da baroneza de S. Cucufate. Espetava-se lá á noite, e sahia na outra noite adiante. Cahiu-me muita somma de pintos na caixa. Depois veio o Polka, um pelintra que não avesava chelpa; e a respeito de esportulas, nicles. O conego tem carôço. Aquillo bem aproveitadinho era negocio p'ra um par de moedas tesas. Quem é um mãos rotas é o patrão. Isso é que é. Não gasta do seu. Pudéra! O criado da Trigueiros disse-me que a preta lhe tem apanhado muita libra. Elles andam outra vez enrabichados. O Trigueiros foi hontem p'ra Lisboa, e ella e mais a preta vi-as eu hoje de manhã a bater uma carruagem por Cedofeita fóra, lá p'r'ó Carvalhido, grande reinação. Conta-lhe isto á ama, mette-lhe ferro.

O bouquet das rosas brancas onde as duas bor-

boletas borboleteavam era nas visinhanças do Carvalhido entre a Prelada e o mirante dos Vanzellers, uma casinha branca ao rez d'um caminho estreito, pedregoso e descalçado pelos enxurros da chuva. Os cachos brancos e azues das flôres das celindras e acacias copavam-se em docel trinado de aves sobre a casa, e por sobre o muro do quintal urdido espessamente de heras. No muro erguia-se um espeque preto com um letreiro escarlate n'uma tábua que dizia: *Aqui ha ratoeiras*. Esta inscripção agorentava um pouco o romanesco do bouquet de Paschoela, e obrigava os larapios a pisarem o terreno com alguma cautela quando iam furtar os pecegos e as laranjas de Araujo & Filhos, proprietarios do quintal. Outra borboleta, a baroneza de S. Cucufate, retirando-se para Lisboa, cedera á sua intima Trigueiros a chave e dominio da casa que trazia alugada desde que o marido lhe perguntou quem era a mulher de mantilha que entrava e sahia de noite: — denuncias de visinhos pervertidos por curiosidades infames, cheios de intuitos emprasadores e attentatorios da tranquillidade das familias.

A Paschoela exhibira-se ao Macario adorado com uma prenda nova: fallava francez, um francez com muito argot, tal qual como o chanceller, cuja discipula fôra anno e meio. Este predicado dava-lhe tom, relêvo, ares mais desenxovalhados, um pico de alcouce chic, um delicioso despejo; mas o Fistula tinha nevroses de ciume do francez que lh'a puzera assim n'aquella nudeza abandalhada de lingua, at-

titudes descompostas, languores d'uma extenuação de mulher estafada de gozar, creando com vocabulos acidulados, mordentes, a ventosa para a sua epiderme marasmada. Tinham ditos violentos; ironias causticas; elle chegava a chorar com uma grande imbecilidade e dizia que o francez lhe estragára a querida da sua alma. Ella ria-se com a maior sinceridade, pedia-lhe desde o profundo da sua consciencia que não fosse tolo, e cofiava-lhe o bigode, cavalgando-lhe os joelhos com uns attritos ligeiramente convulsos. Depois, em quanto elle embebia no lenço almiscarado da Trigueiros uma lagrima ingenua, ella dizia-lhe: — Não ponha-se á chorar ássim, coitado di vôcê! — Desgrenhava-se, sacudia as madeixas, fazia um pulo cancanisado de cocotte, de *guinguette* e cantava um couplet da celebrada Thereza dos cafés de Paris, alguma das *gaillardises* de Beranger. Tal era a afinação em que a tinha deixado o francez. O Macario não percebia limpidamente as lyricas *grivoises;* arregaçava um sorriso alvar, sentia-se semsaborão, incolor, goche e chôcho ao pé d'aquellas finas essencias do *Palais-Royal,* e ficava-se pasmado na transformação que se lhe operára nos modos, na voz, nos tregeitos, em tudo que ultrapassava na sua pratica as balisas da corrupção conhecida. Que saudade elle tinha da sua Paschoela da Cruz da Regateira — uma rapariga comparativamente honesta que só deixava desafivelar a liga verde depois de ter bebido o seu pudor com anisette como a lubrica egypciaca bebia perolas em vinho de Syracusa! Que saudade!

— Quando tu cantavas modinhas brazileiras... dizia Macario muito commovido.

E ella espinotando, com as mãos postas nas costas d'uma cadeira:

— Áinda canto ellas. — E cantava muito fáceira:

Vá p'rá lá, nam mi máchuque,
Eu já lh'o disse umá vez;
Nam venha como o outro dia
Fázer o quê já mi fez.

O Fistula então, crepitante de lascivia, mordia-a nos hombros e nos braços; e ella, a quebrar-se pelos quadris:

— Ai! quê mi mordes os bábádos, meu quindim!

Taes eram as duas borboletas que volitavam no bouquet do Carvalhido.

VII

O conego conspirava com actividade ardente para o divorcio de Felicia. A ventura de a reconquistar não lhe sorria n'outra perspectiva. Expediente havia só um. Ella tinha-lhe escripto: «Só terei a dita de te vêr quando estiver livre». A Maria Clara lembrou á senhora a mantilha, citou-lhe o exemplo da baroneza de S. Cucufate, muitos exemplos rigorosamente historicos da mesma laia, apurados no cadinho da mais severa critica positiva. Ella resistiu lucrecamente — que não; que em quanto tivesse marido que não.

O ecudeiro contou á irmã, governante do conego Velloso, que o patrão andava mettido com a D. Paschoela Trigueiros; que já sabia onde elles se alapardavam por lh'o dizer o trintanario do barão de

S. Cucufate que a baroneza puzera na rua, e elle para se vingar contava partidas de mil diabos que a ama fazia, que o Trigueiros ia todas as semanas a Rio Tinto onde tinha a fazer uma casa, e que ella n'esses dias era como um raio para o Carvalhido n'uma carruagem do Lopes que a esperava nas Aguas-Ferreas, e os levava ao pé da toca perto da Prelada.

O conego Justino, admoestado pelo Velloso, não avisou Felicia; deixou-se convencer de que o mais acertado era assoprar com prudencia o escandalo em casa do Trigueiros, e esperar os acontecimentos, — vêr se o Macario se safava com a Paschoela, e deixava o campo aberto a tratar-se honesta e christãmente do divorcio, de maneira que o barão do Rabaçal não pudesse reconciliar outra vez duas pessoas irreconciliaveis. Boa idéa, com um cheiro de theologia casuista, que denota lição do MATRIMONIO do padre Sanchez. É bom que haja Cabidos onde se perdurem estes pensamentos e outros calembours.

N'este accôrdo, o commendador Trigueiros, indo um sabbado de manhã para Rio Tinto, ao passar no Poço das Patas, viu abeirar-se da portinhola da sege um qualquer desconhecido que lhe entregou uma carta. Era o sineiro da Sé, um artista servical, de muito segredo, que sabia das paixões dos Caudios Frolos da cathedral e nunca tivera pretensões a Quasimodo com as Esmeraldas dos conegos. A carta dizia: *Trigueiros, não vás a Rio Tinto. Vai á tua casa ao meio dia; se não achares a esposa, vai procu-*

ral-a ao Carvalhido, na quinta do Araujo; mas tem cuidado que o José Macario não te quebre a armação.

Para carta anonyma, o estylo tinha um atticismo não vulgar, de Tacito. O abbade, quando escrevia em Basto apontamentos para o protervo pamphleto projectado contra os Macarios, assentára a mão no genero laconico, chistoso, periodos curtos, chalaça lusitana do José de Sousa Bandeira, um Swit á portugueza, na TIA MICHAELA. N'este bilhete, por ser de conego, havia talvez materia para escrupulos — a affronta a um marido desgraçado, a denuncia, a fermentação d'um conflicto perigoso; mas o conego tinha a seu lado o tomo XI dos sermões do padre Antonio Vieira, muito authorisado, com estas palavras: *Vingam-se por instincto natural as feras na terra, vingam-se as aves no ar, vinga-se a mansidão dos animaes domesticos, e vinga-se, e cabe ira em uma formiga.*

Elle vingava o seu coração, os seus brios de homem. Tinham-no enxotado vilmente do gremio dos Macarios. Tiraram-lhe a companheira de dezeseis annos, a mulher amada, para lh'a desgraçarem. Se ao menos a fizessem feliz, elle abdicaria os seus direitos de amante nos do marido; mas, desde que ella gemia solitaria e arrependida, o seu dever era soccorrel-a e perdoar-lhe, vingar-se e vingal-a. Pensava muito bem; estava na natureza; não estava a fanhosear psalmos por dezeseis tostões diarios na sua cadeira da Sé.

O commendador Trigueiros, lido o bilhete, mandou parar o seu coupé, tirou o chapéo, enxugou as camarinhas de suor, e assoprava n'um grande esbofamento. O bolieiro esperava as ordens, e as hanoverianas escarvavam muito folgadas, sedentas de trote, balouçando as cabeças garbosas, com as ventas fumegantes. Cavallos rincharam, fazendo, no macadam sonoro, com as patas, uma toada dura com um rhythmo pomposo. Chegava a caleche descoberta d'um brazileiro purpurino, coruscante de côres arreliosas, ophthalmicas, delirantes, d'uma garridice espaventosa. Era o *Arara,* um triumphador d'aquelles tempos em que a casaca azul e o collete amarello não dispensavam uma gravata vermelha, luvas verdes e calças côr de alecrim com polainas cinzentas. O *Arara,* a quem outros chamavam o *Lampada,* conheceu o Trigueiros, mandou parar, apeou-se, viu-o muito desmaiado, e perguntou-lhe o que tinha, se estava incommodado.

— Que sim, que não estava muito bom; mas não era nada. — E perguntou-lhe se o Motta Prego estava no Porto, se já teria recolhido da provincia. O outro tinha-o visto na Praça Nova com a esposa, e uma ama com o pequerrucho muito gordo e a Nazareth cada vez mais nutrida e fera. Trigueiros mandou largar para o largo da Aguardente; o amigo queria acompanhal-o: — Que não era preciso; que muito obrigado. E o outro, muito refastelado nos coxins côr de gema d'ovo com franja azul, pensava: — Isto ha de ser cousa com a croia da mulher — a botiquineira da rua de Traz dos Quarteis.

O commendador Motta Prego não quizera aceitar camaradagem com os sujeitos que tinham avisado e aconselhado o Trigueiros, e até tentára despersuadil-os da inutil empresa, porque contava com o resultado que houve. Elle conhecia a indole d'aquelle marido — a paixão que se acirrava á proporção do ciume; compadecia-se d'elle e ao mesmo tempo sentia vontade de recusar-lhe a mão na rua. Maria de Nazareth pedia-lhe que o tratasse bem; que o Trigueiros era um ente enfermo, um paradoxo, digno de commiseração; e a respeito de Paschoela, evitava-a quanto podia sem lhe fugir; mas, se a encontrava, recebia-a sem intimidade nem constrangimento. Chamava-lhe tambem uma creatura enferma, um mau destino involuntario. Viviam bastante arredados igualmente dos Rabaçaes desde o casamento de José Macario, objectivo de grande nojo para Motta Prego. Quanto a Felicia, em vez de a condemnar, a Nazareth desculpava-a, considerando-a illudida pela idéa de que se era honesta sendo-se casada com quem quer que fosse. Achava mais culpados todos os parentes que a levaram áquelle passo, podendo o irmão fazel-a feliz na sua aldêa com bem pouco. O Motta concordava sempre.

Sabia o Trigueiros que elle se recusára entrar na combinação; ficára-lhe muito grato e muito respeitador do seu caracter prudente. Julgava-o amigo certo

e de bom conselho para uma occasião de apêrto. Era chegada a conjuncção momentosa.

Qualquer esposo menos enfermo, menos paradoxo, segundo a phrase indulgente da Nazareth, iria do Poço das Patas a casa, e de casa ao Carvalhido, á quinta do Araujo. Semelhante expediente requeria o accessorio d'um par de pistolas ou d'um peculio de rhetorica theatral, fulminante. Ora o marido de Paschoela não tinha a ferocidade dos que matam com pistolas ou com rhetorica. Ambas as cousas, nas mãos ou na lingua dos outros, o aterravam ou adormeciam. É por isso que elle, em lugar de ir ao Carvalhido, conforme o insidioso alvitre sanguinario do conego, foi a casa do Motta Prego, conduzido pela prudencia que nunca o abandonára em peores crises commerciaes.

O marido da Nazareth andava no jardim com um filhinho amparado n'umas andadeiras, todo curvado, dizendo muita pieguice em falsête á criança que olhava para elle, dando casquinadas. A Nazareth estava na varanda, marcando letras n'uma toalha, com um sorriso de alegria maternal para o chilrear de passarinho que fazia o pequeno á competencia com as bugigangas e fallarío esganiçado do pai. Perto d'elles, estava a ama, muito limpa, trajada de maiata, amezendrada a comer tangerinas e a fazer negaças ao menino, apontando-lhe para os seios muito salientes. Dous gatos maltezes faziam arremettidas, archejavam a medir o pulo, disfarçavam os planos, rompiam em direcção tortuosa com estrategias velhacas, e conver-

giam de subito, rebolando-se, mordendo-se no pescoço e dando gritos hostís.

Este scenario mudou á chegada do Trigueiros que entrára no jardim sem se annunciar, quando D. Maria Nazareth ia vêr quem sahia do trem.

Chamado particularmente, o Motta entrou no escriptorio ao rez da rua; e, como texto da prática, leu o bilhete anonymo que lhe apresentou o queixoso, limpando o suor e as lagrimas. E perguntava:

— Que hei de eu fazer? Vossê que faria, Motta, meu amigo, que faria vossê?

Sentiu-se offendido o marido da Nazareth com a segunda pergunta; e, dissimulando como quem reflecte, usou a magnanimidade de encolher os hombros e passar o beiço inferior para cima do superior, pondo no tecto os olhos esbugalhados.

O Trigueiros instava:

— Vossê que faria, amigo Motta, hein?

— Essa pergunta não se faz, amigo Trigueiros — volveu o outro, azedo, passeando com as mãos nas algibeiras do robe-de-chambre e os olhos no pavimento.

— Não se faz? não sei porquê!...

— Está resolvido a fazer o que eu faria?

— Já se vê que sim! — affirmava e batia com força no estomago uma palmada briosa.

— Eu matava-a, snr. Trigueiros, eu matava-a; e, se o amante tivesse sido minha visita, meu hospede, meu amigo, matava-o tambem; e, se não fosse alguma d'essas cousas, deixava-o são e salvo. Isto é o

que eu faria; mas não lhe aconselho que o faça, porque estas resoluções nunca se tomam por conselho, e quem pede a opinião alheia n'estes casos deixa vêr que não tem nenhuma.

— Sim... eu lá p'ra matar...— disse o Trigueiros com um gesto negativo de cabeça.

— Não quer, e pensa bem, tão bem que nem necessita de conselhos, amigo Trigueiros. Matar é... matar.

— Assim o entendo eu; e de mais a mais, eu se a matasse, ficava encaravelhado, hein? justiças, tribunaes, cadêa, e a final talvez me mandassem até Angola.

— Ha essas durezas, amigo. Folgo de o ouvir discorrer com tanto juizo.

— Lembrava-me d'outra sahida... Metter toda a minha fortuna n'uma carteira e ir em França ou Inglaterra, e deixar p'r'áhi essa perdida.

— Não teve já esse projecto?

— Tive; mas não o levei ávante porque era mentira o que me disseram d'ella com um francez.

— Sim? E quem nos affirma que não é tambem calumnia o que lhe diz esse papel? Um bilhete anonymo é sempre uma infamia... Não seria mau desenganar-se por seus olhos; quero dizer, ir a casa; e, se não achasse sua esposa, ir até ao Carvalhido, esconder-se em sitio d'onde os pudesse vêr sahir; emfim, marchar em terreno seguro.

— Vossê diz bem; mas olhe, snr. Motta — balbuciou o Trigueiros, muito abatido, anciando — isto

que está n'este bilhete é desgraçadamente verdadeiro, muito verdadeiro. Tive ha pouco tempo certeza de que foi amante d'ella o Macario antes de casar-se elle. Soube-o por quem os via ir em uma quinta na Cruz da Regateira... Que mulher! que ingrata! — E as lagrimas embargavam-lhe as palavras cortadas por soluços. — Tirei-a de botiquineira, vossê sabe, me casei com ella, podia ter casado com a filha do Guimarães da rua do Sabão, vossê sabe, Guimarães & Nunes, armazem de couros, uma mocetona branca com cento e oitenta contos em apolices; casei com esta quitandeira, dei-lhe brilhantes, pul-a á grande, no trinque do luxo, levei-a em Paris; ella queria carruagem, tem carruagem, tem tudo quanto quer, a pedir por bocca, já viu?

As lagrimas multiplicavam-se com a compuncção dos dizeres. Uma cousa é lêl-o, outra cousa era ouvil-o. Aquellas palavras chãs, humildes, sahiam de conflagrações reconditas, vulcanicas, como singelas boninas que o convulsionado Etna atira ao azul. Arfava, com os punhos na testa, mettia a cabeça entre os joelhos, e fazia com as mãos abertas e sacudidas um gesto significativo de que a sua dôr era inconsolavel.

No espirito de Motta Prego passava um sentimento de piedade que se affirmava n'estas palavras mentaes, misericordiosas: — Que desgraçada bêsta!

Elle aquietou-se, puxou suspiros asperos de crepitações bronchicas, e disse em pausas offegantes:

— Amigo Motta, eu não volto em casa mais, não

quero vêr aquella bandálhona; agora lhe peço me ceda por alguns dias um cantinho em sua casa; em hospedaria não vou que tenho medo de estalar.

— Está toda a minha casa ás suas ordens, amigo Trigueiros. Dá-me muita satisfação, e maior me daria se outros motivos o trouxessem aqui.

O Trigueiros abraçou-o, enternecido, muito choroso, dizendo que o Motta Prego era o seu anjo, e o mais honrado homem que elle conhecia debaixo do sol.

VIII

D'esta vez a resolução do Trigueiros era irrevogavel. A dôce vida caseira do Motta, a presença da Nazareth, sempre com uma serena alegria, a compostura a um tempo meiga e grave com que os esposos se correspondiam, a criancinha entre elles como a benção da virtude a sorrir-lhes no filho — aquelle ambiente aromatico de virtuosos pensamentos, faziam ao pobre Trigueiros mais doloroso e vergonhoso o seu passado. Elle não conhecia os contentamentos de familia nem formava idéa da esposa e mãi, entre marido e filho, como uma medianeira interprete da Providencia. Comparava ás duas. O Motta, quando o hospede entrava em comparações, cortava-lh'as com mal disfarçado despeito, como se lh'a

injuriasse com o confronto; mas Nazareth não se aggravava em demasias de alambicado melindre e fallava da Paschoela com honestidade senhoril, commiserava-se, e antevia-lhe destino extremamente desgraçado, se o marido a reduzisse á pobreza. E não era difficil reduzil-a. Os seus velhos amigos vieram em seu auxilio com alvitres, salvaterios, tranquibernias, constituiram-se seus crédores, receberam-lhe com hypothecas fraudulentas os seus bens urbanos; quanto á fortuna de carteira, essa mais facil lhe foi reduzil-a a um quarto de papel timbrado, com alguns algarismos. Motta Prego, estranho ao processo da espoliação da mulher, era apenas o seu hospedeiro e forçado confidente.

Paschoela, quando voltou do Carvalhido ás tres da tarde, soube que o trem tinha chegado á uma hora sem o marido. O bolieiro disse que o senhor commendador ficára em casa do Motta Prego na Aguardente. Não conjecturou nada extraordinario, apesar de saber que elle desandára do Poço das Patas depois que recebera uma carta. Ás cinco, como elle não chegasse, mandou servir: jantou com appetite, recostou-se na chaise-longue com uma lassidão de molleza, uns espreguiçamentos de esfalfada, estomago repleto. A preta desapertou-a e ella adormeceu. Quando acordou ás nove, o marido não tinha entrado. Mandou o cocheiro a casa do Motta saber o que

havia. Responderam-lhe que o snr. Trigueiros sahira depois de jantar.

Uma ligeira inquietação; mas deitou-se, e adormeceu, muito prostrada, com atordoamentos de kermes e charutos fortes. Alta noite, acordou com mau gosto, a garganta secca, pigarrosa e a lingua aspera e muito peganhenta. Procurou o marido estendendo uma perna pelo leito enorme. Espertinou e ficou sobresaltada a scismar — que diabo seria? denuncia dos patifes dos amigos! — Ahi pela madrugada, tornou a pegar no somno. Quando acordou ás nove, soube que, antes das sete, o senhor tinha vindo a casa, estivera no escriptorio até ás oito, e sahira, levando uma maleta de tapete debaixo do braço, e que pouco acima entrára n'uma sege da praça. O trintanario disse que elle ia a limpar os olhos quando atravessou do escriptorio para o pateo. Não se affligiu grandemente: era uma peripecia de ciumes, pouco mais ou menos, parecida com outras; mas o que mais a desassocegava era, d'esta vez, a intervenção do Motta Prego no episodio. Ella tinha uma secreta raiva á Nazareth; estava enfastiada de lhe ouvir chamar aos amigos da casa a virtuosa esposa, a esposa exemplar, a incomparavel consorte do Motta. Receava que os dous influissem seriamente, definitivamente em alguma desesperada resolução do marido. Para desabafar, escreveu ao Macario, contou pela rama as cousas, com intermedio de facecias, achincalhava *elle,* o *elle* sublinhado das cartas das adulteras — quatro letras innocentes que encerram

mais podridão que todas as novellas de Boccacio e da rainha de Navarra. Macario respondeu-lhe sobre o balcão d'uma tenda da Cordoaria, em quatro linhas, que ia indagar; que não se affligisse, que o seu esposo era elle e não o outro; que o seu coração lhe daria thesouros inesgotaveis.

Ella não podia consolar-se com esta rhetorica. Queria elle e o *outro,* os dous, o marido e o amante, o bouquet do Carvalhido e a carruagem de molas inglezas; — o luxo dependente do marido e independente do amante. Dizia que conhecia os homens muito bem — uma verdade inquestionavel. Ella conhecia uma grande variedade de exemplares, muito cosmopolita. Sobretudo, gabava-se de conhecer muito o marido. Esperava-o, esperou-o oito dias, e elle não voltava.

A baroneza do Rabaçal mandou chamar o irmão, — que fosse quando lá não estivesse o marido, ao meio dia — muita desgraça que lhe contar.

Custodia estava atribulada; o marido entrára em casa endiabrado contra o cunhado; que o ia separar da irmã. Contou que o Trigueiros deixára de todo a mulher por causa do Macario, que reduzira toda a sua fortuna a letras e que sahia de Portugal; que a Paschoela ficava só com os seus farrapos e joias; e que depois o dote da sua desgraçada mana é que havia de pagar as favas; mas que elle havia de vêr se a irmã se cosia com tudo, e o deixava a elle, segundo o calão brazileiro, *sem herva.* A baroneza replicou que era mal feito reduzir seu irmão á neces-

sidade, tendo casado com quem casou, porque era pobre — allusão picante á criada do abbade. O barão deu-lhe uma bofetada como exordio de outras que a intervenção propicia de Eusebio Macario impedira. Custodia descompoz o José; chamou-lhe a vergonha da familia, que havia de acabar a tocar o fado nas tabernas, se o marido conseguisse deixal-o sem um pataco. Macario foi consultar um jurisconsulto que o socegou, em nome da lei. Elle, que não casára com escriptura, tinha communhão nos bens dotaes, e havia de levantar-se com metade do casal, não havendo de mais a mais sevicias que o exceptuassem da lei commum.

Entretanto, a Paschoela era procurada por D. Maria de Nazareth, ao escurecer de uma tarde em que vira sahir a parelha, carruagem e arreios tudo vendido ao Lopes por seu marido. Desenganára-se emfim. Estava consternadissima, frenetica, chorava, praguejava, rezava, invocava o patrocinio de Nossa Senhora dos Remedios, e promettia com firme proposito emendar-se, mudar de vida, ser mulher honrada. Se ella tivesse fé, acreditaria que os céos a ouviram, quando a Nazareth se annunciou.

A desgraça humilhou-a. Recebeu com abatida humildade a visita que odiava. A sua voz tinha o tremor cobarde de ré confessa, supplicante. Inclinava a fronte á sentença; renunciava a defeza inutil. Como se sentia esmagada, não fazia esforços para refrear os impetos da sua indole canalha; essa mesma indole a estava favorecendo, privando-a de brios para

sustentar a soberba da sua queda. Maria de Nazareth vinha pedir-lhe que entrasse espontaneamente n'um convento, que era essa a unica maneira de aplacar o desgosto do snr. Trigueiros, e mais tarde alcançar o seu perdão e reconciliarem-se. Que ella, apesar de tudo, conhecia que elle lhe queria muito, e do fundo da alma lhe perdoaria já, se o mundo o não obrigasse a ser severo — a dar uma satisfação á sociedade. Que a sua reclusão temporaria lhe garantia a felicidade no futuro, porque ella era nova, e o snr. Trigueiros bastante idoso; que quando não fizessem as pazes, elle com certeza lhe daria o melhor da sua grande fortuna; mas, que se ella recusasse recolher-se ao convento, arriscava-se a ficar sem recursos, porque o snr. Trigueiros sahia de Portugal, mostrando que não tinha nada de seu.

Paschoela contestou frouxamente a possibilidade de tal usurpação á sua metade nos bens do marido. José Macario já a tinha prevenido da inutilidade da demanda. Nazareth pediu-lhe que não chamasse a lei em seu auxilio porque esse passo aggravaria mais a situação de ambos, forçando o marido a fugir ás questões, e difficultando cada vez mais o congraçarem-se. Elogiou-lhe a alegre vida dos conventos, principalmente quando as recolhidas são ricas; que se divertiam muito as seculares, que iam ás grades receber quem queriam, davam merendas e chás, tocavam e dançavam, tinham suas assembléas; e acrescentou:

— Fallo-lhe por experiencia, minha senhora, por-

que eu estive cinco annos no mosteiro de S. Bento, não como secular recolhida, mas como criada de uma religiosa. O meu viver era triste, porque tinha nascido em melhor posição, e soffria as impaciencias alheias e as minhas; mas vi que senhoras ricas ou remediadas viviam muito satisfeitas, e, quando sahiam, levavam saudades. É o que ha de acontecer-lhe, verá, snr.ª D. Paschoela. Quando o snr. Trigueiros — e não tardará muito — a quizer tirar do convento, bem póde ser que a senhora não queira sahir.

A Paschoela contava com a bondade do marido tanto como a Nazareth. Disse que sim, que iria para o convento, mas que havia de levar as suas joias e a sua preta. A outra disse-lhe com um sorriso de ingenua admiração que o snr. Trigueiros era indifferente ás joias; que nunca o ouvira fallar nas joias nem na preta. A Nazareth espantou-se da estouvanice de uma mulher que em tamanho revés da sua vida se preoccupava com as joias e com a negra; e não se espantára menos quando o Trigueiros, n'aquelle dia, depois de chorar copiosamente o seu infortunio, e amaldiçoar a riqueza que lhe não servia de nada, mandou chamar o Lopes alquilador para lhe comprar a parelha e a sege. Achava entre os dous esposos analogias que explicavam a attracção e repulsão reciproca em que tinham levado a vida cheia de perfidias e indignidades.

A Nazareth consultára o seu marido para aquella visita com tal intuito bemfazejo. Trigueiros não a

encarregára de semelhante missão, e até rejeitou o alvitre proposto por Motta Prego. — Que não, que não lhe dava um vintem, ainda que a visse arreganhar os dentes com fome. E, vociferada esta figura, em que elle tambem arreganhava os dentes para afear a imagem, punha-se a chorar por ella com uns tregeitos quasi tão hediondos como os imaginados na esposa faminta. O Motta Prego definia-o sempre em sua consciencia uma desgraçada besta. A Nazareth continuava a chamar-lhe um enfermo digno de dó.

Authorisada pelo marido, a boa senhora foi propôr-lhe o convento cuidando que a salvava do ultimo abysmo, porque o marido lhe dissera que a Paschoela desceria á escaleira final das perdidas quando lhe faltasse o prestigio da belleza. Os recursos para o convento suppril-os-hia o Motta Prego, conforme ella os reclamasse; e, dado este passo, esperava que o Trigueiros o embolsasse das despezas e as continuasse satisfactoriamente. Bem é de vêr que o marido de Nazareth, brazileiro de profissão, não se punha agora a cultivar na estufa d'um mosteiro aquella flôr do mal, só pelo prazer de a roubar ás jarras dos futuros prostibulos. Se o Trigueiros, para cumulo de infortunio, fosse tambem pobre, o Motta Prego vasaria no regaço de Paschoela a sua alma cheia de bons conselhos, mas não poria o seu porte-monnaie á disposição da virtude regeneratriz. Isto é o que o bom criterio manda conjecturar com resalva das excellentes intenções de D. Maria de Nazareth. Segundo o

convencionalismo dos processos modernos estas percepções deixam-se a quem lê; mas d'esta vez, sem exemplo, ajuda-se o leitor a perceber, — sim, isto não é a subjectividade, a interpretação imposta: é simplesmente um modo de vêr o tecido grosseiro dos lindos *gobelins,* examinados do envés.

IX

Paschoela entrou no convento de Santa Clara, no Porto, com as joias e a preta, muitos bahús, malas, caixões de licôres e mobilia. Scenas de amor vertiginosas precederam a entrada, que por pouco não mallograram os esforços da Nazareth. José Macario pedia-lhe que não entrasse; que esperasse algum tempo que elle se separasse da *outra* com metade do dote, e depois sahiriam para o estrangeiro, ou ficariam no Porto, alli ás barbas d'aquelles cafres. Ella duvidava que a fortuna do Macario lhe permittisse affrontar pomposamente as barbas dos cafres. O Fistula affirmava-lhe que a sua metade passaria de quinze contos, e Paschoela, sem o dizer, lembrava-se com admiravel bom senso que quinze contos tinha ella

gasto em cinco annos nas ourivesarias e nas modistas. Dizia-lhe Macario, adivinhando-lhe as hesitações, que iriam viver modestamente, embebidos na natureza, em uma casinha branca entre arvoredos á beira d'um rio. A sua paixão puzera-lhe no espirito esta tolice — o ideal mais ridiculo que elle tinha encontrado nas novellas chinfrins e nos amantes garraios. E a Paschoela sorria tristemente. Ella tinha rido muito e mais elle das casinhas brancas e da alimentação dos vegetaes e lacticinios, quando comiam os pasteis de ostras na maior apojadura do seu idyllio apaixonado.

Este dialogo epistolar retardou a entrada; mas a Nazareth instava, incutia-lhe o medo da sahida do marido irritado, rogava-lhe que não destruisse o seu futuro, e delicadamente fazia resvalar a conversação quando a outra, esquecida das conveniencias, alardeava a protecção de José Macario. Até que, por ultimo, a melindrosa senhora, com vergonha, se viu forçada a replicar-lhe que se D. Felicia pudesse fazer o que fez o snr. Trigueiros á sua fortuna, o tal Macario ficaria tão necessitado de recursos como ella. Isto calou-lhe, esfriou-a até ás medullas. Deu-se pressa em encaixotar a despensa, a garrafeira, um grande cuidado com as joias, com os cartões dos bucles postiços, e entrou em Santa Clara.

O conego triumphára, sem transpôr os limites

do decóro. Elle, sem dar raia na religião do Estado, tinha restabelecido a honra d'um marido diffamado — avisára-o; abrira as portas sagradas do mosteiro á regeneração claustral d'uma mundana; arrancára aos braços de Macario a sua querida devassa e cumplice; emfim puzera na evidencia a justiça de Felicia em se desquitar do algoz de duas familias. O conego Velloso dizia-lhe, a sorrir, muito velhaco, — que sim e mais que tambem. Elle, muito sisudo, não fez alardo da sua obra a Felicia: era arriscar-se á gloria de denunciante anonymo; — nada de basofias jactanciosas; aquella boa acção da sua mão direita quereria elle escondel-a evangelicamente da esquerda. A esposa trahida é que lhe participou que o mano barão mandára dizer que o Trigueiros deixára a mulher por causa de José Macario; e que o seu mano ia tratar da separação, quanto antes, com medo que elle se safasse e mais a Paschoela com os dinheiros.

O Fistula não impugnava o divorcio; desejava-o, promovia-o ardentemente desde que o seu advogado lhe certificou que os titulos da fortuna commum dos conjuges não podiam ser retidos nem levantados pela esposa queixosa: o que elle queria era a sua metade, e sacudir a carga da mulher que aborrecia de morte.

Quanto a Paschoela, essa, desde que entrou no convento de Santa Clara, cahiu de xofre, do alto das esperanças que a Nazareth lhe incutira, a um tenebroso arrependimento. O mosteiro era muito triste, muito velho, os soalhos esburacados, nos viga-

mentos havia orgãos que sibilavam tragicamente, as freiras fanhosas com muito rapé nos rebordos do nariz, umas serêsmas, muito flatulentas, a darem arrôtos pelos dormitorios, e a olharem para ella espavoridas. As seculares eram abeatadas, umas pobretonas, fallavam muito baixinho, á surdina, arrastavam chinelos de liga, ouviam duas missas, e passavam as tardes na grade com uns parentes, typos safados que comiam manjares de Santa Clara. Não achava viva alma com quem se entendesse. Havia lá duas da sua especie peccadora; mas essas esquivavam-se a relacionarem-se; estavam em via de regeneração; não queriam cavacos com a Trigueiros. Cá de fóra iam informações pessimas da recolhida. O capellão chamava-lhe Lucrecia Borgia, e um doutor em canones, irmão da escrivã, affirmava que ella era a Messalina moderna. As religiosas antigas, na cella da prioreza, diziam que o bispo do Porto mettia em Santa Clara creaturas estragadas que deviam ir para o Ferro, ou para as Convertidas. Tal era a sociedade de Paschoela Trigueiros.

A preta não cessava de chorar; — que queria ir para o Brazil, que as moças das freiras andavam sempre a espirrar-lhe, e que, se a viam vir da portaria com alguma franga, punham-se a cantar:

Quem tem carapinha
Não come gallinha.

A ama pedia-lhe que a não deixasse; dava-lhe

muita cousa de vestir, tratava-a com muita intimidade, e nunca mais lhe bateu com um chicote, conforme o habito que trouxera do Rio e conservára disciplinarmente no Porto.

As cartas de Paschoela a José Macario, diarias e infinitas, eram o desafogo inefficaz da sua desesperação. Attribuia-lhe a sua desgraça incomparavel, a perdição da sua alegria e da sua fortuna. Dizia que nenhum outro homem a entregaria á vingança dos seus verdugos. Bramia injurias contra a Nazareth; que fôra ella, a intrujona, a mosquinha morta, que a enganára a pintar-lhe muito alegre a vida d'aquelle inferno onde se via presa, abandonada, e onde se mataria brevemente, se a não resgatassem de tamanho tormento. Pedia-lhe que a salvasse, fosse como fosse; que ella bem sabia que podia sahir quando quizesse; que a fizeram assignar um requerimento que ella podia destruir com outro; mas que precisava de amparar-se a um braço amigo que a protegesse, a ella pobre mulher sem experiencia do mundo. Que estava resolvida, se elle não pudesse ser d'ella, visto que era casado, a sahir do convento, vender os seus brilhantes, fugir de Portugal e acabar com a vida,d espedaçal-a com o veneno dos prazeres. E citava textos, sentenças da LELIA da George Sand em abono do seu programma. Tambem escrevia á Nazareth umas cartas commoventes, suppondo que ella as mostraria ao Trigueiros, e que elle, cheio de compaixão, a mandaria sahir. Qualquer dos dous,

o marido ou o amante lhe serviam para o effeito; mas optaria primeiro pelo marido, se a deixassem escolher; e depois na amplitude do seu coração, por ambos, ou mais.

O Trigueiros não queria que se fallasse d'ella; se estava á mesa do Motta e ouvia palavra, allusão que lh'a lembrasse, sentia-se engasgado, e com os dedos nos gorgomilos: — O bocado não me passa d'aqui. — E fazia esforço para engulir, com o tregeito de um perú que grugrureja. Ás vezes, a Nazareth animava-se vencendo a sua reluctancia em patrocinar-lhe a esposa e dizia-lhe:

— Quem sabe se a pobre senhora está sinceramente arrependida!... Talvez esteja... Diz-me o coração que sim... Se visse as cartas que ella me escreve...

— Não quero vêr nada, nada, pela palavra nada! — gritava com vehemencia; e, passados momentos: — Quê diabo terá que dizer ella? — A Nazareth pressurosa dizia que ia trazer-lhe as cartas, que as lêsse de seu vagar. O Trigueiros fugia á tentação diabolica de as lêr, e mettia-se no seu quarto a contemplar o retrato de Paschoela daguerreotypado em Paris, muito bonita, de caracoes, decotada, com um sulco de sombra entre as duas pomas, e um ramilhete de violetas. Em noites muito frias, envolto na capa, com um cachenez e as orelhas abafadas n'um barrete de retroz, Trigueiros ia encostar-se á esquina da casa do Teixeira Pinto, defronte do convento de

Santa Clara, e mergulhava os olhos nos dous andares de janellas gradeadas que alvejavam escassamente d'entre a escuridão. Ás vezes lampejava uma luz azulàda como a flamma do santelmo através d'uma vidraça; depois uma coruja piava nas ruinas do mirante; michelas cantando fados alli perto ouviam-se, e estudantes magros, friorentos, com chales-mantas encodeados zangarreando banzas, sahiam dos lupanares, entoando trovas obscenas. Patrulhas passavam vagarosas como os avejões d'uma ballada, chupando cigarros, encostavam-se ás portas das meretrizes, e trocavam chalaças sordidas; depois continuavam o giro, movendo-se solemnes debaixo do peso da sua missão municipal, até acharem taberna tresnoitada com genebra e figos seccos.

Trigueiros não attendia ás cousas picarescas que se moviam no seio negro d'aquellas noites de saudade, de desolação. Ia para casa, para o leito solitario. O amor e a vergonha, cada cousa de seu lado, a espancar-lhe o somno, davam-lhe vigilias acerbas.

Desistira de sahir do reino; dizia que estava muito doente, que não se tinha nas pernas. A medicina aconselhava-lhe distracções, longos passeios campestres e pilulas de familia. Continuou as obras interrompidas de Rio Tinto, demorava-se dias por lá, entretinha-se com os operarios; o mestre d'obras, o Casca da Rechousa era seu parente; tinham andado ambos na escóla do José dos Grêlos, recordavam garotices, riam-se. O jantar vinha-lhe de casa do mestre; cozi-

nhava-lh'o a filha, uma rapariga de saias côr de rosa, apanhadas até ás buxas das pernas, com um garbo esquadrilhado de maiata, feições duras, trigueira, muito pestanuda, dentes sem macula, e um riso aberto para a natureza inteira com a sua alegria exuberante dos vinte annos. O Trigueiros chamava-lhe parenta e dava-lhe dous pintos para alfinetes quando ella lhe cozinhava nabos com orelheira e arroz de bacalhau. O Motta Prego achava-o com melhor donaire, melhores côres, quando voltava, mais conformidade com a sua sorte, menos irritavel quando ouvia fallar de Paschoela á Nazareth compadecida das lastimas da reclusa.

A Nazareth dizia que o achava mais brando; e o Motta Prego, dado a chistes, emendava que o achava mais duro; que se elle assim continuasse a abrandar com os passeios e pilulas de familia, deveria esperar-se que os laxantes o limpassem das lombrigas da saudade.

O Motta acompanhou-o, um dia, a Rio Tinto; e, quando viu a rica mocetona, e lhe viu na cara d'elle um riso babado, alvar, comprehendeu que elle se curava á brazileira, homœopathicamente: *as semelhantes com as semelhantes.* Quanto ás dóses, não calculou nada. N'uma entreaberta de gracejo, gabou-lhe de bonita e bem feita a prima; e o Trigueiros, muito circumspecto, ponderou que, se tivesse casado assim com uma moça da aldêa, havia de ser bem mais afortunado; que a Luiza Casca era uma rapariga

muito bem comportada, que não tinha rabichos [1], que se desvelava por elle e que já lhe tinha dito que o seu primo era digno de melhor sorte.

Na primavera, o Trigueiros foi habitar a sua casa em Rio Tinto, promettendo voltar ao Porto raras vezes. Pagou todas as mezadas que o Motta enviára á Paschoela; authorisou quaesquer despezas necessarias, tudo quanto quizessem, menos reconciliar-se com a mulher. — Que se tinha apegado com a alma de sua mãi, uma santa, que o curasse d'aquella paixão; e que estava curado, graças ao Altissimo. — E olhava com uma grande compostura devota para o firmamento, pondo as mãos muito abertas em fórma de mitra.

Semanas arrastaram-se sem que a Paschoela transigisse pacientemente com o seu violento destino; mas ao mesmo tempo que o marido ganhava forças em Rio Tinto, preluzia-lhe a ella no convento uma estrella de salvação. As visitas de José Macario á grade eram diarias. Elle tinha rompido com as conveniencias. Vivia no hotel da Aguia, e esperava a sentença final do divorcio e metade dos trinta contos liquidados em papeis do Estado. O barão chicanára a repartição dos

[1] No argot brazileiro *rabichos* são *affeições*. Um homem que se affeiçôa, enrabicha-se. Nota para philologos vernaculos, puristas, castiços.

*

bens; mas a poderosa opinião publica improperava-lhe que elle tivesse dotado uma irmã abarregada com um padre para a casar com o irmão de sua mulher, e viesse agora ratinhar o preço por que comprára a infamia de José Macario. Os seus amigos, o discreto Aguiar e o judicioso barão de S. Torquato admoestaram-no a retirar chicanas desairosas que davam azo a fallar-se de sua irmã com pouco elogio; e que de mais a mais toda a gente sabia que o conego Justino era esse abbade que — *tal et cætera,* concluia o commendador Aguiar formando reticencias com as expectorações cavernosas d'um pigarro chronico. Mas depois, a sós com o barão de S. Torquato, dizia-lhe:

— Vossê percebeu o meu *tal et cætera?*

Que não.

— Não? então vossê não sabe meia missa. Eu estou informado pela minha policia secreta que o conego Justino já vai de noite a casa da D. Felicia.

— Homem, essa!

— Pois vossê que cuidava, barão? Quando eu lhe disser que a burra que é preta olhe-lhe para o cabello. Eu não lh'o dizia que entre o Macario e a Felicia que viesse o diabo e escolhesse? Isto é tudo uma corja. Tão bom é o diabo como sua mãi. E lá vai uma prophecia: a baroneza, se o marido lhe tirar o olho de cima, dá com as canastras n'agua. Por ora vai indo tem-te não cáias, porque o barão, quando ella se entorta d'uma banda, desanda-lhe uma bo-

fetada da outra; percebe vossê? Mas, se se descuida, assevero-lhe que a Custodia ha de pagar bem bom burro ao dizimo. Lembre-se que lh'o digo hoje, 10 d'abril de 1852, aqui na Praça Nova, ás 3 horas e 25 minutos da tarde.

E mostrava o relogio.

X

Nazareth recebeu a ultima carta intimativa de Paschoela: que se o marido a não retirava no prazo de quarenta e oito horas do convento, sahia ella sem consentimento d'esse algoz.

Trigueiros leu estas linhas, enviadas por Motta Prego que impediu que Nazareth fosse a Santa Clara conter a douda; não queria que sua mulher tivesse de esperar que José Macario sahisse da grade. Trigueiros respondeu serenamente pelo portador:

Amigo Motta.— Se ella sahir, nem mais um pataco, o que se chama um pataco, o amigo entende? Quem der-lhe dinheiro perde elle. Tenho tudo seguro; que me custou a ganhar. Se ella vier em minha casa não abro-lhe a porta á essa bandalheira!!!!!

— Elle mesmo está muito admirado de não lhe abrir a porta — observou o Motta a sorrir.

— Porquê? — disse a consternada senhora.

— Não vês? pôz cinco pontos de admiração. Cinco!

D. Maria escreveu-lhe muitas exhortações de paciencia: que esperasse algum tempo, que tivesse compaixão de si propria. Que destino havia de ser o seu? Se não estava contente n'aquelle mosteiro, que iria para S. Bento, onde acharia exacta a pintura que lhe fizera, muitas senhoras divertidas, a casa muito aceada, uma rua de muita passagem, em fim, que mudasse; ella se encarregava de obter as licenças para a mudança. Ultimamente, sentia muito communicar-lhe que o senhor seu esposo, sahindo ella do convento, lhe retirava as mezadas; porém, se tal acontecesse, o que Deus não permittisse, podia contar com a sua estima, dando-lhe o prazer de a occupar em tudo e por tudo.

Não replicou a Paschoela. Mandou a carta ao José Macario que exultou. Era em fim sua, exclusivamente sua, aquella adoravel martyr do seu amor! Era elle o redemptor da mulher amada. E que mulher! Elle tinha quinze contos em soberanos, em notas do banco de Portugal e em peças. Levantára-os n'aquella manhã; ganhára aquelle dinheiro barato, ao mesmo tempo que se descartava para todo sempre da bisca da Felicia. Achava-se assim mais honrado diante da sua consciencia, no tribunal da opinião publica, e, por cima de tudo, com quinze contos.

Eusebio Macario interrompera o ditoso monologo. Sabia que o filho recebera a sua parte. Vinha propôr-lhe um negocio muito vantajoso, e ao mesmo tempo obstar ao esbanjamento dos quinze contos. Eusebio era então, na roda dos homens serios, considerado bastante como sogro do barão do Rabaçal, e não menos pela sua pessoa. Ouviam-no com attenção no *Palheiro* da Assembléa de que elle era director, sobre assumptos politicos, municipaes, industriaes e hygienicos. Com os dedos carregados de meio-grosso, punha nos seus dizeres uns tons conspicuos de muito effeito. Citava muito o MANUAL ENCYCLOPEDICO, o seu grande author. Escutava os seus interlocutores com o lenço aberto, suspenso debaixo do nariz, enconchando o beiço superior herpetico, gretado pela nicotina, para estancar as distillações do muco ammoniacal. Depois recolhidas as idéas alheias, com uma grande attenção, assoava-se trombeteando, expunha as suas réplicas e escorvava de novo os dedos. Além de director da Assembléa, era definidor da Celestial Ordem Terceira da Santissima Trindade, vogal do Asylo das raparigas abandonadas, syndico da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco e mordomo do Hospital dos entrevados. Dinheiros não os tinha. Possuia uma poucas acções da Fidelidade que lhe déra o genro em dia de annos; o José, o filho ingrato, nunca lhe déra chêta; a Custodia, ainda que quizesse, não dispunha de fundos, além dos precisos para as despezas mensaes. Ora Eusebio Macario, com quanto bem vestido, bem alimentado e

estimado, não podia realisar o seu sonho sem representar uma qualquer propriedade de commercio ou industria: elle ambicionava ardentemente entrar na Camara municipal; todas as suas praticas sobre pelouros, impostos, posturas, policia, melhoramentos moraes e materiaes convergiam para esse alvo luminoso das suas aspirações. No *Palheiro,* o seu claro auditorio dizia-lhe: — Vossa senhoria dava um bom camarista. Veja se entra para endireitar o Porto. — Estes gabos sinceros recrudesciam-lhe a ancia de endireitar o Porto; mas não podia apresentar-se aos eleitores como simples Eusebio Macario, orador do *Palheiro* e mordomo dos Entrevados.

N'esse tempo estabelecia-se em Lordello uma fabrica de panos. O fundador procurava um socio capitalista com dez contos, e garantia segurissimos e prosperrimos resultados. Fallou-se d'isto na Assembléa, quando José Macario estava a ponto de receber os quinze contos da Felicia. Eusebio lembrou-se de fundar os alicerces da sua posição de industrial com o dinheiro do filho. Procurou-o na Aguia quando elle começava a espanar as malas para acommodar a bagagem.

— Com que então recebeste hoje os quinze, hein? — perguntou-lhe risonho, participante do seu triumpho.

— Recebi; — é o que faltava, não receber. Deshonrado e pobre, era de mais.

— Anda lá, quinze contos... Pechincha. E agora que fazes a esse dinheirame?

— Gasto-o; creio que o dinheiro não tem outra serventia.

— Gástal-o? Deves pôl-o a render, rapaz: — redarguiu o Eusebio com mansidão velhaca.

Que não pensava n'isso.

— Penso eu, que sou teu pai, e tenho obrigação de te aconselhar.

— Perde o seu tempo. Eu vou viajar, detesto o Porto.

— Não sejas asno, José. Põe o teu dinheiro a juro, e depois vai para onde queiras comer-lhe o rendimento. Offerece-se um bom negocio. Dez contos a oito por cento. Tomo-t'os eu, e ficamos socios da fabrica de panos de Lordello.

— Não quero saber de fabricas, nem posso emprestar dinheiro. Vou para França ou para Inglaterra. Não volto mais a esta cavalhariça de Portugal.

— Então, não emprestas a teu pai dez contos? — reguingou Eusebio com a voz tremula, declamatoria, postura theatral, com a pitada suspensa, sob o nariz rubro de cólera. — A teu pai que foi quem te arranjou esse capital? quem te arranjou a mulher?

E o Fistula com desabrimento:

— Arranjou-me boa peça, não tem duvida.

Eusebio irado:

— Bem sei, mariola! Queres gastar o dinheiro da Felicia com a porca da Paschoela!

— Acertou. É isso mesmo. Que lhe importa? que tem com a minha vida? — redarguiu o Fistula com altivo desdem.

— Não te faças fino que te dou com esta bengala! — refilou Eusebio minacissimo com um grande estilicidio de rapé, assoando-se á pressa, resolvido a bater.

E o filho, cruzando os braços:

— Em filhos da minha idade não se bate, ouviu? Quando os paes se esquecem da idade dos filhos, os filhos tambem se não lembram se são os paes que lhes batem.

— Sempre duvidei... que fosses... meu filho! — vozeou Eusebio, recuando com umas pausas cavas, cheias de drama e de maldições — Sempre duvidei!

— Não posso esclarecel-o a esse respeito, nem me interesso muito em averigual-o. — E começou a vestir-se para sahir, a escovar o paletó, a fechar gavetas.

Eusebio fitou-o sinistramente; ia-lhe na alma um torvelinho de cousas dilacerantes; não podia conjecturar-se quaes vocabulos frementes de execrando anathema ia dardejar por derradeiro sobre a cabeça amaldiçoada do filho; seria até muito obvio antes suppôr que a maldição fosse um sarilho de bengaladas, quando após dous rugidos convulsos de cólera, por entre um ringir de dentes, vociferou: — Pedaço de ladrão! — E sahiu.

Eusebio Macario considerava-se roubado na quantia de 10 contos e na predestinação de camarista.

Na ausencia do pai, José Macario continuou a vestir-se n'um grande esmero de toilette e foi para Santa Clara, muito jubiloso, com attitudes modestas

de anjo redemptor da martyr. Ella vestira-se de gala para arreliar as freiras e as farraponas das seculares, escandalisadas da sua alegria; puzera muito carmim e despeitorára-se como se a grade, com um aroma de centenares de extinctas santas, fosse uma succursal do bouquet do Carvalhido ou do pavilhão da Flora.

A preta, rutilante de risos e dentes muito alvos, entrou com a bandeja dos licôres e manjar branco. Calices opalinos dos cremes bebidos de meias e manjares encetados pelos dentes da Paschoela, passavam-se na roda. Ella balouçando-se na velha cadeira de assento de palhinha rota, esfiampada, punha o pé na rexa da grade, calçado de setim preto com meia de sêda côr de perola e fitas cruzadas sobre o tornozêlo descoberto. O Fistula punha-lhe beijos ideaes na macièza da meia, e ella sofraldando a barra do roupão de sêda até á liga, mostrava, dizia morbidamente que tinha emmagrecido muito no convento. E elle, a sacudir a juba leonina em crispações sensuaes, pedia-lhe que escondesse a perna, que o não abrazasse, que o matava.

Depois, planeavam pela vigesima vez o seu itinerario. Iriam ao outro dia no *Duque do Porto* para Lisboa, e de lá para França no primeiro paquete. Iam residir em Paris. Elle, assim que os Cabraes tornassem ao poder, tencionava fazer-se nomear addido á legação portugueza.—Era uma carreira bonita; podia chegar a ministro, a embaixador, e tinha bastantes meios para poder esperar a restau-

ração da Carta. A Paschoela achava a carreira bonita, muito elegante. Lembrava-se, em silencio, do chanceller fardado no baile dado á Rainha; muito galante, a cintura muito fina. Perguntava o que faria o capadocio quando soubesse que ella se escapulira do convento? O capadocio era o marido. Apostava que elle rebentava de raiva e de paixão por ella. O Macario affirmava que sim, que rebentava. Tocou a sineta a sahir. Despediram-se muito contentes. Era a ultima grade que ella lhe dava, e dizia-lhe: — Ámánhã ti dou, meu Juca, a grade di meus braços. — Era escuro no recinto do palratorio; já não se viam; e, á despedida, boquejavam idealmente muito chilreados uns beijos aromatisados de chartreuse.

O *Duque do Porto* sahira ás 3 da tarde. A Trigueiros entrára a bordo pelo braço de José Macario, muito radiosa, n'uma desenvoltura de actriz bohemia, fallando francez, enchendo o peito do ar salino do mar e farejando com appetite os perfumes do jantar. O Fistula escondia o ferro de uma visão que o assaltára ao entrar no bote. Vira em Cima do Muro, encostado ao parapeito, o conego Justino, a olhar para elle com um riso sarcastico, uma cerebrina exultação vingativa. Um seu amigo anonymo tinha-lhe escripto que a sua esposa era visitada a horas pouco canonicas por um conego da Sé que foi abbade d'uma freguezia de Basto. Este aviso af-

frontoso, extemporaneo, resvalou-lhe no arnez da philosophia; mas a cara soez, scelerada do conego indignou-o fortemente.

Ao mesmo tempo, a prioreza e outras freiras entravam nos aposentos da Paschoela muito sujos de lixo e nódoas. Viram caixotes e muitas garrafas vazias com letreiros em rotulos de côres, dourados. Não sabiam lêr, mas cheiravam as vasilhas, e achavam que eram bebidas espirituosas.

E a prioreza, aspirando com delicia uma garrafa de vermout, dizia:

— Vêde vós que grande bebeda aquella!

E a escrivã:

— Bem me disse o mano doutor que ella era a Messalina moderna!

Havia montes de cartas rasgadas, muitas em lingua desconhecida ás freiras, outras com a assignatura *Maria de Nazareth*. Escolheram alguns fragmentos maiores das estrangeiras, e mostraram-os ao capellão que desconfiou serem em francez ou inglez. Levou-os ao Soto, dono d'um collegio á Batalha para que lh'os traduzisse. O interprete declarou que era um francez qualquer a dizer a uma qualquer peccadora que lhe havia de morder os peitos até lhe sorver por elles o coração, como quem sorve os bagos rubros de uma romã, etc. O capellão horrorisou-se e foi dizer á prioreza que as cartas tratavam de deboches. Ai! a santa senhora, no meio de um mundo corrompido, não ignorava a existencia d'aquelle gallicismo. Benzeu-se.

XI

A Nazareth chorou quando o marido lhe deu a noticia da ida de Paschoela com o Macario. Ninguem mais chorou no Porto. A maior parte da gente ria-se. Felicia, quando o conego lhe levou a novidade, depois das 11 da noite, disse palavras de resignação: Que o leve o diabo! — Trigueiros, quando um amigo certo se lhe apresentou na hora incerta, contando o escandalo, a entrada no *Duque do Porto* pelo braço do amante, estendeu o braço na direcção do mar e exclamou: — Afogados sejam elles! — Phrases augustas que parecem copiadas de uma selecta de ditos celebres.

O barão, sabido o caso, resolveu trazer a irmã para a sua companhia; mas a Custodia, em risco de apanhar, declarou que não vivia com ella; que

mais facil seria fugir, mudar de nome e ir ser criada de servir. Vinham-lhe da raça estas decentes e heroicas resoluções. O marido exigia imperiosamente a explicação d'este rancor. Com que razão odiava ella a pobre mulher que seu irmão enchera de maus tratos e desprezos? Que a esposa de José Macario era uma casada exemplar...

A baroneza sorria-se, e o Eusebio Macario que estivera calado, provido de razão e rapé, disse:

— Ora vamos lá, vamos lá, senhor barão. O José não era bom; mas ella tambem não era melhor — e queira perdoar, se n'isto offendo a sua pessoa. Aqui que ninguem nos ouve: a senhora sua irmã tem feito asneiras que farte.

— Quê qual! — interrompeu o barão com os olhos accêsos em faulhas da sua dignidade muito combustivel.

E o Macario, solemne, pitadeando, no seu intemerato aprumo oratorio —, que o José era um rapaz de vinte e cinco annos, na flôr da mocidade; a Felicia devia roçar pelos seus quarenta e tantos bons, porque havia de andar nos vinte e tantos quando veio de Barrozo para Basto. Já podia ter juizo, a fallar a verdade, já podia ter assento, e deixar-se de arolas com homens. — E batendo no peito: — Eusebio Macario o que tem aqui é para o dizer. Minha filha, se não quer contratos com a Felicia, é porque é honrada, de cujo eu muito a louvo.

O barão ficou attonito, muito abalado. O transporte final do sôgro, com o braço estendido para a filha

immaculada, confundiu-o, chamou-o á comprehensão da honestidade de Custodia. Exigiu que lhe fallassem com clareza. Quem era o tal homem? Como se chamava o homem? Que lhe dissessem o nome do homem! — Eusebio olhava para a filha e ella para o pai; o barão insistia, começava a suspeitar que lhe calumniassem a irmã. — Que desembuchassem, com dez milhões de diabos! — O sôgro então, vencida a reluctancia, expectorou:

— É o abbade, é o abbade; o barão bem sabe que elle está conego no Porto. Ahi tem o que é. Uma indecencia d'ella a mais d'elle, cuja...

O barão não deixou arredondar, fechar-se o pensamento austero do sôgro. Faiscas de cólera coriscavam-lhe nos olhos circumvagos em cata d'uma bengala forte que trouxera de Petropolis. Queria bater na mana e no conego, moêl-os, muitá pancada.

A esposa, muito ordeira — que não lhes batesse; que não remediava nada, porque eram amores velhos; e que havia fallatorio, escandalo — não valia a pena. O pai apoiava: que sim, que uma familia respeitavel não podia andar em desordens á conta do mulherio; que as pessoas de bem, fulano, sicrano, etc., não faziam caso das irmãs mal comportadas, e citava tantos exemplos que o genro desistiu da bengala e limitou-se a transpirar explosindo a sua vergonha iracunda em assôpros que fumegavam. Além dos argumentos sociaes, dera-se o caso de Eusebio ter contado ao barão façanhas do abbade de S. Thiago. — Que elle com um vergueiro nas unhas

*

era um barra, da pelle do diabo; que uma noite, mascarado, varrêra um arraial na Senhora dos Remedios, e que nas eleições de 45 déra em sete eleitores como se fossem um só homem. — O barão não se julgava certamente mais invulneravel que os lobos das alturas de Barrozo. Elle, no secreto da sua consciencia, receava que o conego lhe batesse — palpitava-lhe isso. Quanto á irmã, mandou dizer-lhe que nunca mais lhe puzesse o pé em casa, nem dissesse que era sua irmã; que a esborrachava se ella lhe subisse a escada — que era a vergonha da sua cara.

O conego Justino leu a carta com uma grande pacatez retrincada, e disse: — O corpo de teu irmão está-lhe a pedir cana da India. — A Felicia dizia que eram intrigas da Custodia, e que não se salvava se não se vingasse d'ella. Contava o que lhe tinha soffrido em Lisboa; desprezos, remoques e escarneos diante de gente; que a cunhada não queria andar com ella; que ia para os bailes com José Macario, e que a deixavam sósinha no quarto do hotel Central, a olhar para o Tejo, a chorar com saudade da sua vida passada com o seu Justino. Então o conego, com uma explosão de ternura: — Pobre Felicia, minha adorada Felicia! — e aconchegava-a do peito, muito amimada, entre chorosa e risonha. Quanto a vingar-se, dizia-lhe muito sarcastico: —Não te ha de faltar occasião, deixa estar, que eu trago-os debaixo d'olho; a Custodinha da botica tem mau diabo á perna; ella não sabe com quem se metteu.

Não se ageitavam, porém, á espionagem do conego vingador as cousas domesticas do barão. Havia paz honrada na familia; os creditos da baroneza intactos; janotas audazes, de projectos perversos, soffriam desfeitas; e ella, d'uma nutrição dura e sã, estava cada vez melhor; os espartilhos do collete impavam premidos pela turgidez dos peitos; alaranjavam-se-lhe as faces na fadiga do passeio; tinha uns arquejos de gansa amorosa, um pisar peneirado com balouços de quadris e muito arranque. Quando sahia da missa dos Congregados para o jardim de S. Lazaro, com um grande rugido de gorgorões caros, muito estrellada de joias rutilantes, pela rua de Santo Antonio acima, os janotas, agrupados ás portas das luveiras, descobriam-se, curveteavam cortezias: «Senhora baroneza, criado de vossa excellencia; senhora baroneza, minha senhora», e depois, remirando-a pelas costas, diziam obscenidades inferidas das curvas sensuaes. O barão, além da experiencia interna, recebia do exterior, pelos jornaes, noticias, esclarecimentos a respeito da mulher. O *Periodico dos Pobres,* a cada passo: a *virtuosa* e *formosa* exc.^ma^ baroneza do Rabaçal; a *caritativa* e *virtuosa* esposa do exc.^mo^ barão do Rabaçal. O Eusebio dizia-lhe: «Regala-se-me o coração quando vejo que chamam a minha filha virtuosa em letra redonda; — e, com o seu bom habito das comparações, apontava

as senhoras a quem os jornaes chamavam formosas, elegantes, philanthropicas, mas, a respeito de *virtuosas,* pois não chamaste! — e dizia que a imprensa era uma grande instituição de Moral, idéa d'elle, muito repetida, e que talvez seja do MANUAL ENCYCLOPEDICO.

A baroneza, muito applicada na sua paixão pelo piano, conseguira, em dous annos, tocar com muita robustez e furor incorrecto, trechos da *Lucia,* de *I duo Foscari* e do *Nabuco*. Frequentava a Philarmonica assiduamente, prestava uma attenção muito lisonjeira aos musicos curiosos d'aquella assembléa, applaudia com palmas sonoras ambos os sexos, muito enthusiasmada. As senhoras Lacerdas, umas meninas anemicas, muito engoiadas, imagens vivas de noivados no sepulchro, diziam que a baroneza, quando batia as palmas, parecia uma lavadeira de S. Mamede a bater a roupa no lavadouro — uma matraca.

O barão inopinadamente fez-se philarmonico. Descobriram-lhe que elle tinha voz de basso profundo, um dia, que se pôz a cantar uma aria do *Nabuco,* quando a baroneza tocava. Descobrira isto o Motta Prego — aquelle desfrutador, e foi applaudido por Eusebio Macario — que sim, que tinha voz de basso profundo. D'ahi por diante berrava todas as noites a aria do *Nabuco,* soletrava os versos do libretto com auxilio do sôgro, e convidava amigos para o ouvirem. O commendador Aguiar achava-o um barytono muito regular, e dizia á orelha do ba-

rão de S. Torquato que o seu desgraçado amigo, se não estava doudo, era um asno acabado.

O salão dos Rabaçaes principiava a ser muito concorrido de amadores: via-se o Felix Borges de Medeiros, grande baritono, Joaquim Mendonça e o doutor Basilio Alberto, ambos notaveis bassos, Gonçalves excellente tenor, os Mirandas instrumentistas distinctos, o doutor Domingos Pinto de Faria violencellista extremado, o portentoso Francisco Eduardo, o pequeno Arthur Napoleão com seu pai, estimado professor, as contoras mais famigeradas da Philarmonica, a snr.ª Ribas e a snr.ª Calainhos bastante afinada.

Da companhia lyrica, a Giordani, o Bisaccia, um tenor deploravel, o Segri e o Bartolucci, que cantava arias do *Rigoletto*, e se offereceu ao barão para o leccionar no canto, depois de o ouvir particularmente, mais pasmado que condoído da audacia do homem.

A baroneza admirára-o muito no theatro na parte de *Rigoletto*. A tragedia do infeliz histrião do duque de Mantua commoveu-a até umas profundidades novas e nuncas exploradas na sua natureza. O Bartolucci, um sujeito bem apessoado; muito apresentavel, com reputação de conde pobre — que renunciára a corôa ao pisar o palco — entrára-lhe no coração incauto de envolta com as sentimentalidades do libretto do Gandra, que Eusebio Macario ia communicando ao ouvido da filha. Quando o viu, sem a carcunda truanêsca, na sua sala, de casaca e luva

branca, com o habito de S. Mauricio e o donaire gentil de cortezão, fez-se-lhe no espirito uma claridade subita como o de uma lanterna de furta-fogo que fulgura imprevista, instantaneamente n'um recinto de treva.

Era o amor que nascia d'uma alma inconsciente da sua prenhez. Era a Custodia abolida, desabada do seu pedestal de virtude. Elle dirigiu-se a ella, curvado fidalgamente, com os sapatos de polimento juntos, ambos os braços pendentes, e o chapéo de pasta em uma das mãos. Fallou-lhe em francez; ella, muito encarnada, não o percebia; disse-lhe que não fallava francez; e elle, mudando de lingua para varias linguas, disse-lhe que *mucho piacere comprimentarla eccellenza, signora baronessa* — o que ella percebeu e agradeceu com muitos balouços de cabeça, sorrisos canhestros e derengues de cintura. O italiano cantou, muito festejado; sentia-se-lhe o que quer que fosse no timbre gemente da voz. Procurava-a, entre as demais, com uma ternura petulante, pasmava-se a contemplar-lhe o collo esculptural, e baixava os olhos com humildade seraphica se ella, n'um relance de vista, o surprendia lisonjeada d'esses extasis.

Desde o dia seguinte o barytono deu-se ao estudo da lingua portugueza com o Alba, o velho emprezario que sabia linguagem portugueza sufficiente para um namôro em que se dispensasse um grande despendio de rhetorica e de syntaxe. Ao cabo de oito dias, Bartolucci fallava a lingua lusitana tão corre-

ctamente como os traductores portuguezes das novellas francezas, com a vantagem de adocicar pela pronuncia italiana os gallicismos que os outros azedavam com as desinencias fanhosas d'aquelle appendice ingrato á senhora princeza Rattazzi.

Soirées cantantes regularisaram-se ás segundas-feiras em casa dos Rabaçaes. Bartolucci em todas as noites feriadas concorria; um dia por outro, ia disciplinar a voz selvagem do barão, abemolando-lhe as notas, ensinando-lhe artificios da garganta com uma paciencia só comparavel á indocilidade do discipulo. O barão trovoava alguns trinados, *ad libitum,* que só tinham da voz humana o que ella tem de mais pavoroso. As notas ululadas rolavam repercutidas nos espaços aereos do palacete sonoro, e chegavam farfalhando em catadupas ao pateo. Transeuntes quedavam-se espantados e suspeitavam que houvesse doudo na casa.

A baroneza assistia áquellas orgias glotticas do marido. Um lyrismo macabro.

XII

O amor indiscreto cegára a baroneza e desvairára o barytono. No theatro, entre a frisa 3 e o proscenio, havia correntes magneticas que evidenciavam o namoro da Rabaçal com o Bartolucci. Elle nas arias de amor, se não punha os olhos na batuta, era n'ella. A baroneza, n'esses transportes de paixão, inclinava-se no peitoril da frisa, com muito despejo sentimental, n'um descaramento de ternura. Binoculos dos camarotes e da superior assestavam-se nos dous; havia risos, cochichava-se ao ouvido; senhoras casadas, cheias de virtudes antigas, espreitavam a baroneza, de esguelha, pelos rendilhados dos leques.

O commendador Aguiar já não podia tolerar o escandalo. Amigos communs diziam-lhe: — Vossê

avise o barão, aconselhe o barão, abra os olhos áquella cavalgadura.

O Aguiar procurou-o na Bolsa, levou-o para o adro de S. Francisco, e começou: — Como o outro que diz: amigo que não presta, faca que não corta, que os leve o diabo pouco importa. Barão, eu sou seu amigo, e como tal sou a dizer-lhe que vossê não vai bem com a sua vida. É preciso reformar os seus costumes domesticos. Ha umas tantas cousas que se devem dizer aos amigos. Deixe-se de musica e de musicos, deixe-se de asneiras... E não me interrompa... Bem sei que gosta de musica; tambem eu; mas uma cousa é gostarmos de musica e outra cousa é os musicos gostarem de nossas familias. Faz differença.

— Fámilias, quê?! — interrompeu o barão, com as mãos nas algibeiras das calças que subiam e desciam ventre acima e abaixo, como se désse uma fricção, — um modo exquisito d'elle quando se agoniava. E o outro:

— Ahi está já vossê a esfregar a barriga! Não ferva em pouca agua, barão. Eu não venho armar desordens, venho evital-as; e ouça lá o que lhe digo, que isto é serio: nada de partidas ás segunda-feiras, nada de cantorias em sua casa. Vossê se gosta de cantar, não lh'o levo a mal; cante lá para si, em familia; mas, a fallar-lhe com o coração na bocca, eu achava que vossê devia deixar lá isso das cantilenas aos comicos e a outros sujeitorios da vadiagem que não teem que fazer e andam por ahi com as guelas abertas a

azerem triste figura pelas casas. Vossê está n'uma posição muito séria, é um dos homens mais respeitaveis do Porto, e não lhe vai bem, na sua idade, ter mestre de musica. Cheguei ao ponto, sim, é do barytono que se trata. Dos ruges-ruges se fazem os cascaveis, amigo barão. Por ahi rosna-se. O borra-botas do Bartulucci, quando canta, préga os olhos no seu camarote, e a senhora baroneza tambem préga os olhos n'elle. Isto póde ser innocente da parte de sua senhora, acho que é, porque naturalmente a gente olha para o comediante que está a cantar, mas o comediante é que não deve espetar os olhos atrevidos na cara das senhoras que estão nos camarotes, excepto quando ellas lhe permittem isso e agradecem com olhadellas suspeitas.

— Vossê éstá mal engánádo, amigo Aguiar — atalhou o barão muito pacificamente, risonho. — O barytono tanto olha á ella como á mim, hein? Si vossê não mi conta mais nada, temos convérsado. Qui mais sabe vossê? sómentes isso?

— Sei isto, e não é pouco — respondeu grave, resentido, o Aguiar. — Sei que a melhor sociedade do Porto pensa como eu; mas, se o barão pensa d'outro modo, lá se avenha. Ao frigir dos ovos o veremos. Eu lavo as minhas mãos.

— De maneiras quê — replicou o barão — vossê quer dizer ná sua quê não fréquente a Opera? quê mi dê por cangado, hein? Éstou ná tinta.

— Essa é de rabo, barão! Vossê não me percebe. Mau! o caldo entorna-se...

O Aguiar, encalmado pelo ardor zeloso da honra do seu amigo, suava, impava e sustinha a custo as phrases severas, e os anexins frisantes que nunca o desampararam, já na alta oratoria das eleições bancarias, já no dialogo familiar. Elle sentia vontade de lhe dizer: — Valha-te um burro aos couces. — Mas entrou, de bom rosto, em reflexões, com grandes pausas formalisadas, muito judicioso. Bem conhecia que era um pouco tarde para desfazer a impressão desagradavel, a calumnia; alvitrava expedientes que pelo menos, com boas apparencias, amordaçassem as linguas do mundo. Lembrava ao seu amigo que se lhe ageitava um meio muito decente de ir a Lisboa e demorar-se por lá com a esposa até ao fim da estação theatral; que iria na commissão de directores de Bancos por causa do agio das notas; que assim, nem dava partidas, nem recebia em casa o marmanjo italiano, nem ia ao theatro; e ao mesmo tempo que ficava socegado na honra e na consciencia tapava as boccas do mundo.

O Aguiar muito palavroso estendera estas idéas, sem paragem, com recheio de maximas e anexins. O barão escutava-o com gestos de impaciencia, e quando o outro lhe deu uma vaga, disse depressa:

— Quê árgel vossê faz pára nada, amigo Aguiar!

E desfez-lhe os argumentos com uma ou duas replicas sensatas: que tinha toda a confiança em sua esposa; que tudo quanto o amigo Aguiar dissera não adiantava nada ao que elle já sabia, porque elle bem via que o barytono olhava para o seu camarote, e

estava no seu direito de olhar para onde quizesse. Que finalmente, não se importava com o mundo — que mandava o mundo beber 30 reis.

O Aguiar levantou os hombros repetidas vezes á altura das orelhas e disse:

— Já aqui não está quem fallou, amigo barão, já aqui não está quem fallou. Arranje-se.

Elle não era a excepção dos maridos avisados. A perlenga do Aguiar pouco depois principiou a incommodal-o, como se a sua confiança na esposa deixasse alguma cousa a desejar. Depois, passo a passo, fez-se-lhe no espirito a reminiscencia ingrata dos primeiros bofetões que lhe dera em Lisboa, por causa do baixo. Já o mordiam desconfianças de actos, gestos, bagatellas que até então lhe pareciam innocentes. Sobrevieram hyperboles, as monstruosidades que avultam, examinadas pela lente traiçoeira do ciume. O namoro do barytono já não se lhe apresentava como um phenomeno absurdo, um caso inexplicavel pelas leis da natureza. Elle mesmo, n'um transporte subtil de comprehensão rara, julgava-se capaz de perceber que a mulher correspondesse ao cantor.

A baroneza estranhou-o, muito secco, carrancudo, pouco alimento e nem uma nota de musica, fechado no escriptorio. N'essa manhã devia vir o Bartolucci. O guarda-portão, quando elle entrava: — O senhor barão não recebe; está incommodado.

Custodia, como visse através da vidraça retirar-se o barytono, mandou indagar o que era. O guarda-portão respondeu que eram ordens do senhor. Ella não tinha a briosa coragem das esposas calumniadas. Não tinha isso — não ousou interrogar o marido, sondal-o. Teve medo, e um calafrio, presagio de pancada. Nos seus sustos havia sempre a previsão da catastrophe material, pesada e contundente do murro e da bengala. As dôres da alma eram-lhe incommodidades subalternas, — era a sua physiologia.

O barão sabia que Bartolucci nunca entrára em sua casa estando elle ausente; de noite era impossivel a perfidia. Recolhiam juntos, fechavam-se no seu quarto, e havia um só leito. Fóra de casa, poderia ser. A baroneza algumas vezes sahia a visitar a Maria de Nazareth, e a baroneza de S. Cucufate ou a da Corujeira; mas só agora lhe occorria que as duas baronezas estavam desacreditadas, e qualquer d'ellas seria capaz de proteger o encontro. Atormentava-o a logica infernal do ciume; e elle, implacavel n'um velho proposito de vingar-se da mulher se o trahisse, não queria desabafar por vias de facto antes de ter bem planejada e segura a vingança.

Assistiu ao jantar e comeu melhor que ao almoço. Disfarçou-se quanto pôde respondendo de melhor catadura á mulher e ao sogro. Disse que não recebera o barytono porque estava um pouco encatarrhoado. Depois sahiu e foi por alli abaixo, até Cima do Muro, conversar com os seus velhos correspondentes e amigos Araujo & Filhos, que não vira havia

muito tempo. Precisava distrahir-se, deixar passar aquella nuvem negra que o Aguiar lhe puzera no coração. O Araujo fallou do José Macario, da Paschoela, das patifarias que iam por esse Porto. Que elle estava muito ao facto da vida da Trigueiros com o cunhado do seu amigo, mas não lh'o contára porque seria isso affligil-o sem remediar nada. E então denunciou, muito em segredo, que a sua quintarola do Carvalhido estava arrendada havia cinco annos á baroneza de S. Cucufate, e quem figurava no arrendamento era a mulher d'um brigadas de veteranos que lá vivia para certos fins, arranjos no quarto, abrir e fechar portas, avisos, recadinhos, etc. — que elle barão bem entendia. Não era sem repugnancia que Araujo alugava a casa para taes ameijoadas; mas emfim pagavam-lh'a bem, e elle não podia endireitar a sociedade. — Que se governem, não acha, barão? — perguntava. E o barão: — Pois já se entende; vossê faz seu négocio; mas éstou átérrádo, ámigo Araujo! Eu não cuidava isso da bároneza di Cucufate... — Uma grande bebeda — affirmou Araujo, e disse quem eram os tunantes que a visitavam na quintarola. O cirurgião do Carvalhido, o seu compadre Cruz, era amante da mulher do brigadas, ainda fresca, que tinha sido criada da baroneza. Ella contava-lhe tudo, e o seu compadre contava-lh'o a elle. Particularisou miudezas que a mulher do veterano espreitava e o Cruz cirurgião lhe dissera. Que não tinha noticia de um deboche semelhante; que até pedira ao seu compadre que não contasse aquillo aos seus rapazes. Depois,

acrescentou que a baroneza de Cucufate fôra para Lisboa passar alguns mezes com o barão, e deixára ordem á do veterano para receber a Paschoela Trigueiros como se fosse a propria. Que isso então com a Paschoela e mais o José Macario a pandega é que fôra de foz em fóra! Tocavam banza, cantavam ambos o fado e bebiam como dous ôdres, tal e qual como se estivessem no botiquim do seu visinho Pepino. Que ás vezes a elle Araujo, homem de bem, lhe davam guinas de avisar o Cucufate e o Trigueiros; mas que o mundo não se endireita, e que muitas vezes com estes avisos o mais que se ganha é ficar a gente mal vista pelos maridos, pelos amantes e pelas mulheres. Tinha experiencia de casos semelhantes, e outros diversos. Que lá se aviessem, que não queria saber de desgraças. Proseguindo, foi contando que a baroneza de Cucufate logo que chegou de Lisboa foi ao Carvalhido com outro conhecimento novo; e, segundo lhe dizia o seu compadre, sabia que entrava lá um comediante da Opera italiana. — Veja, senhor barão, veja o meu amigo ao que desceu aquella mulher! até os comicos lhe servem!... Já é força de destino!

O do Rabaçal exprimia no semblante as alternativas que o agitavam, uma confusão perturbadora. Não sabia como esclarecer-se, como interrogar o Araujo sobre se não podia duvidar-se que o barytono fosse amante da Cucufate, se era com effeito a Cucufate que ia á quinta, se poderia ser outra mulher a quem ella cedia a casa como fizera á Trigueiros.

— Seu compadre viu elles ná quinta, hein? — perguntou o barão com pausas atrapalhadas, muito offegantes. — Sabe quê são? quê é ella quê vai fállar? e viu elle mesmo? Não seria outra? Veja lá.

Araujo muito de espaço explicou que o seu compadre Cruz sabia que o comico ia lá de vez em quando, pelo vêr passar e sumir-se no quinchoso; mas não era por lh'o contar a mulher do brigadas; que as relações illicitas do cirurgião tinham acabado em consequencia do brigadas ter aviso da pouca vergonha, e um bello dia dera sobre elle com uma espingarda e por pouco que lhe não espeta uma bala nas costas. — Mas que duvida tinha o barão em acreditar que o comico ia para a baroneza de Cucufate? — perguntou Araujo. — Quem havia de ser senão ella? Que lhe dava a sua palavra de honra que a tal baroneza era a rainha das marafonas, que não havia outra no Porto capaz de se abandalhar com um comico, e que o barão, aquelle cara estanhada, se tivesse alguma casta de brio, ha muito que lhe devia ter mettido uma faca á barriga como quem rasga uma cabra.

O proprietario honesto da quintarola fazia tregeitos carniceiros como quem estripa adulteras. O barão estava livido como se assistisse ao espectaculo vivo d'aquelle supplicio barbaro.

*

XIII

O Rabaçal, quando chegou ao largo de S. Domingos, tremiam-lhe as pernas e sentia vagados. Sentou-se na loja do José Gaspar da Graça e pediu um copo d'agua. O dono da casa, muito affavel, achava-o descórado, offerecia-lhe chá, um copinho de cana, que dispuzesse da sua casa. Entrou n'este comenos o commendador Trigueiros, secreto inimigo do barão, tanto porque era cunhado do Macario, como porque se ria d'elle quando fez as pazes com a Paschoela, e lhe chamára nomes injuriosos na loja do Pinto Leite. — Que folgava muito de o vêr; que o não via ha mezes; que o achava mais magro. — O barão rosnava monosyllabos, e o Trigueiros, retirando-se pa-

ra a porta, segredava ao José Gaspar da Graça: — Aquillo são desgostos muito serios por causa da mulher e do comico. — E o capitalista com sentimento: — Desgraças, desgraças. — Diga-m'o a mim... — tornava o Trigueiros batendo com o ferrão da bengala na soleira — eu é que sei o que isso é; mas... — e chamava fóra o interlocutor — elle, o barão, está a pagar pela lingua; para elle mulher honrada no Porto havia só a d'elle; ninguem as calça que as não borre, amigo Gaspar da Graça — isto é das Escripturas.

O barão sahia e despediu-se dos dous. O Trigueiros disse que tambem ia para a Assembléa, que o acompanhava.

Tinha um mau fundo o Trigueiros. Regosijava-se quando via um socio de infortunio entrar nas troças dos botiquins e na tortura do *Palheiro* — uma bengalé de scelerados que descosiam mysterios da vida intima e esfarrapavam creditos. Sabia que o Eusebio Macario attribuia á Paschoela a perdição do filho, culpava o Trigueiros da devassidão da mulher; e era ridiculo quando dizia que a sua filha, a baroneza, tinha tido uma educação muito religiosa, muito austera, e pouco antes de casar tão innocentinha era que perguntava d'onde vinham os meninos ás mulheres grávidas. O doutor Videira, um padre cheio de ratices, dava grandes gargalhadas e dizia chalaças d'uma frescura de carapinhada. Por isso o marido da Paschoela odiava o barão de quem tinha sido muito amigo e até padrinho do casamento, e desejava vêl-o

nas mesmas entalas. Sabia o que se dizia do namoro do barytono; contava a desgraça do *seu amigo* a toda a gente, e repetia sempre o dito das Escripturas: ninguem as calça que as não borre: — era um anexim do uso do commendador Aguiar que o Trigueiros achava digno de algum Evangelho apocrypho.

Quando chegaram á Praça Nova, o barão ia desafogando involuntariamente a sua angustia em termos vagos: — Quê um homem quê cásáva lhe era melhor deitar-se em um poço de cábeça á baixo. — Esta sentença, boa e indiscutivel, abriu a reprêsa á maldade do Trigueiros vingativo. Foi-lhe com a esponja de fel direita aos beiços: Que sim, que tinha razão em o dizer, porque a baroneza era uma ingrata, que elle tirára do reles casebre do boticario d'aldêa. Que elle quando ouvira contar o desconchavo d'amar o comico, ficára estarrecido e apoquentado como se ella fosse sua parenta. Que o ser ella irmã d'um malvado não lhe fazia perder a amizade que lhe tinha por ser esposa de quem era...

O barão ouvia-o, queria interrompel-o, mas sentia-se estrangulado; e o Trigueiros continuava espremendo a esponja:

— Meu amigo, vossê sabe a minha vida — sabe-a tão bem como eu. Aquella mulher que eu fui buscar atraz do balcão d'um botiquim de carroceiros e soldados, que fiz minha esposa, e que por um triz não era baroneza — porque já me tinham offerecido o titulo quando me fez a ultima maroteira — aquella furia do inferno ia dando commigo na cova ou em Ri-

lhafolles. Vi-me entre a cruz e a agua benta. Pois aqui onde me vê estou como se nunca a conhecesse, por acaso me lembro d'ella; e patacos meus só se os comer em rosalgar. Nem uma de cinco, o que se chama uma de cinco, percebe? Ella cá virá, quando o bigorrilhas do amante der cabo dos contos que apanhou á sua infeliz irmã. Sabe como eu me curei, barão? Arranjei outra, uma rapariga da aldêa, papa muito fina, que me governa a casa muito bem, cousas e tal *et cœtera,* e que, se Deus quizer, me ha de comer o que eu tenho. E sabe que mais? se o diabo levar a outra, e oxalá que seja hoje em vez de ser ámanhã, caso com a minha Luiza Casca tão certo como estar no céo aquella lua que nos alumia. E vossê, amigo barão, faça o mesmo. Nada de paixões. Rua com ella. Fortuna na carteira. Que o vá ganhar. Arre, bebedas! Á Paschoela sahiu-lhe a porca mal capada. Nem vintem! Cuidam que o dinheiro do Brazil é roupa de francezes? Os amantes que as sustentem, não é assim, meu amigo? Rua com ella, e outra p'ra dentro, á minha moda. Não lhe sirvo? tambem o meu dinheiro lhe não serve. — E dando-lhe no hombro palmadas confortadoras: — Ande-me assim, ande-me assim. Tudo que cheirar a Macarios, rua, rua com elles; mas cuidado com o Eusebio, que aquillo é maroto muito fino, entende? Antes de pôr em seguro a sua fortuna, nem um triste pio; que não vá o ladrão aconselhar a filha a requerer o divorcio, e roubar-lhe metade da fortuna. Eu estou aqui prompto p'ra tudo, hein? tenho casa na rua Direita e em Rio Tinto. Se

vossê quizer ir p'r'á minha companhia faça de conta que está em sua casa.

O barão, duas vezes, durante o discurso insultante á sua dôr, sentiu impetos sanguineos de pegar no Trigueiros e fractural-o contra um dos frades de pedra da Praça Nova. N'outros lances, a confissão aviltante do marido de Paschoela tocava-lhe na alma uma corda que gemia a mesma toada, uma compaixão commum dos enfermos da mesma doença. Por fim, como o Trigueiros lhe ventilou o assumpto da sua antiga preoccupação — coser-se com a fortuna — começou a ouvil-o com tal qual interesse e a consideral-o até necessario como praxista experimentado no processo dos contratos fraudulentos que reduziram a uma esmola a Paschoela, devendo ella ser meeira no melhor de trezentos contos fortes.

Entretanto, nada disse do seu infortunio; despediu-se quasi amigo como d'antes do Trigueiros, e foi para casa.

A baroneza estava com o pai. Tinham conferenciado largamente ácerca de dinheiros. Custodia receava que o marido tivesse aviso de calumniadores que a odiavam pela sua virtude; que a intrigassem por causa do Bartolucci, e temia que o barão imitasse o Trigueiros, e a deixasse pobre como a Paschoela. O pai, em primeiro lugar, apostava que o genro, ainda que lhe dissessem tal mentira, não acreditaria que a filha de Eusebio Macario fosse capaz de semelhante crime; em segundo lugar, se elle requeresse o divorcio havia de pôr para alli me-

tade do que tinha; em terceiro lugar, se désse a perceber que tratava de se safar com tudo, elle Eusebio mexeria os pausinhos, porque já estava aconselhado pelo doutor Bruschy desde que o genro em Lisboa, por dá cá aquella palha, esbofeteára a esposa. N'esta occorrencia entrou o barão com bonançoso aspecto, dizendo que um passeio á margem do rio por Miragaia, com o Araujo, lhe fizera grande bem e lhe abrira o appetite. Ceou copiosamente, cantou a aria dilecta do *Nabuco,* conversou muito amavel com o sogro; disse á esposa que fizesse os convites para a partida de segunda-feira, visto que elle, quando se sentira doente, mandára publicar no *Pobres* — que suas excellencias os senhores barões do Rabaçal, por incommodo de saude, não recebiam na proxima segunda-feira. Depois, foi deitar-se. O Eusebio dizia á filha:

— Eu não t'o disse? está como d'antes.

E a Custodia desconfiada:

— Olhe que elle é muito macanjo, meu pai!

— Deixa-o ser que deu com o seu homem; mas está descançada, por minha conta. Eu leio-lhe por fóra e por dentro. Vai-te deitar, vai-te deitar.

A baroneza madrugou alegre. O marido dormira com a serenidade e confiança dos esposos mais garantidos. Resonára como de costume; pedira de manhã o semicupio habitual, fizera a barba, cantarolára al-

gumas phrases do *Rigoletto,* almoçára, accendera a sua bebra e sahira de carruagem. Elle estava tão bom para ella, tão cuidadoso que lhe perguntára se queria o trem para fazer alguma visita. Ella disse que esperava a S. Cucufate para jantar com elles. O barão voltou o rosto rapidamente para que a mulher não visse n'elle o effeito d'aquelle nome.

A carruagem parou á porta do Aguiar. O barão entrou e d'ahi a pouco tempo sahiu um criado com cartas. Sujeitos de presença grave, um por cada vez, entraram pressurosos, com aspectos consternados e os narizes rubros de frio, com as calças apanhadas nos calcanhares e sapatos de borracha muito lustrosos. Eram dous titulares, e mais dous negociantes de grosso trato, o Mendes bacalhoeiro, Araujo & Filhos. A conferencia durou duas horas. Depois, entrou um tabellião e um rapaz com a nota n'um sacco de damasco amarello com borlas. Sahiram cartas para Lisboa. Compraram-se letras no estanco da Praça Nova. Escreveram-se muitos algarismos e datas falsificadas. Ás tres da tarde, tinham todos sahido, excepto o barão de S. Torquato a quem o dono da casa dizia: A baroneza Custodia não tem dez reis para mandar tocar um cego. Vossê lembra-se do que eu lhe prophetisei na Praça Nova, ha dez mezes, em 10 de abril de 1852, ás 3 horas e 25 minutos da tarde?

Que sim, que se lembrava.

—E então? que me diz? Vejo longe ou não vejo?

— Vossê é o diabo, não é homem!

— Vejo longe ou não vejo? Diga lá, senhor barão! — E estava muito envaidecido, muito jubiloso porque vira realisada a sua prophecia na pessoa de um seu amigo, marido infamado de uma mulher deshonrada.

Na conferencia, o Mendes, muito prudente, opinára que, pelas informações de Araujo, não era liquido que a baroneza fosse a pessoa que ia ao Carvalhido encontrar-se com o cantor; que era mais natural acreditar-se que a amante do cantor era a outra baroneza que alugára a casa. Portanto, que o amigo barão, embora estivesse preparado para se apartar da senhora sendo ella culpada, não devia dar tal passo sem ter a certeza do que por emquanto era apenas uma suspeita. Concordaram todos, e ficaram n'isso. Pela alma escurentada do barão ainda lampejavam esperanças de que sua mulher estivesse innocente.

Mas havia outro collaborador mais destro no processo de Custodia: era o conego Justino. Elle espiava os passos da baroneza, com a pertinacia de duas vinganças — a sua e a de Felicia, por causa da cunhada expulsa de casa do irmão, e por sua bocca diffamada como amante d'um padre, e desprezada de todas as familias suas conhecidas. O conego soube que a Custodia cultivava com assiduidade duas relações de ba-

ronezas libertinas: a S. Cucufate e a Corujeira. Emquanto não podia agenciar em casa da segunda uma espia segura, moveu o escudeiro, seu confidente, o irmão da governante do conego Velloso, a ir offerecer-se ao serviço da baroneza de S. Cucufate de quem já tinha sido criado e medianeiro em duas das suas tramoias. Elle promettia ao criado fazel-o nomear cobrador da mitra, se elle andasse esperto na sua empresa de espreitar o que pudesse servir de prova contra a baroneza do Rabaçal. O escudeiro aceitou a missão; e a sua antiga ama, reconhecida ás suas tretas e manhas, admittiu-o como escudeiro.

A do Rabaçal, á primeira vez que o viu e de prompto o reconheceu, disse muito assustada que elle tinha sido o escudeiro da Felicia, que era preciso muita cautela. A sua amiga abonou a fidelidade do criado; que a bocca d'elle era sagrada, — contou a historia da mantilha e as finas astucias com que elle a servira em duas das suas brincadeiras. Ella, quando arranjava um amante novo, chamava á cousa — outra brincadeira. De mais a mais, para a tranquillisar, dizia-lhe que o criado, pelo sim pelo não, havia de ignorar sempre as cousas que não precisasse saber.

Tratavam então de planear o rendez-vous da baroneza com o Bartolucci. Liam-se as cartas apaixonadas do *conde* — chamavam-lhe conde. — A do Rabaçal contava que elle inventára um meio magnifico de lhe entregar as cartas: deixava-as escorregar pelas costas do sophá em quanto ella acompanhava no piano

o marido; e que ella lhe passava as d'ella dentro d'um livro de musica que elle ia folhear para a janella.

— Sabes mais do que eu te ensinei, querida — disse-lhe a S. Cucufate, compondo-lhe os bandós e dando-lhe beijos nas rijas pôlpas do collo como se se tratasse do pescoço do Polka ou do Leitão.

Traçaram o plano. A S. Cucufate emprestava-lhe a casinha de campo.

— Ás quintas-feiras, não posso, bem sabes, ceder-te a minha chacara das brincadeiras. — *A chacara das brincadeiras* era o pseudonymo idyllico da quintarola do Carvalhido. Emprestava-lh'a todos os dias da semana, excepto ás quintas-feiras. A Rabaçal viria de visita demorada a casa d'ella, e mandaria embora o trem; depois sahiriam ambas na carruagem da S. Cucufate. O bolieiro, a respeito de lingua, era pedra que cahiu n'um pôço. Nos campos de Cedofeita, á entrada d'uma barroca que ia rente com a quinta, a do Rabaçal apeava, e entrava por uma portinha escusa que abria para o pomar; ninguem a veria entrar; a outra não sahiria da carruagem, e esperaria por ella. O conde Bartolucci estaria, no primeiro encontro, no adro da igreja de Cedofeita, iria seguindo o trem; e, depois que o visse parar, tomaria pelo caminho que levava á porta da casa solitaria, facil de encontrar. A inquilina estaria prevenida para o receber e introduzir.

Assim se fez propiciamente ás quartas-feiras, nas duas primeiras semanas; depois ás quartas e sabbados — a mesma prosperidade, uma grande sorte. A

Custodia, ao principio, quando transpunha a soleira da porta, punha de proposito supersticiosamente o pé direito; depois era-lhe indifferente pôr o esquerdo. Parecia-lhe primeiro que o seu crime, ou brincadeira, segundo a outra, crearia á volta de si uma qualquer cousa nova, estranha e incommoda ao seu socego interior: mas, olhando para dentro de si e para fóra, viu uma grande indifferença na consciencia, nas cousas e nas pessoas—uma especie de cumplicidade no movimento monotono inalteravel do universo physico e moral.

Ella assumiu de prompto bestialmente uma philosophia idiota que outras attingem com um grande trabalho de critica dos costumes comparados, modalidades, em fim, resultados de processos que abrangem a grande obra de Sand, de Balzac e toda a litteratura das *Perolas* e *Camelias* de Dumas. A Custodia sentia-se muito devassa sem leitura; e tão tranquilla de consciencia como se possuisse os Ideaes avançados da mulher moderna, novas orientações mentaes em via de emancipação.

XIV

Mas, um dia, na consciencia crystallina da baroneza, fez-se uma pisadura em resultado d'um beliscão de susto. Quando voltava da «Chacara das brincadeiras» e entrava no coupé, disse-lhe, um poucochinho alvoroçada, a sua amiga que, estando a lêr a MADEMOISELLE DE MAUPIN, ouvira passos no caminho, do lado da quinta do Wanzeller; e, quando ia deitar a cabeça fóra da portinhola para vêr quem era, quasi que esbarrára na cabeça de um homem desconhecido, cara rapada, assim a modo de padre, que de certo ia espreitar quem estava no trem; porque, assim que a viu, levára a mão ao chapéo, e dissera: — Queira desculpar; cuidei que era a senhora baroneza

do Rabaçal — e fôra seguindo pelo caminho da quinta do Araujo.

— Ó diabo! — exclamou a Custodia — Queres tu vêr, Leontina, que era o abbade!?

— Quem é esse abbade? — perguntou a S. Cucufate.

— O conego, o amante da Felicia.

A outra, que o tinha depois espreitado pelo oculo do espaldar do coupé, deu informações muito consoantes á pessoa do conego: baixo, costas largas, com uma bengala muito grossa de castão, a fumar cigarro, homem de meia idade, cara d'alarve, com os beiços grandes, muitas bochechas, com uma barbella vermelhaça, um feio diabo.

— Ai que estou perdida, se é o conego! — tornou ella.

— Ó tola! — acudiu discretamente a S. Cucufate. — Se tu, que não estavas no coupé, te assustas, então que faria se lá estivesses?

— Isso é assim — obtemperou a outra — tens razão. O conego não falla commigo, e de certo não vinha procurar-me á carruagem.

E convieram em que fosse pessoa das suas relações que confundira a libré do cocheiro, porque os criados das duas baronezas trajavam da mesma côr, casacos alvadios, bota de canhão, chapéo preto e roseta branca. A nuvem desfez-se, como todas as nuvens quando sopra a briza forte da felicidade.

A mesma briza servia ao conego Justino. Elle tinha sahido á descoberta vendo que o escudeiro, fu-

turo cobrador da mitra, não dava solução satisfatoria. Dissera-lhe sómente que sua ama ainda conservava a quinta do Carvalhido; que ás quintas-feiras ia ella sósinha; e ás quartas e sabbados ia com a do Rabaçal; e, cousa de duas horas depois, entravam ambas. Sabia onde o coupé parava, alli por perto do mirante do Wanzeller; mas não podia averiguar mais nada, sem mover desconfiança, porque a sua ama já lhe não confiava segredos como antigamente.

O conego escondera-se atraz de um cômoro das varzeas de Cedofeita; vira passar e parar o trem; vira saltar uma mulher, muito agasalhada em pelliça e regalo branco, encapuzada; não distinguia qual fosse das duas; e entendeu com logica indefectivel que vendo ao perto a que ficára já sabia qual era a que sahira. Isto não falhava. Foi o que elle fez. Depois, seguiu em direitura á fachada da casa, e foi sahir ao largo da Prelada. Viu um cavallo por mão de um garoto passeando ao sol. Colligiu que o cavallo devia pertencer aos personagens mudos do drama infando que corria no lendario prostibulo do Carvalhido. Acolheu-se a um recanto e esperou. Era-lhe já notorio o boato do barytono. Elle mesmo, do camarote dos Chamiços onde tambem havia um conego seu amigo, presenciára o derriço, e de vez em quando sahia a fumar e dizia:

—Anda-me assim, Custodinha, anda-me assim!

—Com effeito, uma hora depois, chegava o Bartolucci, cavalgava o cavallo alugado no Carneiro do Bomjardim, e partia ás curvetas, com as esporas fi-

tas, com um grande ar de alegria, muito glorioso.

A Felicia, sabido o caso, senhora do segredo da cunhada, teve momentos de indole generosa, uns abalos de compaixão do mano. Chegou a pedir ao conego que não dissesse nada ao mano; que o ia atormentar e matal-o com paixão. E o conego: — que, pelo contrario, a maior prova de amizade que Felicia podia dar ao mano era avisal-o, tirar-lhe de casa e fazer arruar aquella rameira de comicos. Felicia com brandos rogos pôde alguns dias conter a explosão da vingança do Justino; mas um incidente violento abrazou o combustivel d'aquelle rancor inexoravel. No *Pobres,* em uma columna de folhetim, appareceu uma chacota a um prebendado regenerador façanhudo que virára a batina por não ter consciencia que pôr do carnaz; que o tal prebendado sem *jus* nem *tino* era tão venturoso em tudo, tinha tanta sorte na Igreja e nas alcovas, que bem podia dizer-se d'elle o que no calão conimbricense se dizia dos jogadores felizes — que andava com a *felicia.* E que jogava tanto pelo seguro este Eurico chulo que as suas Hermengardas eram matronas abastadas, que pelos appellidos lembravam as heroinas das Aventuras do Roberto *Macario.* Etc. Allusões d'uma nitidez de luz electrica, muito lidas e saboreadas no *Palheiro* e no Guichard.

O conego pôde facilmente descobrir que os apontamentos enviados ao Joaquim Torquato os dera Eusebio Macario; e, vacillando entre moêl-o ou reduzil-o e mais a filha a uma provavel pobreza, preferiu

a sova para segundo lugar—um acto que requeria mais espaço e pachorra. Assim, succedeu que, ao mesmo passo que em casa do Aguiar se forjava a vingança briosa do esposo trahido, o conego Justino escrevia um bilhete com a mão esquerda, e encarregava o leal sineiro da Sé de o entregar ao barão, quando elle recolhesse a jantar.

Por volta das 5 da tarde, chegava o barão; a carruagem viera mais cedo, com recado á baroneza que jantassem, se elle não estivesse ás quatro. Elle experimentára uns impetos indomaveis de escavacar a mulher; parecia-lhe perigosa a situação da outra baroneza; talvez lhe batesse achando-as juntas; e, sem ter a certeza de qual das duas era a amante do barytono, uma scena de pancadaria geral poderia ser por mais de um motivo injusta. Por isso, preferia entrar em casa quando a S. Cucufate tivesse sahido.

Perto de casa, recebeu a carta. O sineiro safou-se — que não tinha resposta. O barão cuidou que fosse alguma supplica de viuva de desembargador realista ou filha de general convencionado d'Evora-Monte que apontava á caridade notoria de sua excellencia a mansarda onde a fome e o frio atormentavam as victimas innocentes da desgraça, filha das guerras civis. Entrou no pateo já alumiado, rasgou a obreia vermelha com arremesso de enfado e leu:

Se o amigo barão quizer assistir a um dueto de barytono e prima-dona de fados e caninha verde na quinta do Araujo, no Car-

valhido, vá até lá ás quartas-feiras e aos sabbados, entre a uma e duas da tarde; e leve o Eusebio Macario para dar esse alegrão ao pai de Custodia.

Releu, amarfanhou e metteu na algibeira do sobretudo.

Quando subia a passo rapido, vacillante, n'uma cegueira de vertigem, risadas estridulas ouviam-se, por entre trechos soltos do lundum da Figueira, tocado no piano.

Entrou, de subito, allucinado, com os olhos muito assanhados, na sala. A baroneza de Cucufate estava reclinada na ottomana, desapertada, com uma perna descoberta até á liga, ás cavalleiras de um dos recostos lateraes, em fórma de triangulo. Fumava. A Custodia, no mocho do piano, um pouco de lado, tocava distrahida com a mão direita, com uma perna cruzada sobre a côxa da outra, a bamboar-se. Quando ambas, a um tempo, o viram assomar, correndo com estridor o reposteiro, houve um grito unisono das duas. A de S. Cucufate recolhia a perna e o charuto, dous escandalos, ambos excellentes de cheiro e de feitio. A do Rabaçal erguera-se, estupefacta, tartamudeando, engasgada, idiota, sem prática nenhuma do mundo, uma lôrpa, a vergonha das mulheres em crise de finos peccados.

O barão fez dous largos passos, ponderosos, abafados no tapete, e disse em altos berros:

— Isto aqui é a viella da Neta?

A baroneza hóspeda erguera-se espavorida; a esposa, recuando com a mão apoiada no piano, disse:

— Que disparate é este?

— Prégunto ás senhoras se minha casa é viella de mérétrizes, hein? Si párece-lhe, mandem chámar gajos e batam fádinhos, suas dévassas!

— Senhor barão — interrompeu a de S. Cucufate — vossa excellencia perdeu o juizo ou está embriagado?

— Bébeda é vossê, sua bandálhona, que mi perdeu a mulher. Vossê até tem no Cárválhido alcouce por sua conta onde dá cama ás amigas dos comicos. Seu márido ha de saber quê béstinha é vossê, hein? e ponha-se já em o olho da rua si não vai a pontápés a rébolir átraz d'esta caipora.

N'este conflicto entrou Eusebio Macario e perguntou que gritos eram aquelles.

— Não é gritos nem nada — respondeu o barão — é que sua filha e mais vossê ponham-se fóra di minha casa em continente; nada de paróleira, rua! rua!

Eusebio, afflicto, livido, perguntava a Custodia o que era aquillo. E ella com o rosto entre as mãos, prostrada n'uma chaise-longue, soluçante:

— Não sei, meu pai. Entrou n'estes gritos pela sala dentro.

— O senhor barão queira fazer o favor de se explicar... — supplicava Eusebio.

— Não tenho que expélicar. Ponham-se fóra, e ella lá que lhe expélique. A sua filha tem casa no

Carválhido e mais áquella amiga. Vão para lá convérsar á vontade. Rua! — E floreava a bengala.

— Mas, senhor barão — replicava Eusebio recobrando a integridade da sua razão apanhada n'uma surpreza perturbadora — Mas...

— Mas quê? quê qual? désembuche...

— Um marido não póde pôr assim de noite a sua esposa no meio da rua.

— Não póde, hein? quer vêr vossê?

E avançava com a bengala erguida para a consorte aterrada.

E ella, a fugir para o peitoril de uma saccada:
— Se me bater, grito aqui d'el-rei!

Eusebio abraçou-se n'elle exclamando:

— Isso não são maneiras, senhor barão, isso não são maneiras!

E elle, a escabujar, furioso:

— Eu lhi bato si mi não larga, seu Mácario!

A baroneza já tinha abertas as portadas envidraçadas para gritar. Ouvia-se um rodar de carruagem, n'um catrapoz fidalgo. A de S. Cucufate reconheceu o estrepito da sua parelha. Sahiu da sala para pôr o chapéo e as pelliças que estavam na toilette. A baroneza foi atraz d'ella a pedir-lhe que a levasse comsigo, que a levasse comsigo, senão que elle a matava — que sabia tudo.

E a outra — que sim, que fugisse. E em quanto o barão, n'uma poltrona, arquejava, com uma rubidez apopletica, articulando vozes insultadoras, desbragadas, contra as duas, a esposa abria as gaveti-

nhas d'um toucador, embolsava as joias, collares, broches, pulseiras, arrecadas, anneis que faiscavam os seus brilhantes facetados. Depois, com o pescoço muito aconchegado n'uma platina preta, passou por entre as criadas que choravam n'um grande terror, levava um lenço nos olhos, desceu ao pateo e entrou na carruagem.

Quando o trem largou, o barão ergueu-se de salto e perguntou se o trem que rodava era o seu. Eusebio disse que era a carruagem da baroneza.

— E não levou ella?

— Minha filha tambem foi — respondeu Macario com aprumo, cruzando os braços, armando-se para discorrer. — Faz-me agora o obsequio de se explicar?

O barão explicou, verboso e ás vezes eloquente, a perfidia de Custodia, mostrou a carta anonyma que recebera confirmada pelas revelações do Araujo; que todos os seus amigos sabiam da sua deshonra; só elle tinha tido a simplicidade de considerar honesta a mulher que fizera rica e baroneza, tendo ella nascido para se vender barata na sua aldêa. Esta era a essencia da sua declamação que Eusebio Macario ouviu silencioso, n'uma estrangulação em que era maior o terror da queda que o pungir da vergonha. O barão concluiu, declarando que Custodia nada tinha de seu; que a sua fortuna estava hypothecada; que, se o José Macario lhe roubára quinze contos, a irmã não se havia de abotoar com quinze reis. Em fim que no proximo paquete ia viajar; e, quanto a

elle Eusebio, que tratasse da sua vida, porque, desde o dia seguinte, não tinha casa que lhe offerecer.

O Macario, em quanto o ouvia, pensava em recorrer aos jurisconsultos, ás leis, para obrigar o barão ao divorcio e á divisão dos bens, provando as alienações fraudulentas. Era tempo. Não hesitou em sahir; mas prudentemente foi ao seu quarto, e levou umas acções bancarias, uns dous contos e tanto em papeis, dadivas do genro, e lucros de pequenos negocios de fundos. As suas roupas brancas e o mais de seu uso disse ao escudeiro que os mandaria buscar no dia seguinte.

Assim que Eusebio Macario sahiu, o barão foi á toilette da mulher; e, como não achasse as joias, exclamou: — Ah! grande ladra!

Chamou a despenseira: que lhe servisse o jantar. Sentou-se em frente dos assados; queria comer, mas não podia engulir. Bebia grandes goles de vinho velho, e mastigava compotas, que revessava no prato. Não podia encarar a cadeira onde a esposa se sentára. Um gato de Angorá, muito estimado da baroneza, saltou-lhe ao collo, trepou-lhe pelo peito, e roçava a sua cara flaccida pela d'elle. Teve então vontade de chorar. O gato, que nunca o festejára, parecia compadecido da sua desgraça. N'outra conjunctura, cuidaria simplesmente que o Angorá tinha fo-

me. Levantou-se, quiz entrar no seu quarto, e recuou quando viu o leito conjugal. Mandou pôr a parelha e sahiu para casa do commendador Aguiar. Fez o relatorio dos successos, mostrou a carta anonyma, accusou o roubo das joias que valiam doze contos fortes. Sommou parcella por parcella com prodigiosa memoria e uma grande correcção arithmetica: doze contos e seiscentos e cincoenta mil reis fortes — emendou. Como havia de apanhar as joias? Aguiar despersuadiu-o da tentativa inutil; que fizesse de conta que a dotára e lhe entregára o dote; que não lhe ia bem questionar uma ridicularia quando as suas dôres eram de um tamanho tal que não podiam confundir-se com a ninharia de umas joias. Recalcitrava, protestando que havia de reduzil-a á fome; o amigo disse-lhe que uma mulher bonita como a baroneza nunca tinha fome; e acrescentava: — Não lhe é airoso a vossê obrigal-a a vender-se para se sustentar. Lembre-se que ella ha de ser sempre a baroneza do Rabaçal.

Sahiu descontente. Havia um homem que elle respeitava, que poucas vezes via, e lhe dera a secreta mágoa de nunca levar a esposa ás suas soirées cantantes: era o Motta Prego. Quizera convidal-o para o conciliabulo d'aquelle dia; mas contava com a recusa. Tinha-lhe ouvido dizer, com referencia ao Trigueiros: — Se minha mulher me trahisse, eu só incommodaria os meus amigos para lhe assistirem ao enterro. — Procurou-o: estava a fazer paciencias com dous baralhos; a Nazareth punha uns

folhos de renda n'uma camisa de criança. Chamou-o de parte, muito desvairado, e foi conduzido ao escriptorio. Motta Prego segredou á mulher: — Trigueiros n.º 2, queres vêr? Estamos bem aviados. Vou applicar-lhe a receita do Trigueiros n.º 1.

Referiu miudamente os casos; mostrou a carta anonyma. O Motta reparou na letra muito attento, e disse:

— É singular! Quem escreveu esta carta escreveu tambem a que o Trigueiros recebeu! e mais singular ainda é que já lá figura na carta do Trigueiros esta quinta do Carvalhido!

No decurso da historia, por vezes, o Motta Prego esteve perdido com riso. A descripção frescal da baroneza de S. Cucufate na ottomana, a descompostura que levou, desde bebeda até dona de alcouce, a promessa dos pontapés, tudo isto lhe fazia negaças de originalidade comica, e precisava de invocar o revés da medalha — a desgraça e a torpeza de tudo aquillo — para que a reprêsa da hilaridade lhe não fizesse aneurismas.

Concluida a narração, perguntou-lhe em que poderia ser-lhe prestavel no seu infortunio. O barão respondeu n'um grande desalento, que viera desabafar; que o remedio da sua desgraça era sahir de Portugal para sempre, não tinha outro — que vinha despedir-se da sua madrinha de casamento, a snr.ª D. Maria de Nazareth. E entrou a chorar, a soluçar, abraçado no Motta Prego. Desceu ao escriptorio D. Maria. Viu o barão a chorar. Comprehendeu

que o marido não se enganára. Contemplou-o silenciosa — não ousava interrogal-o.

— O senhor barão vai viajar e quer despedir-se de ti, Maria. O nosso amigo dá-nos esta prova de estima.

O barão abraçou-a, balbuciou poucas palavras, e ia sahir quando a Nazareth disse ao marido:

— Ó Motta, acompanha o senhor barão a casa e faze-lhe companhia até tarde, que eu tenho que fazer até á meia noite e espero-te com o chá.

O barão beijou-lhe a mão e sahiram juntos.

XV

Fernando Paes, barão de S. Cucufate, era um calvo, magro, de bigode branco, á beira dos sessenta annos, grande viajante, com distinctas maneiras assimiladas no estrangeiro, na convivencia dos diplomaticos. Casára-se á volta dos cincoenta annos com uma orphã, filha do seu guarda-livros no Pará, menina educada nas Salesias em Lisboa, para onde viera aos sete annos com o seu protector. Como a defunta mãi de Leontina houvesse sido muito formosa, dizia-se que a educanda era filha do barão, e naturalmente sua herdeira — 300 contos seguros em moeda portugueza.

Depois de uma longa viagem, o barão recolheu a Lisboa. Leontina perfizera dezoito annos, soffria reluctante a violencia do collegio onde já não tinha que aprender, e principiava a ensinar uma corrupção

que adquirira e outra que lhe ensinava a sua natureza forte, d'uma masculinidade plethorica, brutal.

O barão de S. Cucufate estabeleceu residencia em Lisboa, e tirou das Salesias a educanda que as mestras alegremente viram sahir. No meio seculo d'aquelle homem reflexivo, discreto e cavalheiroso, houve apenas um desatino: foi o casar-se com a sua pupilla, sem paixão, sem os acicates picantes do sangue, offerecendo-lhe a mão de esposo e coração de pai. A baroneza definiu tanto á letra a sua nova situação que apenas concedia a seu marido a escassa e pouco lisonjeira consideração de filha. Com seis mezes de noiva, era amante d'um official de lanceiros, a quem dava o coração doudamente, e concedia a mão e fortuna logo que o barão adormecesse alli pelos Prazeres o somno dos inuteis.

Mas o barão, se não adormecia de vez, tambem se não gastava em vigilias doentias. Incutiram-lhe desconfianças da lealdade da esposa: mudou de terra. Elle experimentára resultados maravilhosos nos seus achaques d'alma e de corpo, variando de clima; cuidava que as nevroses cupidineas da esposa se calmariam no Porto, onde não havia lanceiros — a arma devastadora, fulminante das lisboetas de raça. A mudança deu resultados sedativos de pouca dura. A cidade da Virgem não era, por esse tempo de fermentação, das mais dignas de tão immaculada padroeira. Se não havia officiaes de lanceiros cheios de galões, bandeirolas e feitiços, havia os leões de juba e luneta sem grau, os bachareis formados vadios,

os bardos sentimentaes que uma vez por outra depunham a lyra e içavam ás janellas os ganchos da escada de corda.

A baroneza de S. Cucufate conheceu de tudo isso, um grande lote de paixões muito variado, sortido; mas o mais duradouro, o mais tenaz foi o Polka, o inventor da «chacara das brincadeiras» entre os arvoredos do Carvalhido, um major legionario da Junta Suprema, em 3.ª secção, jogador ladino. O barão vivia muito recolhido no seu gabinete de leitura; lia os viajantes celebres e escrevia apontamentos das suas peregrinações na Palestina. Sessenta annos, amor a livros, dyspepsia, mulher nova — uma desgraça, quatro desgraças.

Quando as duas baronezas apeavam, ainda pallidas, aterradas, entrava o barão de S. Cucufate no pateo do seu palacete em Villar.

— A esta hora, senhora baroneza! isto é extraordinario! — disse o velho palaciano.

— Venha ouvir o maior disparate que tem ouvido — respondeu a baroneza ao marido. — Venho espantada... Ha cousas que só vistas, Fernando!

Entraram no *boudoir* da baroneza. Os seios da Rabaçal arfavam como o papo da pomba quando arrulha, n'uma anciada fadiga.

— Queres ouvir, Fernando? Acabámos de jantar sósinhas e fômos para a sala esperar o trem. N'isto, entra o barão n'um desproposito furioso insultando a nossa amiga com injurias de um perfeito lacaio; depois vai a querer bater-lhe com a bengala, acode

o pai da baroneza, e ella fugiu atraz de mim. Aqui tens o succedido. Ó menina, teu marido tem tido ataques de doudo?

— Não, que eu saiba, não.

— E beber? sabes se elle bebe muito?

— Sim, elle ás vezes bebe bastante.

— Então estava borracho — concluiu a Leontina.

— Que infausto successo! — observou o barão. — Conheço bastante seu marido, minha senhora, n'estes dous annos das nossas relações, e nunca o vi ligeiramente toldado. Não seria antes alguma intriga de inimigo occulto? alguma carta anonyma como algumas que eu tenho recebido no Porto, onde esse mau costume é endemico? Seria bom averiguar. Talvez que o meu amigo senhor barão andasse precipitadamente. Eu poderia com os dictames de experimentado e com o sangue frio de amigo collocar o senhor barão n'um ponto de vista mais desembaraçado das nuvens illusorias que occultam a verdade.

Fallava sempre assim n'um estylo pausado, redondo, garrafal.

Leontina, d'um lance de reflexão, comprehendeu a inconveniencia de se encontrarem os dous maridos em explicações. A Custodia tambem lhe dava d'ôlho, expressando igual receio. Acharam-se um momento sósinhas quando tomavam chá. Communicaram os seus reciprocos terrores, e a de Cucufate prometteu dissuadir o Fernando de fallar ao barão. Era preciso a todo transe evitar que entre os dous se tratasse das

inquilinas associadas da «chacara das brincadeiras». Este é que era o osso.

Leontina, a sós com o esposo, confidenciou-lhe que a Custodia não estava innocente quanto era para desejar; que ella, casada sem amor e pelo engodo da fortuna, claudicára com desculpavel fragilidade no meio de uma sociedade estragada; que o marido tivera uma denuncia e procedera com o rigor indigno d'um homem polido. Ella esperava que elle se arrependesse do excesso e lhe perdoasse. Que não convinha por em quanto bolir na ferida que era aggraval-a, por isso lhe pedia que esperasse os acontecimentos. O barão achou judiciosa a esposa, o alvitre excellente, e até natural o lapso da baroneza, dizia elle, n'um terreno cavado de abysmos abertos pelo enxurro da desmoralisação.

O escudeiro confidente do conego, logo que pôde desembaraçar-se, foi a casa de Felicia, á hora em que era pontual a assistencia do padre mais ou menos convisinho dos braços d'ella. Contou que a baroneza ficára em casa de seu amo, que a vira entrar afflicta e vestida de modo que bem se via ter fugido como andava em casa. Não sabia mais nada.

—Não t'o disse eu?—perguntava o conego com a sua vaidade de demolidor feliz—não te disse eu, Felicia, que as duas bandoleiras faziam vasa? Ora, trata-se agora de pôr a Custodia á disposição do comico. É a maneira d'ella se ir juntar ao mano José Macario lá por esses reinos fóra. Isto vai bem.

Felicia pediu-lhe que os deixasse; que a Custodia

estava bem castigada, e mais os Macarios; que o seu pobre irmão devia estar muito apoquentado — muitas lastimas generosas e boas. Quando ella esperava resposta, o conego começava a resonar espumando borbotões de saliva, no seu dormir sereno, como se tivesse exercitado n'uma exuberancia de predestinados e d'um ardente amor do proximo, as tres virtudes cardeaes e mais as outras. Felicia compôz-lhe a dobra do lençol, accendeu a lamparina, fez as suas orações sentada na cama, escorregou pelos lençoes tepidos e adormeceu.

O conego sahiu de madrugada, muito cauteloso contra o frio e contra a opinião publica — muito embuçado no seu capote azul abandado de velludo. Recolhido a sua casa na rua Chã, mandou chamar o sineiro, e no entanto escreveu algumas linhas que dobrou em carta, sobrescriptou e entregou ao seu fiel medianeiro.

Quando o barão de S. Cucufate, tambem madrugador, descia do seu quarto para o gabinete de leitura, recebeu da mão do escudeiro estes «bons dias» epistolares:

> *Amigo barão! Como tem em casa as duas baronezas, mande chamar o Polka e mais o Bartolucci, e escusa de pagar a renda da quinta do Araujo, no Carvalhido. Economias, economias, amigo barão.*

Cartas anonymas, por via de regra, não o inquietavam. Tinha uma grande força de caracter methodi-

co, um grande egoismo do seu socego, e idéas pathologicas muito sensatas ácerca da funesta influencia da alma inquieta nas dyspepsias. D'esta vez, porém, semelhante revelação abalou-o. Esta alcunha de *Polka* não lhe era nova. Elle tinha lido aquelle nome em outros avisos menos peremptorios. Quanto á *quinta do Araujo* não percebia, e a ingerencia do barytono na intriga tambem lhe era uma novidade. Precisava esclarecer-se; e o mais obvio fóco de luz n'estas pesquizas pareceu-lhe que deveria ser o barão do Rabaçal. Vestiu-se á pressa e sahiu.

O barão do Rabaçal e mais os criados emmalavam a bagagem para sahir, quando o outro se annunciou. Fecharam-se no escriptorio e conversaram largo tempo. O marido de Custodia expendeu o depoimento do Araujo quanto á sua inquilina da quinta do Carvalhido. Inundou-o de luz até ao excesso de lhe dizer o de S. Cucufate que estava satisfeito. Perguntou-lhe o do Rabaçal:

— E o ámigo quê vai fázer ágora?

— Eu lhe digo, senhor barão e meu prezado amigo. Como não sou marido da senhora baroneza do Rabaçal, vou delicadamente, e com muito pezar meu, dizer-lhe que me não convém a sua companhia; sua excellencia seguirá o destino que lhe convier, e eu muito folgarei saber que seguiu o mais acertado. Quanto á outra, que tem o meu nome, procurarei defendel-a dos aliás justissimos insultos da sociedade; e defendo-a porque vai n'isso a defeza do meu nome. A lama que lhe atirarem á cara tambem me

ha de salpicar a minha. Sahirei ámanhã com ella para Lisboa, e de lá para Paris, sem dizer a razão por que o faço—o que seria uma superfluidade banal. Parece que está espantado a ouvir-me, amigo e senhor barão!

—Sim, eu mi éspanto!

—Vou responder á sua admiração. Um homem rico que compra, com os effeitos legaes do setimo sacramento, o corpo de uma senhora pobre, desconhece que esse corpo vendido tem um contrapeso venenoso que se chama o coração. Esse contrapeso é o que faz depois os desequilibrios. Se a mulher vendida ao luxo e ás invejas sociaes tem a rara virtude de devorar em si a peçonha do coração, o marido está salvo da deshonra; porém, se ella é vulgar e succumbe ás tentações que as mesmas pompas lhe facilitam, é o marido quem traga o amargor d'esse veneno que comprou como contrapeso. Minha mulher está no caso das segundas, das vulgares. Ella era pobre e tinha dezoito annos; eu era rico e tinha cincoenta. Propuz-lhe a compra, vendeu-se; não póde resgatar-se; vinga-se, sem querer talvez vingar-se—é uma desgraçada. Não sei se a senhora baroneza do Rabaçal está nas mesmas condições. O senhor barão de certo não, porque é novo e forte; mas, quanto a sua excellencia, lamento-a. Seja como fôr, se n'esta triste conjunctura os meus serviços podem ser de utilidade para o senhor barão e de muita honra para mim, queira mandar-me.

O do Rabaçal, quando o excentrico marido já ia

longe, estava ainda n'um espasmo, a digerir como um ruminante aquellas idéas mentecaptas, idiotas; e orientado por um bom senso, o commum, concluiu, em paz com a sua consciencia e com a razão universal, que o barão de S. Cucufate era um asno incomparavel.

Entretanto, as duas baronezas estavam assustadas. Sabiam que ás 8 horas da manhã viera uma carta e o barão immediatamente sahira. Custodia conjecturou que era do marido a carta; Leontina, menos receosa, muito familiarisada com o systema do Fernando, esperançava a sua amiga; Custodia, d'uma vez, emergia das suas preoccupações inquietadoras e disse: — Assim com'assim, não me importa. Se sahir de tua casa, vou-me embora com o Bartolucci. Adeus, regalar! Arrumou! É destino. — E fez uma pirueta. Era nos gestos, na palavra e no sangue a Custodia da botica — uma expansão incoercivel, triumphal, da raça e da natureza.

O barão entrára serenamente e comprimentára a sua hóspeda com a risonha cortezia usual.

XVI

Araujo & Filhos quando souberam que a baroneza do Rabaçal habitava a casa do Carvalhido e francamente recebia o comico, á meia noite e ao meio dia, e passeava com elle, ás escancaras, nos pinheiraes visinhos, aconselharam-se no sentido de expulsal-a, dar uma satisfação ao Porto e purificar a sua casa infamada. O Codigo protegia o escandalo. A mulher do brigadas tinha alugado até ao S. Miguel, e os sentimentos honrados d'Araujo rebentavam temporãos de mais, em março.

A estação lyrica estava a terminar. O barytono tinha soffrido algumas pateadas demonstrativas da indignação de uma parte da platéa, não pelos defeitos da garganta, — que elle cantava cada noite mais

afinado —; mas por outras causas sujeitas á alçada da Moral das torrinhas e da inferior.

Dizia-se que elle deitára a perder duas familias de primeira ordem; que o barão do Rabaçal fugira envergonhado para Vassouras; que o de S. Cucufate sahira para Paris em virtude de achar a esposa complicada — dizia o desembargador João Elias — nas lupercaes gentilicas da Rabaçal no lupanar do Carvalhido. Por isso o pateavam e atiravam-lhe estalos, batatas e alguns patacos.

Eusebio Macario hospedára-se na *Estrella do Norte*. Já não frequentava a Assembléa portuense. Mortificações, desgostos serios aggravaram-lhe a hepatite chronica, e incommodos de rins, apertos, arêas sobrevieram. Sabia que a Custodia, quando a Leontina sahiu, se aposentára no Carvalhido, e receava que lhe mandasse pedir alguma parte do seu mesquinho capital. Elle ignorava que a filha, na atrapalhação da fuga, se abotoára com as joias. Meditava em retirar-se para Basto e ir viver na sua casa de S. Thiago. O boticario que lh'a tinha arrendado sahira com a pharmacia, porque não vendia nada, excepto algum oleo de mamona, emplastos de rã e pomada mercurial. Era da escóla moderna; tinha muito remedio estrangeiro, e o cirurgião de Cavez, um velho raspalhista, antigo alveitar, desacreditára-o. Eusebio Macario sentira com isso um certo jubilo de orgulho scientifico.

Custodia encarregou o brigadas de procurar-lhe o pai. Escreveu-lhe, queria vêl-o antes de sahir de Portugal, e consultal-o sobre a maneira de vender

uma parte das suas joias e despedir-se em fim. Ella sentia o que quer que fosse de saudade, de piedade filial. Accusava-se de atiral-o abaixo da importancia que adquirira no Porto. Imaginava-o muito infeliz vendo a sua familia, em tão pouco tempo, cahida e esbandalhada, cada um para seu lado. Queria vêl-o, dizer-lhe um adeus eterno.

Eusebio ficou admirado quando leu o periodo a respeito das joias, que valiam mais de doze contos, trinta e tantos mil cruzados—elle sabia o valor das joias; vira pagar as mais preciosas em Lisboa. Com esta noticia e soros de leite melhorou do figado e foi ao Carvalhido de cadeirinha. Quando chegou á porta, ás 9 horas da manhã, sem ter convenientemente avisado, sahia o barytono, e a Custodia vinha acompanhal-o á porta, de penteador de rendas e tranças soltas, com as faces quentes do almoço e dos ultimos beijos. O pai entrou pesado, melancolico, carrancudo.

—Pódes limpar a mão á parede; fizestel-a boa, Custodia!

—Não me venha affligir, meu pai—interrompeu a baroneza desabrida.—Agora, acabou-se, não ha remedio, é pegar-lhe c'um trapo quente. Com que então, o tal senhor barão safou-se com tudo?

O pai explicou as tratantadas que elle fizera com os amigos. Que fôra consultar o doutor Almeida e Brito, o doutor Fiel, o doutor Guimarães e não lhe achavam furo; que o aconselharam a não gastar vinte reis em papel sellado; que o barão tinha a faca e o queijo.

— Como pudéra ella apanhar as joias? — perguntou abrindo um sorriso satisfatorio, de applauso. — Que fizera muito bem, porque os brilhantes valiam mais de doze contos, e ella com essa fortunasinha podia viver muito bem, sem mexer no capital. Que, se ella quizesse, entraria como socia capitalista da fabrica de panos de Lordello, dez contos podiam render vinte e cinco ou trinta por cento, tres contos ao anno, e talvez mais, pondo-se elle á frente do negocio, e d'outros bicos de obra que podiam dar muito cacau.

A Custodia deixou-o fallar, e disse seccamente que estava resolvida a sahir de Portugal, pôr o seu dinheiro a render lá por fóra; e viver com pouco onde a não conhecessem nem tivessem visto com carruagem e com as suas joias; que no Porto não estava mais que oito dias; e, logo que realisasse a venda de alguns brilhantes, ia-se embora.

— Então vaes c'o troca-tintas do comediante? — perguntou Eusebio Macario.

— Já se deixa vêr. — E, n'uma grande irritação, repelliu a injuria feita ao Bartolucci; que era um conde; que o troca-tintas era o irmão da Felicia; que se arrependia já de ter mandado chamar o pai; que a deixasse, que não queria saber de desgraças; que tanto elle como o José cuidavam que ella era uma besta de carga, prompta para os servir nos seus interesses, e que não havia de ter coração para amar a quem quizesse. Que estava farta de aturar o Bento, de levar bofetões; que levasse o diabo a riqueza;

que parece que lhe tinham tirado dez arrobas das costas; que nunca fôra tão feliz, e que não tinha inveja ás mais pintadas.

—Valha-te o diabo!—resmuneou Eusebio; e muito commovido:—Aqui está p'ra que um pai cria uma filha!

E ella:—Então que quer? são destinos, nem mais nem hontem; mas, se eu lhe estou a dizer que sou feliz, que tem vossemecê com isso? Quando me vir queixar, fará esses ingranzeos. É boa!

—Mas podias viver honradamente, empregares o teu dinheiro com juizo, e póde ser que o barão, passados alguns mezes, voltasse p'ra ti.

—O quê? Má peste o lamba! Eu quero cá mais contratos nenhuns com tal ladrão! Casa commigo, faz-me baroneza, muito luxo, muita farofia, e por fim, se eu não tenho a habilidade de metter as joias na algibeira, ficava p'r'áhi, eu sei cá? ia ganhar a vida por casa dos abbades, como a Felicia e a Troncha, hein?

—A final, estás perdida—concluiu Eusebio.

—Alguem me ha de achar, não se apoquente—refutou a filha, rufando com as unhas nas vidraças, e olhando automaticamente para dous cevados que se afocinhavam, mordiam nas calugas e davam guinchos. Os gallegos da cadeirinha, sentados n'um cômoro, apedrejavam os porcos, coçavam as pernas nuas e davam cascalhadas. Nas franças já desabotoadas das acacias e celindras, passarinhos volitavam á procura das conhecidas ramarias dos seus ninhos. Eusebio

sorvia pitadas com uma sofreguidão muito sibilada nas fossas nasaes obstruidas. A mulher do brigadas abria a porta do pomar e mettia no casebre da lenha o cirurgião Cruz. Um gato amarello, muito magro, escorraçado pelos gallegos, passava a fugir arripiado com a cauda no ar, muito esfolada. Esta visão pôz uma saudade no coração de Custodia; voltou-se de repente para o pai, e perguntou: — É verdade, que fim levaria o meu gato branco? — Eusebio, sacudindo os granulos do tabaco da lapella: — Eu sei lá que fim levou o gato branco! Levou-o o diabo como a tudo mais! Em fim — e ergueu-se — adeus, Custodia. Eu volto p'ra Basto...

Ia dizer alguma cousa tocante, a voz tinha as vibrações soluçadas do adeus derradeiro, quando Custodia viu chegar do lado da Prelada uma cadeirinha, e exclamou:

—Ai! a Nazareth!... e eu de penteador!...

Sahiu a recebel-a no patamar, com um certo acanhamento, envergonhada, affrontada pela mulher honesta, a sua madrinha de casamento, que tantas vezes lhe dissera que a resignação era a felicidade. Eusebio Macario estava a enxugar os olhos e punha-os muito lastimados na Maria de Nazareth, como a supplicar-lhe que salvasse sua filha. Pensava, se o ensejo viesse de molde, em propôr de novo a Custodia, com applauso da outra discreta senhora, o negocio da fabrica de Lordello, os dez contos com trinta por cento seguros.

A Nazareth, enternecida pelos gestos lastimosos

do velho Macario e pela especial natureza da sua triste mensagem, principiou chorando. A Custodia não podia airosamente esquivar-se ao seu quinhão de lagrimas n'aquella scena. Compungiu-se a secco; tapava os olhos rebeldes com os punhos do penteador.

— Que infelicidade, senhora baroneza, que infelicidade! — disse D. Maria.

— Então que quer, minha senhora? — disse a outra com os olhos no regaço. — São destinos...

— Não ha destinos, senhora baroneza; o que ha são illusões, enganos, sonhos de felicidades que o mundo não tem. Emfim, não venho mortifical-a com reflexões tardías quanto ao passado; venho pedir-lhe que me ajude a remediar o futuro.

— É isso, é isso, snr.ª D. Maria — concordou Eusebio, batendo com tres dedos na tampa da caixa do rapé — é o que eu já lhe disse.

— O senhor barão — proseguiu D. Maria — quando meu marido se foi despedir d'elle a bordo, disse-lhe que, a bem da senhora baroneza, o authorisava a fazer o que quizesse, de modo que a sua dignidade ficasse salva. Parece-me que entrando a senhora n'um convento...

— Convento! credo! nem de rastos, minha senhora, nem de rastos; escusam de se cançar. Eu antes queria esganar-me, se não tivesse outro remedio. Por estes oito dias, vou sahir de Portugal, estou resolvida.

— Mas, se não póde ou não quer entrar n'um convento, aceite a minha casa, a minha franca ami-

zade até vêr o que seu marido resolve: elle está ainda em Lisboa, e só parte para o Brazil no paquete de maio. Escreve-se-lhe...

— Muito agradecida, minha senhora. Tanto se me dá que elle esteja como que parta. Eu é que vou, e cá lhe deixo tudo; levo as minhas joias; faço de conta que m'as deu um brazileiro com quem estive amigada tres annos; ainda assim foi preciso pagar-me pelas minhas mãos como os moleiros, senão ficava com o vestido do corpo e mais nada. Pôz-me fóra de casa com uma bengala, o carreiro! Se cá estivesse meu mano José, quebrava-lhe os ossos. — Berrava, muito inflammada, de pé, pondo ás vezes a mão na cintura, conchegando o penteador para o peito quando os gestos largos a descompunham. A Nazareth parecia assombrada, com uma cara de medo, a olhar para aquella mulher, que proferira uma expressão que ella ouvira uma só vez a uma regateira no pateo do mosteiro de S. Bento. «Amigada» tinha dito a irmã do Fistula. Ai! que punhalada soffreria a candura d'aquella incauta senhora, se lêsse este livro e outros que n'aquelle tempo as regateiras iam compondo em phrases soltas pelo pateo de S. Bento e alli pelas barracas da Ribeira!

Toda a piedade de Maria de Nazareth retrahiu-se, emmudeceu. Parecia corrida, envergonhada da sua situação em frente da mulher do penteador, das tranças soltas, saias curtas e sapatos brancos de laço, ejaculando vocabulos peorados pela violencia dos gestos. Lembrava-se da outra desgraçada, da Paschoela

Trigueiros que, na sua presença, em circumstancias analogas, se tornára, pela humildade, tão digna de compaixão.

Ergueu-se, recuando para a porta, com um encolhimento medroso, e disse:

— Sinto vir affligil-a, senhora baroneza. Cuidei que poderia ser-lhe prestavel.

O Macario abriu a porta, ella entrou apressada na cadeirinha; e a Custodia, muito agitada, a passear, esfregando as mãos: — Vinha cá a santinha de pau carunchoso cantar-me lérias! Anda que levaste p'r'ó teu tabaco! Convento! toma, que te dou eu! Ella, como foi criada de freira, anda a offerecer a espiga do convento a toda a gente. P'ra cá vem de carrinho. O mano José dizia-me que foi ella quem metteu a Paschoela em Santa Clara, n'aquelle inferno! Que trate da sua vida, e que não ande feita irmã da caridade pelas casas a converter peccadoras. Valha-te uma figa, impostorona!

Eusebio concordava com a filha — que sim, nada de convento, enterrar-se viva, quando tinha muito que comer cá fóra na sua liberdade; mas que a ida para fóra do reino com o cantador era a vergonha das vergonhas; que se deixasse estar no Porto, a viver dos seus rendimentos, bem administrados. Que não perdesse de vista o negocio da fabrica de Lordello.

— E elle a dar-lhe e a burra a fugir! — disse a Custodia, dando aos hombros — Já lhe disse que me vou embora, que não quero saber de fabricas. Que

birra! Queria vossemecê que eu fizesse triste figura no Porto? É o que essa gente espera — essa canalha que tem pateado o Bartolucci porque eu não dei cavaco a nenhum d'esses pelintras e o dei a elle! D'essa não se hão de elles gabar. Elle é que é o meu marido, o homem do meu coração. Se casei com o outro, foi o pai e mais o José que me levaram a isso para fazerem figura; mas quem amolou as palanganas fui eu, foi a desgraçada que levava as bofetadas, e a final, casando muito rica, não tinha nada de seu. Arre c'os taes brazileiros, que fazem ás mulheres o que fizeram ás chinelas e aos barretes que levaram p'r'ó Brazil! Corja!

XVII

A baroneza do Rabaçal sahiu para Italia com o barytono e outras partes cantantes. Viram-na embarcar alegre, elegante, desenvolta e formosa, pelo braço do italiano soberbo da conquista que fizera nos dominios d'estes barões assignalados da occidental praia. Á porta da alfandega, no caes do embarque, estava um homem que ria como o Mephistopheles quando entregava a Margarida ao Fausto: era o conego Justino. Ella que nunca mais o vira desde que sahira para Lisboa, reconheceu-o n'aquelle rir zombeteiro, injurioso; mas não o imaginou a alavanca inflexivel de tamanho desabamento.

Eusebio Macario teve um novo ataque benigno de figado, restabeleceu-se, liquidou as suas acções ban-

carias e achou-se com um capital de dous contos e oitocentos mil reis. Fez planos, calculos, operações mathematicas, e achou que em Cabeceiras de Basto, onde formigavam morgados em via de ruina, poderia obter vinte e cinco a trinta por cento pelo seu dinheiro. Além d'isso, tinha uns torrões arrendados que lhe davam quatro carros de milho, e vinho para casa, afóra feijões e batatas. — Não é muito, pensava elle, mas um philosopho com pouco se arranja. — Elle estava philosopho.

Por esse tempo morrera em Massarellos um boticario muito antigo, o Gaudencio, que tivera fama como author de uma *Conserva* para doenças secretas, que elle plagiára d'uma PHARMACOPÊA LUSITANA impressa, d'um frade cruzio antigo. Os herdeiros annunciaram que vendiam a botica com todos os seus accessorios. Ninguem fallára ao annuncio. Os pharmaceuticos do Porto não a queriam pelo carreto, diziam. Eusebio vira o annuncio, tinha conhecido em uso proprio a *Conserva* do Gaudencio, e o abbade tambem se dera bem com ella, posto que o Viegas tratasse de burro o boticario de Massarellos. Não lhe pareceu absurdo nem indecente descer das aspirações de camarista portuense á sua antiga tranquillidade de boticario sertanejo.

Foi examinar a botica. Riam-se-lhe os olhos quando encontrou n'um garrafão a *Agua magistral* para dôr de pedra, que se faz com trinta e seis limões gallegos, folhas de rábãos, e outros ingredientes; a *Agua para a sarna,* feita de tanchagem e solimão;

Leite virginal, composto de lithargyrio subtil e vinagre branco; a *Conserva magistral para tisicos,* feita de carne de kágados, aljofar preto e peito de gallinha. Lá estava a *Triaga de esmeraldas,* antidoto de todos os venenos; *Sangue de drago,* que elle nunca tinha visto, e costumava dizer, quando era casado, que havia de sangrar a mulher, a Rosa Canellas, para se fornecer de *Sangue de dragão.* Em unguentos, uma riqueza. Havia o *Unguento mundificativo de nervos,* que serve para alimpar os nervos sujos — uma cousa muito simples feita de mel, de terebinthina e favas; o da sarna, o das lombrigas, os tres unguentos desopilativos do estomago, do baço e do figado; o *Unguento de fezes de ouro,* muito caro e de grande effeito em infecções adversas ao nariz e á moral. Grande variedade de unturas e trochiscos, a começar pelo de *Alipta muscata de Nicolas* e a terminar nos *Sublinguaes para tisicos,* composto de beldroegas e sementes de marmelos. Achou o *Pepino de S. Gregorio,* o *Cucumer asininus* de Galeno, uma raridade de que elle duvidava por falta de exemplares do tal pepino. Quanto a pilulas, uma profusão incomparavel. De *pós,* tudo quanto ha de melhor: — *Pós de João de Vigo,* os do *Papa Benedicto,* optimos para flatos, feitos de coentros; uns que corroboram o ventre, outros que seccam a sarna; nem lhe faltavam os *Pós para estofar barretes,* feitos de macella e cubebas, infalliveis para molestias da cabeça. Pelo que respeita a *Oleos* todo o encarecimento seria curto uma opulencia de Nababo pharmaceutico. O *Oleo de*

marmelos, de *alcaparras* e de *alacrãos,* achavam-se n'um estado de conservação invejavel, superior a todo o elogio; o de *rãs* e de *raposa,* um pouco avelhentados. Eusebio cheirava-os e apalpava-os com dedo scientifico. Convinha-lhe, optimo negocio, mas desfazia em tudo, — que só tinha a aproveitar as garrafas, que já ninguem usava d'aquellas moxinifadas revelhas. Tão finamente se houve que levou por duzentos mil reis a botica, incluindo um S. Miguel com as balanças, encarnado de novo, com uns olhos escarlates, tão inflammados, que pareciam pedir unguentos.

Sahiu para Cabeceiras de Basto Eusebio Macario com a botica em tres carros de bois. Fez-se um grande espanto quando o viram assistir á descarga dos caixotes. Brazileiros concorreram á porta da botica cheios de ironias e odios sediços. Perguntavam-lhe pela excellentissima baroneza, pelo excellentissimo genro, pelo illustre cavalheiro José Macario e por D. Felicia. Como ia o conego Justino? que fazia o pandego? se era certo estar eleito bispo *in partibus?* perguntava o bacharel a quem a Custodia devolvera a poesia a embrulhar banha do cabello. Macario começou a afinar com a troça e a fechar-se em casa, muito arreliado, com um grande arrependimento de voltar áquella cafraria. De noite, garotos assalariados iam

bater-lhe á porta: — Dá cá a Custodia, ó Macario; dá cá o Fistula; dá cá uma onça de jalapa e a baroneza do Rabaçal!

Sentia-se seriamente doente; e uma velha criada que levára do Porto, assim que se viu n'aquelle banzé e a não deixavam dormir de noite os pagodistas, despediu-se com medo de endoudecer. Eusebio ficou sósinho. Lembrou-lhe a Troncha. Onde estaria a Troncha? Informaram-no de que ella vivêra com o encommendado, o padre João da Eira; mas, quando veio abbade novo com criada nova, a Eufemia fôra para a sua casa, d'alli um quarto de legua, onde estava vivendo muito bem da costura e dos juros do seu conto e quinhentos.

Mandou-a chamar. Humilhado pelas affrontas dos seus patricios, contou-lhe ingenuamente as desgraças da sua familia, o seu isolamento, a doença, muito quebrantado de coragem para luctar com a perseguição. Pediu-lhe enternecidamente que viesse para a sua companhia, que lhe administrasse a sua casa e a sua fortuna. Mostrou-lhe o seu dinheiro, seis mil cruzados que queria empregar a juros, sendo ella a directora d'esse negocio. A Eufemia animou-o, que sim, que viria para a sua companhia; que não se lembrasse mais da familia — uma canalha brava; — e tratou logo de matar um frango para lhe fazer um caldo, foi ao Arco comprar generos, victualhas, especies, e encheu aquella casa triste da sua actividade, de bons cheiros culinarios, da sua alegria, abstendo-se da prodigalidade trivial dos seus cari-

nhos, funestos ás enfermidades visceraes. A hepatite do boticario, não obstante, prolongou-se com os desregramentos da bocca. Entretanto a Eufemia era procurada todos os dias por gente limpa, filhos segundos que empenhavam os relogios, morgados que traziam anneis de diamantes das esposas, contratadores de gado que assignavam escriptos de divida, funccionarios que descontavam os ordenados, lavradores executados pela fazenda, jornaleiros que empenhavam o seu fato domingueiro, e padres que jogavam nas feiras. A banqueira de Eusebio convencera-o de que dentro de dous annos lhe havia de dobrar o dinheiro, ou ella não era a Eufemia. E ajuntava: — Elles dizem que eu tenho quinze centos; mas, aqui que ninguem nos ouve, tenho mais de trinta e cinco, e Deus sabe o que eu teria, se o ladrão do Chrispim me não comesse quatrocentos mil reis. — Ella diffamava o insoluvel Chrispim, sempre que podia, com indelevel rancor.

Fez-lhe muito boa companhia. Em quanto elle teve febres nocturnas, poz o enxergão no tabuado, dormiu no seu quarto para o cobrir, enxugar-lhe os suores e dar-lhe as beberagens tepidas. Depois, quando a convalescença corria regular, retirou a cama, castamente, e tinha toda a cautela em não espertar pensamentos inconvenientes á hygiene e restauração sanitaria do figado e rins. Eusebio Macario admirava-lhe a cordura honesta, a reformação de costumes.

Nos projectos velhacos de Eufemia insinuára-se um pensamento digno, restaurador da sua ruim fa-

ma, quando um qualquer patusco lhe disse um dia: — Olha se elle casa comtigo para acabares com essa má vida. — Póde ser sem ser milagre — disse ella muito dengosa; e começou a martellar dia e noite n'essa idéa. Elle era velho e doente, passava de sessenta bons, tinha seis mil cruzados ao ganho, em bons soberanos; dentro de dous annos, ou tres o mais tardar, dobrava os pés com a cabeça. Se os filhos d'elle viessem a herdar, metade sempre seria da sua viuva. E de mais a mais, casada era outra cousa; outro respeito, sempre era madrasta d'uma baroneza; talvez lhe dessem *Dom;* e mettia muitas figas pelos olhos á gentalha de Cabeceiras de Basto. Mas um medo judicioso atravessava-lhe os calculos — uma desconfiança physiologica: — seria elle invulneravel ás flechas de Cupido? A idade pôl-o-hia na linha da celebre castidade do theologo Origenes, e do sabio Newton? Ella formulava estes quesitos em termos mais correntios, sem lardo de historia nem de mythos. E fazia experiencias cautelosas, delicadas, um tanto infelizes. Eusebio parecia refractario, mau conductor das descargas electricas, como o rato molhado de Franklin; não sentia o fluido das duas botelhas de Leyde, os peitos altos da Troncha, uma bateria, assentada nas rijas barbas de baleia do collete. Os seus olhos não se pasciam muito tempo n'aquellas uberdades de carnes molles, fluctuantes e tosadas, como montados maninhos. Se alguma vez a lembrança de uma engomadeira do Carregal, sua paixão unica no Porto, se associava ás saudades do *Palheiro* e ás decepções

do Municipio, elle demorava algum tanto a vista suspeita nas ilhargas redondas da Eufemia, mas esfriava-se com reflexões sedativas sobre a sua Moral, e o seu figado e os seus rins. Estas luctas intimas dos dous *eus* eram raras e passageiras. Ella desviava-se com uma dissimulação pouco menos de virginal quando lhe pescava no quebrado da vista, nos gestos languidos uns tons de volupia meiga, a pedir ternuras, abraços, desvarios serôdios. Estas ligeiras demonstrações, com o andar do tempo e com as resistencias delicadas, com a grande intimidade e com o regresso da perfeita saude, tornaram-se mais despoticas e por vezes impetuosas. Sentados á lareira nas noites grandes, no mesmo escabello, tinham umas reclinações casuaes, uns contactos em que elle parecia esquecido da postura da mão no quadril da Eufemia, e ella com a perna de muito bôjo em cima da trempe do fogão tambem se descuidava da usual decencia; mas, de repente, dava um ai de pejo, recolhia a perna, e com um garboso derengue de cinta esquivava a anca á pressão dos dedos distrahidos de Macario.

Assim que ella julgou maduro o seu projecto, começou a dizer de vez em quando que precisava descançar, cuidar de si, metter-se na sua casinha, e cuidar da sua alma, que já era tempo. Eusebio consternado com esta ameaça ao seu desamparado futuro pedia-lhe que tomasse criada e não trabalhasse; que tinham muito de que viver, graças ao céo; o capital d'elle crescia a olhos visto, que o não deixasse;

quanto á sua alma tanto podia tratar d'ella em sua casa como na casa d'elle. Eufemia insistia: que tinha quarenta annos, e desejava passar o resto da vida com honra; que assim é que ella entendia tratar da sua alma — que lá para beatices não tinha embocadura. E contava-lhe que o João da Levada, um lavrador remediado e viuvo, a perseguia para casar; mas que ella fugia com o que quer que fosse á seringa porque elle devia um conto e duzentos e era pelo dinheiro que a queria. Esta revelação fermentou no espirito de Eusebio a suspeita de que Eufemia gisára o plano de casar com elle.

O boticario não era mais severo com a sua honra do que tinha sido com a do filho. Os calculos da successora de Felicia na abbadia não o indignaram; pelo contrario, sentiu-se lisonjeado na sua individualidade physica que uma mulher ainda fresca, com o necessario para viver abastadamente, afim de se fazer honesta, o quizesse para marido. Ella continuava a suspirar pela vidinha honrada, e lamentava-se, praguejava contra a choldra dos brazileiros que andavam a espalhar que ella era amante do boticario, e só Deus sabia que nunca lhe passára pela cabeça tal idéa.

— Vossemecê bem sabe que não — fez ella quasi a chorar.

— Pois, Eufemia — disse Macario, lançando-lhe os braços ás almofadas frescas das espádoas — pódes dizer a esses patifes que não és minha amante, mas

sim que és brevemente minha esposa, e que has de sêl-o logo que se leiam os banhos.

—Ó idolatrado!—exclamou ella; e, dando-lhe nos beiços hilariantes muitos beijos sorvidos:—Ó idolatrado!

O conego Justino, quando soube que Eusebio Macario tinha casado com a Eufemia Troncha, disse ao conego Velloso: — Estes Macarios eram crueis! Vem o filho e casa-se-me com uma, vem o pai e casa-se-me com a outra! Uma guerra implacavel! Seja tudo pelo divino amor de Deus!

FIM

ERRATA

A pag. 205, lin. 9, onde se lê Swit leia-se Swift.